

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CLÁUDIA LEMOS

JESUS E O SÁBADO

São Leopoldo

2011

CLÁUDIA LEMOS

JESUS E O SÁBADO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração:
Bíblia, Novo Testamento

Orientador: Prof. Dr. Uwe Wegner

São Leopoldo

2011

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, por me ensinarem uma boa parte do que sei e por me darem a formação para que eu continue sempre buscando.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer:

Primeiramente a Deus, por esta oportunidade de me aprofundar na Sua palavra.

À minha família, que sempre está presente me dando estímulo e acreditando que tudo vai dar certo.

À amiga Patrícia, pelo carinho e várias leituras realizadas do trabalho.

Ao meu orientador, prof. Dr. Uwe Wegner, por tanto estímulo, correção e paciência durante esta trajetória.

Ao corpo docente do PPG da EST, pelo acolhimento, incentivo e aprendizado.

Aos funcionários do PPG e da EST, pelo tratamento sempre atencioso.

Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

Apocalipse 14.7

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar o sábado na bíblia e as implicações que ele trouxe para o povo de Deus. Estudaremos, também, as palavras de Jesus em relação a ele, considerando a importância que Jesus dava para esse dia. O primeiro capítulo explora o sábado no período do Antigo Testamento, visto que não há como entender a importância que os judeus dedicavam a esse dia nos tempos de Jesus, sem entender o que ele representou anteriormente. Incluiremos nesse capítulo um pequeno estudo sobre criacionismo, pois pensamos que a base para a compreensão da origem do sábado está na semana da criação, conforme relatado no livro do Gênesis. No segundo capítulo, analisaremos alguns versos do livro de Marcos, nos quais é relatado um embate que Jesus teve com os fariseus por causa do sábado. Finalizaremos expondo a parte teológica do sábado, suas implicações e consequências nos tempos de Jesus e ainda hoje.

Palavras chave: Sábado - Criação – Jesus

ABSTRACT

The present work intends to investigate the sabbath in the bible and the implications it brought to God's people. We are also going to study Jesus's words related to it, considering the great relevance the day had to Him, as a Jew. The first chapter explores the sabbath in the Old Testament, since there is no way to understand the significance the jewish people dedicated to this day, in Jesus's times, without understanding what it represented previously to them. We are going to include in the same chapter a brief study on Creationism, because we think the background to understand the sabbath roots are in the "creation week", according to the Genesis account. In the second chapter, we are going to analyze some verses taken from *The Gospel of Mark*, in which Mark reports to us a controversy between Jesus and the Pharisees, because of the sabbath. We are going to conclude with the theological meaning of the sabbath, its implications and consequences in Jesus's times and still in our times.

Key words: Sabbath - Creation - Jesus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O SÁBADO NO ANTIGO TESTAMENTO: SUAS POSSÍVEIS ORIGENS	14
1.1 As diferentes maneiras de estruturação do tempo nas culturas antigas e sua possível relação com o sábado judaico	14
1.1.1 Etimologia	14
1.1.2 Origem babilônica	18
1.1.3 Origem acádica	19
1.1.4 Origem quenita	20
1.1.5 Origem Cananéia	21
1.1.6 Origens diversas	22
1.2 O sábado no Pentateuco	23
1.2.1 O sábado no Decálogo	23
1.2.2 O sábado no Livro de Êxodo	29
1.2.3 O sábado no Livro de Levítico	31
1.2.4 O sábado no Livro de Números	34
1.3 O sábado e o sétimo dia	35
1.4 O sábado e a criação	37
1.4.1 O “dia” da criação	41
1.4.2 Modelos que tentam explicar a semana da criação	45
1.4.3 Modelo evolucionista	47
1.5 Visão adventista sobre a criação e o sábado	49
2 O SENHOR DO SÁBADO	51
2.1 O Dia do Senhor	51
2.2 Análise exegética de Mc 2.23-28	54
2.2.1 Traduções	54
2.2.2 Avaliação de traduções	55
2.2.3 Critérios de historicidade do texto	59

2.2.3.1 O Evangelho de Marcos e seu autor	59
2.2.3.2 Problemas referentes ao Evangelho de Marcos	67
2.2.3.3 Critério do Constrangimento	68
2.2.3.4 Critério da descontinuidade	69
2.2.3.5 Critério da Atestação Múltipla	71
2.2.4 Contexto menor da perícopre	73
2.2.5 Análise de conteúdo da perícopre	76
2.2.5.1 Versos 23 e 24	77
2.2.5.2 Versos 25 e 26	82
2.2.5.3. Verso 27	86
2.2.5.4 Verso 28	89
2.2.6 Teologia do Sábado	95
2.2.6.1 O senhorio de Deus como fundamento para o sábado	98
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de fazer algumas reflexões sobre o sábado bíblico. Para algumas poucas denominações cristãs, entre elas os adventistas do sétimo dia, religião a qual eu pertencço, entende-se que o sábado é o Dia do Senhor, dia de adoração que deve ser guardado e respeitado como tal. Entretanto, para a maioria absoluta dos cristãos, o dia de adoração passou a ser, há muito tempo atrás, o domingo. Essas duas posições contrárias geram, naturalmente, uma série de questões bíblico-teológico-doutrinárias. Para tentarmos entender as razões de cada um, temos que buscar na Bíblia e também na História da Igreja os argumentos.

Entendemos que o sábado é um tema que perpassa toda a bíblia e, obviamente, não teremos aqui condições de expor cada ponto. O Novo Testamento, contudo, será mais explorado, pois é onde encontramos a visão que Jesus tinha sobre o sábado, assim como o Seu posicionamento. Iremos partir de um texto do evangelho de Marcos, que será o nosso texto principal e usaremos os outros evangelhos sinóticos como textos de apoio. Esses textos são aqueles em que Jesus tem uma fala que gera conflitos de interpretação aos seus ouvintes em relação ao sábado.

Primeiramente, faremos uma exposição da importância que era dada ao sábado no período histórico do Antigo Testamento. Fazemos isso na tentativa de situar o leitor, pois se iniciarmos direto no Novo Testamento, talvez não haja a compreensão de muitas atitudes e palavras de Jesus, ou daqueles que viviam no Seu tempo e cujas palavras e ações foram registradas pelos escritores bíblicos, mais especificamente os evangelistas. Há muitos textos que mencionam o sábado no Antigo Testamento, isso já é uma evidência que há bastante material para estudo.

Determinar historicamente a origem da guarda do sábado é bastante difícil, perceberemos isso ao estudarmos o Antigo Testamento. Para os que interpretam literalmente o relato da criação bíblico, os primeiros versos de Gênesis 2 trazem a origem do sábado. Há muitos eruditos, entretanto, que

propõem teorias de que o sábado teria se originado fora do povo que veio a ser o povo de Israel. Para esses estudiosos, o relato bíblico da criação, conforme está registrado em Gênesis 1, não é literal, mas alegórico, ou metafórico. Nenhuma dessas teorias se mostrou, pelo menos até hoje, suficientemente convincente. Não iremos detalhar aqui todas essas teorias, gostaríamos apenas de trazer esta citação, a fim de demonstrar que temos consciência da amplitude do tema:

Vários estudiosos têm tentado encontrar explicação para a origem do sábado além daquela apresentada nas escrituras sagradas. Uma teoria é que ele foi emprestado dos antigos babilônios. Outra é que foi originalmente um festival lunar, marcando as quatro fases da lua - lua nova, lua crescente, lua cheia e lua minguante – os quais repetiam a si mesmos em intervalos de sete dias e meio cada. Os argumentos apresentados para apoiar essa hipótese têm produzido mais perguntas e problemas do que a pretensão que eles têm de solucionar¹ (tradução nossa).

Como a discussão é grande e não há como realmente chegar a uma certeza absoluta referente a essas teorias, faremos uma explanação das mesmas, a fim de termos em mente que todas essas teorias existem e são estudadas no meio acadêmico. Contudo, há também evidências de que o relato da criação pode ter acontecido assim como a bíblia o relata. Não há como termos comprovação absoluta disso, mas como há evidências, também não podemos simplesmente descartar essa hipótese.

Existe a possibilidade, se a Teoria da Criação como a bíblia relata for verdadeira, que o sábado tenha surgido entre o povo israelita e, de alguma forma, com o tempo, tenha sido assimilado, de várias formas, pelos outros povos. O que sabemos ao certo é que a instituição do sábado é uma tradição muito forte entre os israelitas. Além disso, o ponto principal desse trabalho se focará no período do Novo Testamento, quando o sábado já era uma instituição completamente estabelecida e guardada, inclusive por Jesus.

¹ *Various scholars have attempted to find some explanation for the origin of the Sabbath other than that presented in the Holy Scriptures. One theory is that it was borrowed from the ancient Babylonians. Another is that it was originally a lunar festival marking the four phases of the moon – new moon, first quarter, full moon, and last quarter – which repeat themselves at intervals of seven-and-a-fraction days each. The arguments presented in support of such hypotheses have produced more questions and problems than they presume to solve* (ODOM, Robert L. Sabbath and Sunday in early Christianity. Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1977, p. 12).

Seguido a isso, faremos uma análise da relação que Jesus tinha com o Dia do Senhor. Como Jesus entendia o sábado? Como Ele se comportava nesse dia? Quais as críticas que Ele fazia e quais as que sofria por “transgredir” o sábado, conforme opinião de muitos da época? A relação que Jesus tinha com o sábado é diretamente relacionada com a sua compreensão da Lei de Deus.

Alguns podem pensar que o assunto do sábado não é tão importante nos dias atuais, porque afinal, foi o próprio Jesus quem disse, resumindo a lei, que o principal de todos os mandamentos é amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo, como está escrito em Mc 12.30,31². Estaria Jesus dizendo então, ao pronunciar essas palavras, que o Decálogo foi substituído pela Lei do Amor? Mas será que todo o Decálogo já não era baseado na Lei do Amor?

Conforme as palavras de Samuel Bacchiocchi:

Vivemos hoje numa sociedade materialista e secularizada em que a tirania das coisas tem escravizado tantas vidas. Assim, mais do que nunca precisamos da experiência libertadora do sábado, o dia que Deus nos deu para nos ajudar a erguer-nos acima do mundo das coisas para entrarmos na paz de Deus para a qual fomos criados³.

Os homens/mulheres nunca foram tão fragmentados e perdidos como nos tempos que vivemos. Por isso também, deveríamos priorizar em nossas vidas o estudo do sábado e o pensamento de Jesus em relação a ele. A verdadeira adoração a Deus no sábado representa uma fonte de cura espiritual que não conseguimos nem imaginar em sua total dimensão.

Queremos fazer desta pesquisa um trabalho científico e imparcial, mas é claro que não desconsideramos que todos nós temos um conhecimento prévio e uma opinião já muitas vezes bem estabelecida sobre tais assuntos. Gostamos do que diz Meier em seu livro sobre *O Jesus Histórico*,

² Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. (A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Traduzida por João Ferreira de Almeida, 2 ed., São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p. 54, 55.

³ BACCHIOCCHI, Samuel. *Minha Pesquisa sobre o Dia do Senhor*. Disponível em: <<http://www.verdadeonline.net/textos/odiadosenhlor.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2010.

É certo que um estudante inicialmente aprende com os estudos feitos por outros – mas apenas para decidir a melhor forma de começar a enfrentar o problema; é nisso que se resume a educação⁴.

Temos sempre que ter um ponto de partida, que de alguma forma, é o guia de nossa formação, aquilo que entendemos como mais adequado e o parâmetro pelo qual tomamos decisões, e, “Num certo sentido, contudo, a mais importante defesa contra o subjetivismo extravagante é uma admissão honesta da atitude pessoal, do nosso próprio ponto de vista e formação.”⁵ Mas não ficamos estagnados nisso. Temos que ir adiante, a fim de crescermos intelectual e espiritualmente.

A palavra de Deus é sagrada e é um estudo fascinante. Ela nos remete para um mundo de possibilidades, idéias e diferenças que nunca têm fim. Nunca podemos dizer que entendemos tudo sobre um determinado assunto. Isso seria presunção. O estudo que faremos aqui está longe de ser exaustivo. Gostaríamos apenas de mostrar a importância que o tema possui.

A pesquisa está dividida em dois capítulos. Primeiro: O sábado no Antigo Testamento e o segundo: Jesus e o sábado. As considerações finais são apresentadas no encerramento desta dissertação, seguida pelas referências utilizadas para compor a mesma.

Neste trabalho, a menos que haja outra fonte específica indicada, todos os textos bíblicos citados foram extraídos da Bíblia Sagrada traduzida por João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada.

⁴ MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: Repensando o Jesus Histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 14.

⁵ MEIER, 1993, p. 15.

1 O SÁBADO NO ANTIGO TESTAMENTO: SUAS POSSÍVEIS ORIGENS

Dedicaremos este capítulo ao estudo do sábado no Antigo Testamento. Como cristãos sabemos que não há como compreendermos nossas raízes sem olhá-las com os óculos do berço do cristianismo, que foi o judaísmo. A importância do sábado no Antigo Testamento é clara, há muitos dados que nos levam a isso. Contudo, sua origem é bem mais difícil de precisar.

Parece-nos também complicado estabelecer o modo como os israelitas adoravam nesse dia. Veremos mais adiante que a lei do sábado apresenta uma série de restrições quanto àquilo que não se pode fazer nesse dia. Porém, não é claro o que se deve fazer. Em uma tentativa de esclarecer esses elementos, estudaremos as possíveis origens para o sábado, na bíblia e fora da bíblia, entre os povos que circundavam Israel.

1.1 As diferentes maneiras de estruturação do tempo nas culturas antigas e sua possível relação com o sábado judaico

1.1.1 Etimologia

Primeiramente, gostaríamos de fazer uma breve exposição da importância que era dada ao sábado no período histórico do Antigo Testamento. Acreditamos ser isso relevante, porque, o berço do cristianismo foi o judaísmo. A religião cristã deve muito à judaica e não há como compreender uma, sem mergulhar nas raízes e história da outra.⁶ Também para que haja a compreensão do processo de troca de um dia para o outro, devemos perceber o quão importante era o sábado para os judeus e para os primeiros cristãos. Se houve autoridade para isso, ou de Jesus ou dos apóstolos, ainda assim não foi um processo fácil e devemos buscar as razões para o mesmo.

⁶ Sem Escritura Sagrada não existe cristianismo. Desde o início, as comunidades cristãs liam e interpretavam no culto textos bíblicos como palavra de Deus. Textos bíblicos foram normativos e formativos da existência cristã no seguimento de Jesus. A linguagem e as imagens da Bíblia constituíram a matriz cultural das primeiras discípulas e discípulos de Jesus (ZENGER, Erich. A Sagrada Escritura de judeus e cristãos. In: *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p.16)

O termo grego *σαββατον*, é a transliteração do hebraico $\text{טב' } \hat{\text{e}}\text{v}; \text{h}; - \text{ta}, .$ É encontrada tanto no singular quanto plural. A origem da palavra hebraica não é certa. Provavelmente vem do verbo $\text{טב' } \hat{\text{e}}\text{v};$ que significa *cessar, fazer uma pausa*. Faz-se daí uma ligação com o primeiro livro da Bíblia, conforme está em Gn 2.2-3 “*E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera*”. Conforme esse raciocínio, o sábado estaria ligado com o momento da Criação Divina. Essa é, contudo, a única vez que o livro de Gênesis faz referência ao sábado. Nenhuma menção aparece do nome de nenhum dos patriarcas terem guardado o Sétimo Dia da Criação como Dia Santo.

De acordo com De Vaux:

Esse substantivo só é empregado na linguagem religiosa, para designar o sétimo dia da semana (freqüentemente), também a semana inteira, Lv 23.15 (caso único e duvidoso), por extensão, o ano sabático que ocorre a cada sete anos, Lv 25.2,8,34,35,43. Uma forma longa, *shabbaton*, designa alguns dias de festa e de repouso, que não caem necessariamente em um dia de sábado⁷.

Entretanto, há um texto, em Gn 26.5⁸, que é defendido por alguns como sendo um indício de que Abraão já conhecia as leis de Deus, incluindo o sábado. O texto realmente diz que Abraão obedecia e guardava os estatutos de Deus, mas não menciona quais estatutos são esses. Para entendermos que Abraão guardava o sábado, temos que inferir que Deus já havia prescrito Suas leis e as transmitido aos seres humanos.

Conforme a Teoria das Fontes⁹, que diz que o Pentateuco é uma reunião de diversos documentos escritos por diversos autores, em épocas

⁷ DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 512.

⁸ porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e a s minhas leis.

⁹ É consenso amplamente predominante na pesquisa que a composição final do Pentateuco, [...] não pode ser mero produto do acaso, mas remonta a um trabalho literário planejado. Obviamente pode-se descrever apenas de forma aproximada quando, como e por meio de quem essa composição final foi realizada. No atual estágio da pesquisa, talvez seja mais convincente a idéia de que a *etapa decisiva* está ligada à figura de Esdras, “comissário imperial” persa e “sacerdote” judeu, que por volta de 400 a.C. promulgou em Jerusalém um código de leis, aprovado pelos persas, e que constitui o documento básico da identidade judaica (“autorização imperial”) (ZENGER, 2003, p. 51).

distintas, esse texto de Gênesis pertence aos Escritos Sacerdotais¹⁰ e foi redigido no século VI ou V a.C., sendo então, um texto posterior ao exílio babilônico¹¹. Obviamente, os fatos narrados são de uma tradição e de uma cultura muito mais antigas. Portanto, independente do momento em que os textos foram escritos, o relato da criação pode ser fiel. Ao falarmos especificamente do livro do Gênesis, Westermann nos diz:

O livro de Gunkel, *Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit*, de 1895, no qual ele elaborou suas descobertas para o significado e compreensão de Gn 1, foi o trabalho mais importante desse período da pesquisa. Ele agora provou o que Ziegler já havia suspeitado, ou seja, que Gen 1 remonta a tradições muito antigas. Em seu comentário, Gunkel chega à conclusão de “que P tinha diante dele uma antiga narrativa e que essa mesma narrativa teria por trás uma história muito longa” p. 118f¹² (tradução nossa)

De acordo com uma teoria corrente muito aceita, esses escritos que expressam a idéia que os sacerdotes têm da criação, teriam sido assimilados na própria Babilônia. Entretanto, para Andreasen,

É curioso, é claro, porque um escritor nacionalista como P, que ou estava no cativeiro ou havia há pouco retornado dele, deveria estar contagiado pelos mitos de seus captores a ponto de incorporá-los em sua própria história religiosa e nacionalista¹³.

O lógico seria que eles tivessem uma atitude de repulsa ou rejeição à cultura que os estava dominando. A não ser que essa cultura fosse extraordinariamente cativante, que os atraísse e envolvesse, mesmo sem eles propriamente quererem isso, como parece ter sido a cultura grega alguns

¹⁰ A **história das origens** é composta por no mínimo duas fontes. Trata-se, de acordo com a teoria documental clássica, sobretudo de trechos do Escrito Sacerdotal (P) e do escrito jerusalemita ou Javista (J; característico é o uso do nome próprio divino Javé). (RÖSEL, 2009, p. 21).

¹¹ Gostaríamos de salientar que apesar da referida teoria ser bastante criticada e questionada, como é normal que aconteça no meio científico (ela não é e nunca foi, obviamente, aceita por aqueles que crêem na inspiração pura e direta), a mesma “*mostrou sua validade em múltiplos momentos e provavelmente também continuará mantendo sua vitalidade, ao contrário do que afirmam previsões cétricas*” (SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004b, p. 52).

¹² Gunkel's book, *Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit*, 1895, in which He worked out their significance for the understanding of Gen 1, was the most important work of that period of research. He had now proved what Ziegler had already suspected, namely, that Gen 1 goes back to very ancient traditions. In his commentary Gunkel comes to the conclusion “that P had before him an ancient narrative which itself would have had behind a very long history,” p. 118f. (WESTERMANN, Claus. *Genesis 1-11: A Continental Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1994, p. 82).

¹³ ANDREASEN, Niels-Erk A. *The Old Testament Sabbath: A Tradition-Historical Investigation*. Angwin, CA: Society of Biblical Literature, 1972. p. 64.

séculos depois. Contudo, o que se sabe do povo judeu no período do cativo, é que foi um povo que tentou se unir e se fechar para influências externas, justamente, buscando preservar a sua identidade. Gerstenberger nos diz que:

Devemos imaginar-nos que, na Palestina, Babilônia, no Egito e talvez em alguns outros países vizinhos, se formaram comunidades religiosas de judaítas que se orientavam crescentemente em seu Deus Javé, mantendo distância do ambiente que as cercava. Por via de regra, elas deviam ter tido uma vida bastante suportável. Na cidade babilônica de Nippur foram encontrados documentos comerciais de uma casa bancária pertencente a Murashu. Esses documentos também contêm nomes judeus. Ao que tudo indica, famílias judaítas na Babilônia eram dignas de crédito. Isso pode ser evidência de um certo processo de adaptação e absorção (cf. Jr 29.5-7: “Construí casas [...] plantai pomares [...], tomai para vós mulheres [...]”). De fato, não podemos contar com cem por cento de preservação da identidade. Somente os mais resolutos e as pessoas com marcas espirituais mais fortes é que se mantiveram, tanto na dispersão quanto na pátria, a Palestina, inflexivelmente apegados à doutrina tradicional e aos retos costumes; na maioria das vezes, no entanto, também eles desenvolveram a doutrina e os costumes somente no diálogo com o novo contexto. A tendência básica de comunidades de emigrantes, no entanto, é conservadora¹⁴.

Portanto, embora tenha acontecido a adaptação do povo à nova terra, pois não havia outra maneira, uma parte do mesmo manteve-se fiel aos ensinamentos de origem e é mais provável que essas pessoas já tivessem conhecimento da história da criação antes mesmo do exílio, ainda que a tenham registrado posteriormente.

Também G. Von Rad escreve em sua Teologia que:

Custa-nos acreditar que, em meio ao mundo cananeu, em cuja atmosfera religiosa, prenhe de mitos da criação, vivia, Israel até então não tenha tido motivo para atribuir a Javé a criação, quer dizer, o céu, a terra, os astros, o mar, as plantas e os animais¹⁵.

Notamos isso ao compararmos mitos da criação de diversos povos que viviam ao redor do que viria a ser Israel. Sabemos que a *Epopéia de Gilgamesh*, um rei sumério, é o texto mais antigo conhecido e revela

¹⁴ GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento: Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Editora Sinodal/CEBI, 2007. p. 251-252.

¹⁵ VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, Targumim, 2006. p.135.

semelhanças com a Bíblia no que se refere à criação e ao dilúvio¹⁶. Essas observações são relevantes quando ligamos a origem do sábado bíblico com o Gênesis, conseqüentemente, com a criação. Entretanto, evidências extra-bíblicas ligam as origens do homem com um deus ou deuses criadores, mas não mencionam um dia especial de descanso e santificação. O sábado passa a ter comprovações nos textos sagrados a partir do livro do Êxodo, ainda que o texto tenha sido escrito após o período do cativo.

No século XIX, iniciou-se uma busca acadêmica pela origem ou pelas origens do sábado bíblico. Desde o Iluminismo e a extrema valorização da razão que veio com ele, o depoimento bíblico da criação não era mais suficiente e, para muitos, não era nem digno de confiança. Muitas teorias e estudos surgiram então, para tentar explicar por que os israelitas tinham um dia de adoração. Citaremos a seguir, alguns estudos que foram delineados nesse período.

1.1.2 Origem babilônica

Alguns autores como Franz Delitzsch em sua obra *Babel and Bible*¹⁷ ou Harold Henry Rowley, na obra *Moses and the Decalogue*¹⁸, tentaram explicar o surgimento do Sábado do Antigo Testamento estabelecendo uma relação entre os israelitas e as culturas dos babilônios, dos cananeus e dos queeneus, respectivamente. Também alguns menológios¹⁹ babilônicos revelavam que existia recorrentemente uma relação entre dias considerados maus (nefastos) e as fases da lua, e que esses caíam nos dia 7, 14, 19, 21 e 28 do mês. De Vaux escreve que:

¹⁶ Referimo-nos aqui ao fato de ambos fazerem uma descrição ou tentarem pelo menos, explicar a origem dos seres humanos. Sabemos, contudo, que há muitas diferenças entre os dois textos, conforme CORDERO, Maximiliano Garcia. *La biblia y el legado del Antiguo Oriente: El entorno cultural de La historia de salvación*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977. p. 32.

¹⁷ DELITZSCH, Franz. *Babel and Bible: Two lectures*. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2004, 256p.

¹⁸ ROWLEY, Harold Henry. *Moses and the Decalogue*. Manchester, UK: The Manchester University Press, 1951, 118p

¹⁹ Descrição ou tratado dos meses entre os diferentes povos.

os textos dizem com variantes que, nestes dias, “o pastor dos povos (o rei) não deve comer carne cozida nem pão assado, ele não deve trocar de roupa, nem vestir roupas limpas, não deve oferecer sacrifícios nem subir em seu carro nem exercer a soberania. O sacerdote não deve entregar oráculos, o médico não deve tocar o doente. É um dia em que não convém fazer nenhuma ação desejável²⁰.

Como vemos, há uma série de restrições que lembram, ainda que remotamente, aquelas as quais foram sendo impostas ao povo israelita, desde o período do pós-exílio até o seu auge no período do Novo Testamento. O sábado teria então surgido desses dias. O que não encontramos, contudo, na tentativa de rastrear as origens do sábado entre o povo sumério, é o caráter de adoração e sacralidade que faz parte da concepção judaica.

1.1.3 Origem acádia

Ainda foi identificado que o termo acádio *sapattu* teria relação com o dia da lua cheia mensal, “e que é um dia de apaziguamento do coração (para os deuses), um dia propício²¹. Foi deduzido, então, que originalmente o sábado seria de mês em mês, somente depois de longo período teria passado a ser semanal²². O profeta Ezequiel teria colaborado para difundir essa data. Há alguns textos do Antigo Testamento como 2Rs 4.23²³, Is 1.13²⁴, Is 66.23²⁵, Os 2.11²⁶ e Am 8.5²⁷ em que o sábado parece ser colocado em paralelo com a lua nova, podendo então designar a lua cheia. Realmente “as duas principais festas de Israel, a Páscoa e as Tendas, eram celebradas na lua cheia do

²⁰ DE VAUX, 2003, p. 513.

²¹ DE VAUX, 2003, p. 513.

²² Conforme H. Zimmern em *Sabbath*, ZDMG 58 (1904) e T. G. Pinches em *Sapattu, the Babylonian Sabbath*, Proceedings of the Society of Biblical Archaeologists 26 (1904) e outros.

²³ Perguntou ele: Por que vais a ele hoje? Não é dia de Festa da Lua Nova nem sábado. Ela disse: Não faz mal.

²⁴ Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene.

²⁵ E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor.

²⁶ Farei cessar todo o seu gozo, as suas Festas de Lua Nova, os seus sábados e todas as suas solenidades.

²⁷ Dizendo: Quando passará a Festa da Lua Nova, para vendermos os cereais? E o sábado, para abrirmos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras.

primeiro e do sétimo meses e que, mais tarde, a festa de Purim será fixada na lua cheia do 12º mês”²⁸.

Também o principal argumento contra essa teoria é que o sábado israelita nada tinha de nefasto. Era um dia de celebração e alegria, mesmo com todas as proibições que foram sendo acrescentadas com o passar do tempo. Por outro lado, o *sapattu* é o dia da lua cheia para os acádios, não continha a idéia do repouso, da celebração do divino. Sabemos também que “Ezequiel não inventou o sabá; ele não o apresenta como uma novidade, pelo contrário, ele repreende os israelitas por não terem sido fiéis nesse caso, Ez 20.13; 22.26; 23.38”²⁹. Ezequiel claramente já conhecia o sábado, assim como os israelitas.

1.1.4 Origem quenita

Há ainda uma teoria astrológica que diz que o sábado é de origem quenita e que seria governado pelo planeta Saturno, o planeta sombrio, por isso, por alguma razão não muito certa, não seria um dia adequado ao trabalho. Os israelitas teriam se apropriado do sábado através de Moisés quando ele conviveu com os quenitas no deserto. O sogro de Moisés, Jetro, parece ter sido um quenita, que seria uma parte do povo dos midianitas³⁰.

Essa hipótese está ligada, conforme alguns estudiosos, com o surgimento da adoração a Javé. De Vaux diz que “Ora, ‘quenita’ pode significar ‘ferreiro’ e a exploração antiga das minas do Sinai justifica sua presença nesta região e os contatos que eles tiveram com os israelitas no deserto”³¹. Se considerarmos a proibição de acender fogo no sábado que está em Êx 35.3, poderíamos relacioná-la com o trabalho dos ferreiros e com a guarda do sábado. Ainda assim é uma hipótese frágil, pois não sabemos realmente quase nada a respeito dos quenitas, nem se eram mesmo ferreiros, nem se adoravam

²⁸ DE VAUX, 2003, p. 513

²⁹ DE VAUX, 2003, p. 514

³⁰ Esse estudo apareceu primeiro em *The Religion of Israel*, de A. Kuenen, Londres, (1874), mas quem realmente acrescentou a idéia dos quenitas foi B. D. Eerdmans, em *Der Sabbath*, Vom Alten Testament (1925).

³¹ DE VAUX, 2003, p. 516

Saturno ou se conheciam um dia específico de adoração. Muitas lacunas precisam ser preenchidas para conferir validade a essa teoria.

1.1.5 Origem Cananéia

O autor De Vaux menciona ainda a hipótese de uma possível origem cananéia para o sábado, como acreditam alguns. Entretanto, as dúvidas de como o sábado teria se desligado do sistema lunar, de como teria passado de um dia nefasto para um dia de celebração continuam sem explicação. Ele mesmo diz que:

Segundo tudo o que sabemos até aqui, o sistema da semana era estranho aos cananeus e, na época de Neemias, os mercadores fenícios não observavam o sábado, Ne 13.16. O shabat não teria sido um sinal distintivo da Aliança entre Iahvé e Israel, Ez 20.12,20; Êx 31.12-17, se ele tivesse sido observado pelos babilônios em terra de Exílio ou pelos cananeus na Palestina³².

Gostaríamos de lembrar também que dos dois sinais que os israelitas consideravam que os distinguiam dos outros povos, o sábado e a circuncisão, o segundo aparece em textos bíblicos de narrativas anteriores ao cativo. Conforme Gn 17.9-14, esse foi o momento da instituição da circuncisão. Seria difícil imaginar que um sinal que marcava uma diferença tivesse sido inspirado ou copiado de outros povos. Que razão teriam eles para isso? Teriam mantido a circuncisão já conhecida e adotado mais um sinal, o sábado?

Para Schmidt, a importância desses dois diferenciais deve ser compreendida à luz da Escrita Sacerdotal. Ele argumenta:

A importância que no Escrito Sacerdotal se confere à *circuncisão* e à *santificação do sábado* como “sinais” e, portanto, como características distintivas da fé em Javé, só se compreende a partir da situação da época exílica. O costume certamente antiqüíssimo da circuncisão, também existente entre os vizinhos orientais de Israel (Jr 9.24s.), era desconhecido no âmbito babilônico e pôde se tornar, por conseguinte, critério de diferenciação em relação às religiões circundantes. Segundo o Escrito Sacerdotal não é Moisés (cf. Êx 4.24ss.), mas já Abraão quem recebe o mandamento da circuncisão como sinal de uma “aliança perpétua”: todo recém-nascido do sexo masculino deve ser circuncidado no oitavo dia de vida (Gn 17.9ss.; cf. Lv 12.3). Em contrapartida a observação do sábado já se anuncia por ocasião da criação, quando Deus descansa no sétimo dia, o abençoado

³² DE VAUX, 2003, p. 515

e santifica (Gn 2.2s.). As pessoas da época dos primórdios e dos patriarcas, todavia, ainda desconhecem o sábado. Israel descobre a peculiaridade do sétimo dia quase que por acaso durante a marcha pelo deserto³³.

Talvez a palavra mais apropriada para Israel fosse *redescobre* a peculiaridade e importância do sábado na sua caminhada pelo deserto. Podemos entender, de qualquer maneira, que os dois sinais são muito antigos e a tradição os conservou.

1.1.6 Origens diversas

Existe outra hipótese da origem do sábado, que é dita mais agrícola, em que a guarda do dia teria se desenvolvido em um suposto período de 50 dias, constituído de 7 semanas mais um dia. Este tipo de contagem de dias era realizado na Babilônia³⁴. Contudo, nada além de suposições comprovam que o calendário judaico teria se desenvolvido daí.

Considerou-se também a hipótese de que o sábado teria se originado de uma adaptação de dias de comércio (*market days*), que eram divididos em espaços de três, quatro, cinco, seis, oito ou dez dias³⁵. Contudo, mais uma vez não temos uma real evidência de que esses dias de comércio tenham sido válidos em Israel. O professor de Antigo Testamento Andreasen diz que:

As considerações socioeconômicas são fundadas nos assim chamados dia de mercados, cuja existência vem sido demonstrada em muitas partes do mundo, entretanto, não no Oriente Próximo³⁶ (tradução nossa).

Embora nenhuma dessas teorias tenha se sustentado e se firmado realmente como a mais provável, o trabalho desses acadêmicos mostrou que a origem da santificação do sábado não precisava estar ligada a uma comunidade agrícola completamente estabelecida. Um povo nômade, como foi

³³ SCHMIDT, 2004b, p. 98.

³⁴ Tese apresentada por H. Lewy e J. Lewy, em *The Origin of the week and the Oldest West Asiatic Calendar*, Hebrew Union College Annual 17 (1942-1943).

³⁵ Conforme H. Webster em *Rest Days*, New York (1916).

³⁶ *The socio-economic considerations are founded in the so-called market days, the existence of which has been demonstrated in many parts of the world, though not in the Near East.* (ANDREASEN, 1972, p. 123).

o povo que viria depois a ser chamado de povo israelita, poderia bem conhecer e ter essa prática³⁷.

Outro ponto que é praticamente aceito por todos é a antigüidade do sábado celebrado semanalmente. Mesmo entre aqueles que pensam que o sábado pode ter origem em outros povos, há a concordância de que é uma das instituições mais antigas do povo de Israel. De Vaux diz que “o sabá é uma instituição muito antiga em Israel, muito anterior à adoção do calendário babilônico, o que aconteceu pouco antes do Exílio”³⁸.

Com esse rápido estudo pudemos perceber que vários povos têm um dia separado, que é diferente dos outros. Uma pesquisa interessante seria fazer o trabalho ao inverso, tentar encontrar a origem desses dias nessas outras culturas, ao invés de tentar encontrar a origem do sábado. Se considerarmos que o sábado foi estabelecido no momento da criação, ele veio primeiro e esses outros dias foram sendo modificados nos outros povos e pelos outros povos, no decorrer dos anos ou dos séculos. O que faremos agora é rastrear as informações que se tem do sábado na própria Bíblia, mais especificamente, no Pentateuco.

1.2 O sábado no Pentateuco

1.2.1 O sábado no Decálogo

Falaremos primeiramente dos dois Decálogos que aparecem no Pentateuco. Estão eles em Êx 20,2-17 e em Dt 5,6-21. Conforme Zenger:

O texto bíblico dos Dez Mandamentos possui uma dignidade singular: 1- Ele é transmitido duas vezes. 2- Ele é o único texto em que Deus fala direto e sem mediações para o povo todo. 3- Sua formulação é escrita pelo próprio Deus sobre as placas de pedra (cf. Ex 24,12; 31,18; 32,15; Dt 5,22). Por isso seria de esperar que os dois textos coincidisse palavra por palavra, pelo menos quando ambas as versões remontam ao mesmo círculo de autores. A comparação sinótica detalhada, no entanto, precisa registrar dezessete diferenças

³⁷ “By keeping the Sabbath holy, later Israel remembers or participates in the redemptive history of her past”. (CHILDS, 1974, p. 79).

³⁸ DE VAUX, 2003, p. 514.

menores ou maiores, que infelizmente são em parte niveladas pelas traduções³⁹.

Não veremos aqui todas as diferenças existentes nas duas vezes em que o Decálogo aparece. É importante para nós, contudo, lembrarmos que apesar da importância de guardar o sábado aparecer nos dois textos, a grande diferença é que o texto de Ex é elaborado com uma teologia criacionista e o texto do Dt com uma teologia histórica.

Contudo, o sábado é mencionado antes do Decálogo propriamente dito. No Livro do Êxodo, a primeira vez que aparece a palavra *sábado* é em Êx 16. 23, quando o Senhor diz ao povo que estava no deserto que não deveria colher o maná no dia seguinte, pois “*amanhã é repouso, o santo sábado do senhor*”. No entanto, em Êx 16. 4,5⁴⁰ já está subentendida a idéia do sábado, pois os israelitas deviam colher o dobro no sexto dia. Isso foi antes do encontro de Moisés com o Senhor no Sinai, no qual lhe foi dado o Decálogo. O povo que saiu do Egito então, já sabia que existia um dia em que eles não deveriam trabalhar, pois era o dia do *repouso*.

Embora exista a alegação de alguns analistas literários de que é difícil interpretar todo o contexto, pois Êx 16. 8⁴¹ contradiz os dois versículos citados, nele há a promessa de carne para à tarde e pão pela manhã e não acarreta verdadeiramente um problema para a interpretação do contexto geral. Normalmente, Êx 16 é atribuído ao Escrito Sacerdotal⁴². Mas os versículos 4 e 5 do referido capítulo parecem pertencer a uma tradição mais antiga, sendo por isso, atribuídos ao Javista e ao Eloísta (JE).

A análise de quais versos pertencem a quais escritos é tarefa muito detalhada e para nós, não é de especial interesse nesta pesquisa. Importante, nos parece, é que prevalece a idéia de que o povo tinha conhecimento da

³⁹ ZENGER, Erich. A Sagrada Escritura de judeus e cristãos. In: *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 75.

⁴⁰ Então, disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. Dar-se-á que, ao sexto dia, prepararão o que colherem; e será o dobro do que colhem cada dia.

⁴¹ Prosseguiu Moisés: Será isso quando o Senhor, à tarde, vos der carne para comer e, pela manhã, pão que vos farte, porquanto o Senhor ouviu as vossas murmurações, com que vos queixais contra ele; pois quem somos nós? As vossas murmurações não são contra nós e sim contra o Senhor.

⁴² SCHIMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004a, p. 155.

existência do sábado e o restante do capítulo reforça essa opinião, pois é dedicado a contar como acontecia a colheita do maná. Ainda que tenha havido a inserção de diversos textos mais antigos quando foi montada a escritura que chegou até nós, demonstra-nos que a tradição já respeitava esse material.

Conforme Hasel⁴³, os pontos principais que estão por trás da guarda do sábado podem ser encontrados ao longo de todo o capítulo 16. Encontramos que existem 6 dias de preparação para o Dia Santo (versículos 5, 22 e 29) e neles a porção que Deus dá de Maná é dobrada, a fim de que não seja necessário ninguém sair de casa no dia sétimo; É um mandamento divino (28); O sábado é sagrado (23); O sábado é o dia do descanso, dia de se abster de coisas que normalmente são feitas (23, 29, 30); O sábado não é um dia de jejuar ou prantear, é um dia de festa; Por fim, o sábado é um sinal da obediência dos homens a Deus (27, 28).

De qualquer maneira, sabemos que depois do exílio, a comunidade israelita se fortificou e se diferenciou cada vez mais dos outros povos através da guarda do sábado e da prática da circuncisão. Gass escreve que “Diante da ameaça de perda da identidade, especialmente dos deportados, buscaram-se formas de preservá-la, marcando claramente os limites entre o que é ser judeu e pertencer a outro povo”⁴⁴. A lembrança e a redação de que o sábado foi criado no momento da criação, pode ser o alicerce para uma comunidade que estava precisando de forças para sobreviver.

Gass nos faz uma bela análise do que representou o exílio para o povo que o sofreu:

O exílio foi um momento de profunda revisão da vida, da história. Apesar da incorporação de Judá no Império Babilônico, tanto as elites deportadas quanto os pobres remanescentes nas terras de Judá mantiveram sua consciência religiosa nacional. A situação de sofrimento no período do exílio foi um momento de crise que levou a uma reflexão sobre a história passada do povo, sobre sua infidelidade à aliança com YHWH⁴⁵.

⁴³ HASEL, Gerhard F. *The Sabbath in the Pentateuch*. In *The Sabbath in Scripture and History*, p. 27.

⁴⁴ GASS, Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulus, 2004. p. 19.

⁴⁵ GASS, 2004, p. 17.

A reflexão dos motivos que fizeram com que Deus permitisse a destruição de Jerusalém e a deportação de seus filhos foi muito forte entre os refugiados. A partir do momento que perceberam que foi o povo que violou a aliança e não Deus, eles decidiram agir de modo diferente, a fim de retomar o pacto que tinham com Deus. A guarda da lei foi tida então como essencial. Conforme Schwantes, falando sobre o período de Esdras, portanto, pós-exílio, temos a ênfase na importância da lei. O texto deixa claro a necessidade de uma organização estatal, para se firmarem e crescerem, quem sabe ser o reino forte que já havia sido nos tempos do rei Davi. Para isso, precisam voltar à prática da lei.

Básico em Esdras é, pois, a lei, a efetivação da torah, em Jerusalém e em Judá. Esta sociedade passa a estar inserida, através da cidade reedificada por Neemias, no âmbito das atividades comerciais das cidades da região, isto é, das cidades filistéias, e Samaria e da Transjordânia. Mas, esta cidade de Jerusalém e a sociedade de Judá só se podem inserir neste convívio social, caso mantenham o cumprimento da lei; estabeleçam sua própria identidade⁴⁶.

Vemos claramente como a observância da lei voltou a ser de real e extrema necessidade para aquele povo que estava se re-estabelecendo após ser liberto do cativeiro. Schultz descreve-nos a respeito das reformas de Neemias assim:

A observância sabática foi o próximo item para o qual Neemias voltou sua atenção reformadora. Não somente os judeus trabalhavam e vendiam no sábado, mas também permitiam que os tírios residentes em Jerusalém promovessem negócios naquele dia. Advertiu Neemias aos nobres de Judá que esse fora o pecado que precipitara o cativeiro de Judá e a destruição de Jerusalém. Em conseqüência, Neemias ordenou que os portões e Jerusalém fossem fechados aos sábados. Designou seus próprios servos para que servissem de guardas e fizessem cessar o tráfico. Uma advertência pessoal de Neemias teve o efeito de impedir a chegada de mercadores no dia de sábado, que costumavam esperar que os portões se abrissem no fim desse dia santo⁴⁷.

Para Neemias ter se voltado tão diretamente para a questão da reforma do modo de observar o sábado, parece-nos claro que esse era um dos mandamentos de Deus que o povo havia esquecido. Míguez, ao comentar sobre as reformas acontecidas depois do exílio babilônico, diz:

⁴⁶ SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2008, p. 77.

⁴⁷ SCHULTZ, Samuel. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 261.

Levou-se até o fim a reforma ideal? Os dados sobre o templo de Neemias e a organização da comunidade após sua volta do exílio mostram-nos que, se não houve um templo e uma cidade perfeitos como propunha Ezequiel, houve uma reforma religiosa, na qual a “Torá” de Ezequiel era bastante valorizada e na qual sua mensagem foi muito considerada. Sua influência estende-se, indubitavelmente, até a época de Jesus e do judaísmo posterior⁴⁸.

Entendemos que a Torá é “atribuída” ao profeta Ezequiel, porque sabemos da enorme e decisiva importância que esse profeta teve no momento tão difícil que foi o cativeiro para os judeus. Conforme Cordero, “Alguns autores crêem que foi Ezequiel quem impôs a instituição do sábado, inspirando-se no shapattu babilônico, e se converte assim em um sinal da aliança e da consagração do povo a Deus⁴⁹” (tradução nossa). Relembramos todavia que:

nunca o sábado israelita teve o caráter de nefasto. Por outro lado, Ezequiel não apresenta a instituição do descanso sabático como uma novidade, mas falou para os israelitas que eles não tinham cumprido a lei prescrita⁵⁰ (tradução nossa).

Como vemos, a Torah, a Lei de Deus, assumiu uma relevância que, ou não existia ou havia sido esquecida pelo povo israelita. Esse fato não é de todo incomum, pois a bíblia relata que durante o reinado de Josias, foi redescoberto o Livro da Lei e a partir daí, houve uma nova consagração do rei e do povo a Deus⁵¹. Gass descreve sobre essa extrema importância da lei e os fatores positivos e negativos que sobrevieram a todos. Para um povo que estava saindo do cativeiro, podemos apreender o seguinte:

No sentido positivo, a lei exerceu um papel importante no pós-exílio. Embora o rei persa a tivesse tornado também a lei do império para os judeus, ela foi fundamental para que a comunidade judaica sobrevivesse como povo, como etnia. A observância das prescrições da lei deu identidade social, nacional e religiosa ao povo, garantindo dessa forma sua sobrevivência como nação, num momento em que corria sérios riscos de ver sua cultura desaparecer em meio a um imenso império⁵².

⁴⁸ MÍGUEZ, Julio Lamelas. *Ezequiel*. In *Comentário ao Antigo Testamento II*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004, p. 236.

⁴⁹ *Alguns autores creen que há sido Ezequiel quien há impuesto esta institución Del sábado, inspirándose em El shapattu babilónico, y se convierte así em signo de La alianza y de La consagración Del pueblo a Dios*. (CORDERO, 1977, p. 326).

⁵⁰ *Pero nunca El sábado israelita tuvo el carácter de «nefasto». Por outra parte, Ezequiel no presenta La institución del descanso sabático como una novedad, sino que les echa en cara a los israelitas el no cumplir com aa ley prescrita al respecto*. (CORDERO, 1977, p. 326).

⁵¹ 2Rs 22-23 e 2Cr 34.1-2

⁵² GASS, 2004, p. 124.

Tem sido, por causa disso, um problema agudo para identificar a parte mais antiga e original do mandamento⁵⁵ (tradução nossa).

Os eruditos têm tentado estabelecer alguns critérios para identificar o quê seria realmente o decálogo original. Uma hipótese é a de que se mantivermos a primeira frase do decálogo, o restante seria uma adição posterior. Nesse caso, os mandamentos 6-8⁵⁶, que são extremamente diretos, seriam um exemplo do primeiro texto do decálogo. Os mandamentos quarto e quinto seriam os dois únicos que não iniciariam com uma proibição, mas com uma exortação.

Há também a hipótese de se colocar uma negação antes de todos os mandamentos e estruturá-los de modo que todos tenham o mesmo ritmo, em hebraico, é claro. O mandamento do sábado seria então *Não faça nenhum trabalho no dia do Sábado*. Entretanto, como estamos trabalhando sempre em um campo hipotético, existem os que defendem que não há a necessidade de haver uniformidade, nem o mesmo ritmo no decálogo original. Não há nenhum argumento legitimamente forte para justificar que o mandamento não poderia iniciar por *lembra-te*, ou *honra*, como são iniciados os mandamentos 4^o e 5^o.

Um grande número de pesquisadores tem ressaltado que a versão que aparece do Decálogo em Deuteronômio é muito mais humanitária que a versão de Êxodo. Certamente há a preocupação com o escravo e com o estrangeiro, mas B. S. Childs⁵⁷ defende que, a ênfase continua sendo na adoração a Deus, e não em quem deveria fazer essa adoração. A versão que os deuteronomistas teriam redigido inclui uma razão a mais para a adoração, além da criação.

1.2.2 O sábado no Livro de Êxodo

Parece-nos importante verificar um pouco mais, como o sábado aparece em outros textos do Pentateuco. O texto de Êx 31.12-18 fala sobre o

⁵⁵ *The fourth commandment in the present Decalogue is unquestionably a composite law consisting of early segments and later expansions. It has, therefore, long been a pressing problem to identify the oldest and original part of the commandment*" (ANDREASEN, 1972, p. 84).

⁵⁶ Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás.

⁵⁷ CHILDS, Brevard S. *The book of Exodus: a critical, theological commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974.

sábado e está inserido após uma longa e detalhada prescrição de Deus a Moisés, de como deveria ser a construção da Tabernáculo. Por que haveria a necessidade de lembrar mais uma vez da sacralidade do dia? Conforme Martin Noth e outros, a conclusão mais lógica é que a construção do Tabernáculo não deveria interferir na adoração do sábado.

Isso, entretanto, significa que o descanso do dia do sábado é para ser observado estritamente, mesmo durante o trabalho de construção do santuário, que foi aprovado por Deus; a pena de morte será aplicada a qualquer transgressor. O sábado é o 'sinal' do relacionamento peculiar entre Deus e o povo, através do qual todo o mundo deve reconhecer a existência desse relacionamento (v. 13b), o que faz Israel 'santa', o que separa Israel das outras nações⁵⁸ (tradução nossa).

O texto apresenta algumas repetições e falta de linearidade. Os versos 13 e 14 são parecidos. Os versos 14 e 15 contêm a pena de morte, caso o sábado não seja guardado e depois é repetida nos versos 16 e 17a. Além disso, nos versos 12, 13 e 14, lahweh aparece na primeira pessoa e Israel na segunda pessoa do plural. Nos versos 15, 16 e 17, lahweh e Israel são identificados na terceira pessoa. Obviamente percebemos duas ou mais tradições entretecidas nesse capítulo. O conhecimento oral que se tinha do sábado abarcava várias tradições.

A primeira tradição, conforme Andreasen, está em Êx 35.2,3. Moisés convoca toda a congregação dos filhos de Israel para dar as instruções sobre o Santuário. Inicia falando que eles têm seis dias para trabalhar e o sétimo dia é do Senhor, quem trabalhar nele, morrerá. Parece o mesmo texto que está em Êx 31.15⁵⁹, e também em Lv 23.3. Ao que tudo indica, a importância de trabalhar seis dias e descansar no sétimo é bastante antiga. Textos como Êx

⁵⁸ *It therefore means that rest on the Sabbath Day is to be observed strictly even during the work of erecting the sanctuary which has been enjoined by God; the death penalty will be carried out on any transgressor. For the Sabbath is the 'sign' of the peculiar relationship between God and people by which the whole world is to recognize the existence of this relationship (v. 13b) which makes Israel 'holy', i.e. which marks Israel off from the other nations (NOTH, Martin. Exodus: A Commentary. Philadelphia: The Westminster Press, 1962, p. 240-241).*

⁵⁹ Seis dias trabalhará, porém o sétimo dia é o sábado do repouso solene, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer alguma obra morrerá.

23.12 e Êx 34.21 já o denotam⁶⁰. Os redatores do escrito sacerdotal tinham isso sempre em mente, enquanto redigiam esses textos.

O *sábado* ainda aparece em Êx 34.21, “Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás, quer na aradura, quer na sega”, texto no qual são indicadas as festas que os israelitas deveriam guardar. O sábado está aqui, colocado lado a lado com as três maiores festas. Conforme Von Rad, citado por Homburg, “A tradição do Sinai pertence ao culto festivo da renovação do pacto. Esta era comemorada no outono, junto com a festa dos tabernáculos⁶¹”. Há um texto também em Êx 23.12, “Seis dias farás a tua obra, mas, ao sétimo dia, descansarás; para que descanse o teu boi e o teu jumento; e para que tome alento o filho da tua serva e o forasteiro”. Esses textos são atribuídos à narrativa javista, sendo, portanto, do período anterior ao estabelecimento da monarquia de Israel.

1.2.3 O sábado no Livro de Levítico

Outro texto no qual a tradição aparece é Lv 16.31⁶². O tema é o Dia da Expição. Nele, essa festa que acontecia anualmente é também chamada de sábado, pois era um dia solene, santo, dedicado à purificação dos pecados de todo o povo. De acordo com Paul Heinisch, essa relação do sábado com o Dia da Expição é pré-exílica⁶³. Os versos 29-34 são, contudo, geralmente aceitos como um acréscimo interpretativo posterior⁶⁴.

O texto de Lv 19.3⁶⁵ mistura o respeito ao pai e à mãe com a guarda do sábado. Há também o texto de Lv 19.30⁶⁶. Entre várias leis que são trazidas no

⁶⁰ Andreasen, Von Rad (Die Priesterschrift, p. 64), noting that vs. 3 is not part of God’s speech to Moses in Ex. 31:12-17, doubts that the verse is original in its present position. Two additional passages (Ex. 16:23; Num. 15:32-6) give specific Sabbath commands, and both have to do with making fires, probably for the purpose of cooking. It is quite possible, therefore, that the prohibition agains fire making, whatever the reason for it may be, is an old one (ANDREASEN, 1972, p. 71).

⁶¹ HOMBURG, Klaus. *Introdução ao Antigo Testamento*, [s.l.:s.n.:s.d:], p. 47.

⁶² É sábado de descanso solene para vós outros, e afligireis a vossa alma; é estatuto perpétuo.

⁶³ ANDREASEN, 1972. Citação que se encontra em *Das Buch Leviticus*, Bonn: Peter Hanstein Verlagsbuchlandlung, 1935, p. 79-80.

⁶⁴ NOTH, Martin. *Leviticus: a commentary*. London: SCM Press, 1977. p. 126.

⁶⁵ Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os meus sábados. Eu sou o Senhor, vosso Deus.

⁶⁶ Guardareis os meus Sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o Senhor.

capítulo relacionadas com agricultura, comportamento moral, relacionamento sexual, entre outras, parece ser consenso que a Lei do Sábado não pertence a esse contexto. São uma série de Leis Apodíticas⁶⁷ que são expressas nesse capítulo⁶⁸. Há alguns autores, inclusive, que tentaram encontrar o decálogo disperso em Lv 19, mas não conseguiram determinar quais as 10 leis que formariam o decálogo original⁶⁹. O sábado parece destoar desse todo, pois pertence diretamente à adoração divina. Observa-se que “os meus Sábados” é uma maneira de falar que aparece depois, com freqüência, nos textos proféticos de Ezequiel. Outra tradição que temos se encontra em Lv 23.3⁷⁰. É interessante notar que os versículos 2 e 4 têm o mesmo conteúdo, indicando que provavelmente eram 2 textos que depois foram sobrepostos. Muitos estudiosos defendem que os versos 2 e 3 são uma reescrita do período exílico e, possuem características desse tempo, como o contexto do Calendário de festas que fala de “*santa convocação*”, “*solene descanso*”. Contudo, o dito “*seis dias trabalhareis, mas o sétimo será o sábado do descanso solene*”, é bem mais antigo. Aparece no Decálogo, em Êx 31.25 e 35.2 também. Parece que se pode concluir disso que, existe a reescrita do texto, mas incorporando ditos que se sabiam serem bem mais antigos.

Existe também menção ao sábado nos versos 11, 15 e 16, do mesmo capítulo 3. Nesse contexto refere-se às atividades cúllicas e festivas. O sábado deve ser considerado como início da contagem para o *molho movido*, as primícias da terra que devem ser trazidas e ofertadas perante o Senhor, e a partir do sábado, mais sete semanas até o dia imediato ao sábado para finalizar essa contagem. Poderia ser uma dúvida a que sábado o texto está se referindo? Se ao sétimo dia da semana ou ao dia festival da primavera que os israelitas também denominavam sábado. Contudo, como o primeiro e o último

⁶⁷ **Leis de caráter incondicional** (leis apodíticas) – apresentam ordens categóricas em forma negativa ou em forma imperativa. Nestas ordens são encontradas orientações de caráter universal e geral, sendo adaptadas a quaisquer circunstâncias e contexto social por sua abrangência e relevância. Este tipo de lei está profundamente identificado com a revelação divina, pois só Deus pode revelar valores tão universais. Disponível em: <www.batistafluminense.org/pastas/552/Lição_2_Leis_no_AT.doc> Acesso em 16 dez. 2010

⁶⁸ ANDREASEN, 1972. Conforme Von Rad, em *Studies in Deuteronomy*, p. 25-36.

⁶⁹ ANDREASEN, 1972. Conforme Julian Morgenstern, em *The Decalogue of the Holiness Code*, 1955, p. 1-27 e também Sigmund Mowinckel em *Zur Geschichte der Dekaloge*, 1937, p. 218-35.

⁷⁰ Seis dias trabalhareis, mas o sétimo será o sábado do descanso solene, santa convocação; nenhuma obra fareis; é sábado do Senhor em todas as vossas moradas.

dia do festival não são chamados sábados em nenhum outro lugar, acredita-se que se refere aqui ao dia sétimo.

O escrito de Lv 23.32⁷¹ é muito semelhante a 16.31 e ambos estão no contexto do Dia da Expição. Alguns estudiosos pensam que o texto do capítulo 16 dependa do primeiro e que tenha sido uma inserção posterior aos textos sacerdotais já existentes⁷².

A conclusão do calendário das festas está em Lv 23.38⁷³. A dúvida paira no “além dos sábados”, o que isso significa? Seria por causa do verso 3, que já mencionava o “descanso solene do sábado”?

Existe ainda outra menção ao sábado em Lv 24.8⁷⁴. A referência aqui é aos pães que devem ser colocados na presença do Senhor nos dias de sábado. Segundo Andreasen, esse texto é atribuído aos redatores sacerdotais, que o adaptaram das tradições mais antigas que acompanharam os israelitas por toda a sua estada no deserto. Os serviços mantidos no templo eram de extrema importância. Embora a tradição dos pães que devem ser mantidos no templo do Senhor seja antiga, não há mais documentos históricos para fazer a relação desse ritual com o sábado, a não ser nesse texto.

O Ano Sabático está descrito em Lv 25.1-7. Deveria haver descanso para a terra, os israelitas entrariam na terra nova e trabalhariam nela por seis anos e o sétimo era descanso para a terra. Parece haver consenso de que aqui há pouca ou nenhuma redação sacerdotal e que o texto é bastante antigo. O que chama atenção, contudo, é a associação da terminologia do sábado sendo usada em um contexto de descanso não de homens, mas da própria terra. A instituição do sábado parece atingir vastamente a concepção israelita de descanso.

O verso referente ao sábado em Lv 26.2 é exatamente igual a Lv 19.30, mas neste está em uma repetição de leis gerais e naquele a ênfase é na ordem de Deus para os israelitas não serem idólatras. Poderíamos pensar que

⁷¹ Sábado de descanso solene vos será; então, afligireis a vossa alma; aos nove do mês, duma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado.

⁷² NOTH, 1977. p. 173,174.

⁷³ Além dos sábados do Senhor, e das vossas dádivas, e de todos os vossos votos, e de todas as vossas ofertas voluntárias que dareis ao Senhor.

⁷⁴ Em cada sábado, Arão os porá em ordem perante o Senhor, continuamente, da parte dos filhos de Israel, por aliança perpétua.

o redator do texto, que é comumente aceito como sendo de escrita sacerdotal, colocava na mesma qualidade de importância a quebra da guarda do sábado e a prática da idolatria? É difícil dizer, mas é interessante como e por que esses dois textos foram conservados juntos na tecitura final do livro.

Os versos 34 e 35⁷⁵, do mesmo capítulo, são como maldições que viriam sobre os israelitas como castigo pela desobediência ao Senhor. Entre esses castigos, temos o de estar sofrendo a desolação em uma terra estranha, porém, a terra abençoada descansará, durante esse período do cativeiro. Uma vez que os israelitas não cumprissem as ordenanças de Deus, Ele mesmo iria prover uma maneira de garantir o descanso da terra, ou melhor, a sua restauração. É também um descanso sabático. Muitos estudiosos defendem ser esse texto do período do exílio, quando os israelitas já estavam sofrendo as maldições. Contudo, há os que interpretam como verdadeiras profecias que se cumpririam caso viesse à desobediência⁷⁶. Nesse caso, o texto seria muito mais antigo. O verso 43⁷⁷ reafirma os versos anteriores, mostrando haver uma complementação entre eles.

1.2.4 O sábado no Livro de Números

Há mais textos concernentes ao sábado no livro de Números. Em Nm 15.32-36 relatam a dura história de castigo a um homem que estava apanhando lenha no dia do sábado. Foi apedrejado, conforme instruções do próprio Deus a Moisés, que as pediu, pois, até aquele momento, ainda não havia sido estabelecida a pena de morte aos transgressores do sábado. De acordo com Andreasen, é clara aqui a escrita sacerdotal, embora exista uma tradição mais antiga envolvendo esse texto⁷⁸.

⁷⁵ (34) Então, a terra folgará nos seus sábados, todos os dias da sua assolação, e vós estareis na terra dos vossos inimigos; nesse tempo, a terra descansará e folgará nos seus sábados. (35) Todos os dias da assolação descansará, porque não descansou nos vossos sábados, quando habitáveis nela.

⁷⁶ ANDREASEN, 1972. Conforme prof. Henning Graf Reventlow, em sua obra *Das Heiligkeitsgesetz*, p. 160.

⁷⁷ Mas a terra na sua assolação, deixada por eles, folgará nos seus sábados; e tomarão eles por bem o castigo da sua iniquidade, visto que rejeitaram os meus juízos e a sua alma se aborreceu dos meus estatutos.

⁷⁸ ANDREASEN, 1972, p. 81.

O texto de Nm 28.9-10⁷⁹ nos fala quanto às ofertas que deveriam ser trazidas todos os dias de sábado. Não é um texto tido normalmente como pré-exílico. No entanto, *“No exílio e tempos pós-exílicos, por outro lado, nós encontramos informações indicando que tais leis eram cumpridas, que os sacrifícios do sábado eram regulados*⁸⁰ (tradução nossa). Não significa que esse tipo de sacrifício oferecido no sábado não possa ser bastante antigo também, somente que não há evidências escritas disso.

1.3 O sábado e o sétimo dia

Para muitas pessoas, o sábado não é o sétimo dia. Um dos argumentos mais fortes que se usa é dizer que o sábado está relacionado com a Lua Nova. O Antigo Testamento apresenta realmente alguns textos que colocam os dois em paralelo.

Entre eles destacamos: 2Rs 4.23⁸¹, 1Cr 23.31⁸², 2Cr 8.13⁸³, Is 1.13⁸⁴ e Ez 45.17⁸⁵. Já vimos anteriormente, as várias tentativas de ligar o sábado com as fases da lua e com calendários de outros povos. Contudo, sempre que existe uma lei com referência ao sábado podemos identificar que há um período de seis dias, então, vem o sábado. Esse sábado é chamado de *Dia do Senhor* e, então, vêm as proibições, aquilo que não deve ser feito nesse dia. Conforme Andreasen, “exceto por Dt 5.13, todas essas leis vieram de P, ou são

⁷⁹ (v.9) No dia de sábado, oferecerás dois cordeiros de um ano, sem defeito, e duas décimas de um efa de flor de farinha, amassada com azeite, em oferta de manjares, e a sua libação; (v.10) é holocausto de cada sábado, além do holocausto contínuo e a sua libação.

⁸⁰ In *exilic and postexilic times, on the other hand, we do find information indicating that such laws were effective, i.e., that the Sabbath sacrifices were regulated* (ANDREASEN, 1972, p. 82).

⁸¹ E disse ele: Por que vais a ele hoje? Não é lua nova nem sábado. E ela disse: Tudo vai bem.

⁸² E para cada oferecimento dos holocaustos do Senhor, nos sábados, nas festas da Lua Nova e nas festas fixas, perante o Senhor, segundo o número determinado.

⁸³ E isto segundo o dever de cada dia, conforme o preceito de Moisés, nos sábados, nas festas da Lua Nova, e nas festas fixas, três vezes ao ano: na Festa dos Pães Asmos, na festa das semanas e na festa dos Tabernáculos.

⁸⁴ Não continueis a trazer ofertas vão; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene.

⁸⁵ Estarão a cargo do príncipe os holocaustos, e as ofertas de manjares, e as libações, nas Festas da Lua Nova e nos sábados, em todas as festas fixas da casa de Israel;

pensadas terem passado pelas mãos do escritor sacerdotal⁸⁶ (tradução nossa).

Notamos também que a estrutura que identifica o sábado como o sétimo dia (como em *descanso solene, santo sábado, sábado do Senhor*), parece que foi sempre uma adição, uma construção posterior do redator, não se sabe exatamente de qual período. Em algumas passagens a identificação como *Dia do Senhor* é presumida, não declarada, como em Êx 20.11, 31.16-17, Ez 46.1. Em alguns textos que se acredita serem mais antigos, não há a declaração de ele ser o sétimo dia e nem com que frequência ocorria (Is 1.13, Am 8.5⁸⁷, Os 2.11⁸⁸). Porém, há outros textos que se referem ao sétimo dia sem mencioná-lo como sendo o sábado (Êx 23.12 e 34.21). Podemos dizer então que, através das passagens bíblicas, não se tem uma declaração unívoca com respeito ao sábado e ao sétimo dia.

Para compreendermos totalmente a ligação do sábado com o sétimo dia, seria necessário fazermos uma análise etimológica profunda das duas palavras e de todos os textos nos quais elas aparecem. Por questão de espaço iremos sintetizar algumas observações. Primeiramente, não é possível provar que o sábado é mesmo relacionado com a Lua Nova, ainda que ambos apareçam paralelamente, como já foi mostrado nos textos anteriormente mencionados. Fazendo a leitura de todos os versos, nota-se que existem os festivais e o sábado, e são independentes.

Também não é certeza que o início do festival da primavera e da colheita eram associados à lua. Além disso, não há evidências no Antigo Testamento que demonstrem que exista desenvolvimento do festival de sete dias para a semana de sete dias, exceto que o sábado parece ser o sétimo dia e é um período de transição para outro período.

As leis mais antigas do Pentateuco, que estão em Êx 23.12 e 34.21 somente dizem para descansar no sétimo dia, mas não nos anunciam a razão

⁸⁶ *except for Dt 5.13, these laws all come from P, or are thought to have passed through the hands of the priestly writer.* (ANDREASEN, 1972, p. 99).

⁸⁷ Dizendo: Quando passará a lua nova, para vendermos o grão, e o sábado, para abrimos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganosas.

⁸⁸ E farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas festividades.

para isso. Podemos entender que o sábado é então, mais antigo que as escrituras. Essas não fazem muito esforço para explicar o seu surgimento, mas para dizer da sua existência e da importância de respeitá-lo.

1.4 O sábado e a criação

A importância do sábado como sendo o sétimo dia faz realmente sentido, quando tomamos o ponto de vista criacionista, assim como a bíblia descreve o processo da criação: Um período de seis dias, nos quais foi manifestado o poder criador de Deus para fazer surgir todas as coisas, animais e os seres humanos e o último dia, que parece ser o auge desse processo, em que Deus separa um dia para Seu descanso e o santifica.

De acordo com Ellison, há cinco problemas principais com a criação que vêm sendo estudados e debatidos no meio científico. 1) Comumente se pensava que os dois relatos da criação em Gênesis 1 e 2 eram o mesmo relato, sob pontos de vista diferentes. Contudo, muitos estudos têm argumentado que são relatos diferentes e podem representar um período de tempo grande entre um e outro. 2) As pesquisas científicas recentes ilustram um pouco da ordem que é encontrada em Gn 1, mas há muitos detalhes que não se aproximam e a Ciência não tem respostas ainda. 3) Os verbos usados para descrever a criação de Deus estão lá, mas os meios que Deus usou para atingir a criação não nos são dados. A evolução poderia preencher, então, essa lacuna. 4) O significado de *dia* (yom) em Gênesis 1, para esse autor, não é claro. Pode tanto significar 24 horas ou um período maior de tempo. Falaremos sobre isso em um capítulo posterior. 5) Podemos pensar que Gn 1.2 indica uma reversão do caos? Isso poderia explicar e reconciliar a semana de 6 dias de criação e os antigússimos fósseis que são encontrados. Para o estudioso em questão, o texto hebraico não suporta essa teoria⁸⁹.

Como vemos, os primeiros capítulos da bíblia são aqueles que mais trazem problemas e discussões.

⁸⁹ ELLISON, H. L. *Genesis*. In *The International Bible Commentary with the New International Version*. Michigan: Marshall Pickering/Zondervan, 1986, p. 112.

Se observarmos literariamente e também, teologicamente, o ser humano não foi o clímax da criação, como alguns gostam de pensar, porém o clímax foi a separação de um dia que deveria ser santificado. Westermann diz:

Alguns podem dizer que a criação da humanidade é o clímax, e isso é verdade até um determinado ponto. Mas não é verdade que Gn 1.26-28 seja o ponto alto da história no sentido de que os versos resolvem uma tensão⁹⁰ (tradução nossa).

Westermann também não acredita que seja o sábado o ponto áureo da criação, mas a separação entre trevas e luz. Acreditamos que os três primeiros versos do capítulo 2 são, na verdade, o fim da tensão criada, o clímax.

Há teorias que defendem o criacionismo, mas não entendem que tenha acontecido assim como narra a bíblia. De acordo com essa maneira de interpretar, Deus é criador, sem dúvida, mas a maneira que é apresentada a narrativa bíblica é uma forma de tentar explicar de maneira compreensível aquilo que vai muito além do nosso entendimento como seres humanos. Resumindo, a narrativa, para essas teorias, não é literal. Então, se a narrativa não é literal, é um mito, como crer que o sétimo dia é literal?

Suporta essa teoria o fato de existirem muitas semelhanças entre a narrativa da criação de Gênesis e várias narrativas de criação conhecidas de outros povos. Westermann aponta que:

Desde que George Smith publicou recentemente o relato babilônico da criação descoberto no ano de 1876 (*A versão caldéia da criação*), estudiosos têm se preocupado com as similaridades existentes com a história bíblica⁹¹.

Porém,

Tem sido demonstrado nesse período que *Enuma Elish* não é o único relato babilônico da criação, mas um, entre muitos. Tem sido demonstrado também que Gn 1 pode conter motivos dos relatos egípcios da criação. Gn 1 deve ser visto no contexto de um número de histórias de criação. Gn 1 adquiriu sua forma peculiar no decurso da história das tradições em Israel; mas o processo não era somente

⁹⁰ *One could say that the creation of humanity is the climax, and this is true to a certain extent. But it is not true that Gen 1:26-28 is the high point of the story in the sense that the verses resolve a tension.* (WESTERMANN, 1994, p. 80).

⁹¹ *Since George Smith published the newly discovered Babylonian account of creation in the year 1876 (The Chaldean Account of Creation), scholars have been concerned with the similarities with the biblical story.* (WESTERMANN, 1994, p. 80).

mais antigo que Israel, era estendido muito além para uma variedade de povos e culturas através do mundo⁹² (tradução nossa).

Percebemos que, realmente, o relato da criação de Gênesis tem similaridades com o relato de várias culturas. Tantos pontos em comum, aproximando os relatos, demonstram que não pode ser coincidência. Pensamos, contudo, que a questão fundamental não parece ser quem escreveu primeiro, mas quem relatou primeiro, ainda que oralmente. Sabemos que a tradição oral precedeu a tradição escrita. O relato de Gênesis passou por um processo de cortes e acréscimos na sua escritura no período pós-exílico, mas não significa que seu teor fundamental não tenha sido o relato do qual os outros povos se apropriaram e desenvolveram os seus próprios relatos da criação posteriormente.

Somos cientes que muitos estudiosos possuem uma diferente opinião. O próprio autor Westermann diz:

No cumprimento da sua missão de anunciar a criação a sua própria geração, P olhou em duas direções: Ele entrou em diálogo e debate com uma tradição que tinha chegado até ele e que era mais antiga e mais ampla do que Israel, e Ele refletiu sobre a mensagem de Deus que tinha sido confiada a Israel⁹³ (tradução nossa).

Há, entretanto, uma diferença fundamental entre Gênesis 1 e os outros relatos da criação e todos concordam com isso. Não há brigas, guerras ou nada parecido para a tomada de poder. O Deus de Israel simplesmente existe e determina que as coisas aconteçam. Ele não precisa conquistar a Sua soberania. Ele é. Essa é, sem dúvida, uma diferença muito importante, que torna singular o relato de Gênesis. Segundo Westermann:

A diferença decisiva entre Gn 1 e o relato babilônico da criação é que a criação em Gn 1 não é o resultado de uma briga; o elemento dramático está faltando. Isso indica contextos mais amplos. Gn 1 possui uma linguagem peculiar para ele mesmo que toma o lugar da

⁹² *It has been demonstrated in the meantime that **Enuma Elish** is not the only Babylonian account of creation, but one among many. It has been demonstrated too that Gen 1 might contain motifs from the Egyptian accounts of creation. Gen 1 must be seen in the context of a number of creation stories. Gen 1 took on its peculiar form in the course of the history of traditions in Israel; but the process was not only older than Israel, it extended far beyond her to a variety of peoples and cultures throughout the world.* (WESTERMANN, 1994, p. 81).

⁹³ *In fulfilling his task of proclaiming the creation to his own generation, P looked in two directions: He entered into dialogue and debate with a tradition which had come down to him and which was both older and broader than Israel, and He reflected on God's message which had been entrusted to Israel.* (WESTERMANN, 1994, p. 81).

ação dramática; Uma série de frases similares são repetidas através de todo o texto. Esta solene monotonia lembra as genealogias e as suas frases recorrentes⁹⁴ (tradução nossa).

Podemos perceber então, pelo menos, a singularidade do relato de Gênesis. Os autores têm um estilo tão próprio, divergem em elementos tão importantes de outras narrativas conhecidas que é bem possível pensarmos que eles possuíam uma fonte própria, única. Talvez a que cunhou todas as outras narrativas.

De acordo com alguns estudiosos, o sábado não pode ser o sétimo dia, simplesmente pela razão que a narrativa da criação é um padrão estrutural, não literal. O argumento a favor dessa teoria é que existem mais criações do que dias de criação, isso é, a criação não é distribuída igualmente. Dois dos sete dias (o 3° e o 6°) contêm mais de um elemento criado. Westermann argumenta o seguinte:

A opinião geral hoje é de que "o quadro de sete dias pertence a uma fase posterior da história do texto." A numeração dos dias, tem um lugar fixo na quinta parte da estrutura que delimita o comando de criação. É parte de um arranjo através do qual P preserva uma antiga tradição; estende-se desde o trabalho do primeiro dia que o torna possível, até o sétimo em que atinge o seu objetivo. A sistematização da sucessão das obras de criação já está na numeração dos dias, e isso é algo completamente diferente da sucessão das obras de criação determinada pelo objeto realmente criado⁹⁵ (tradução nossa).

Perguntamo-nos por que P estaria preservando tal antiga tradição? Por que para o escritor sacerdotal era importante manter a criação dentro de um período de seis dias e mais um que era especial? De alguma maneira ou por alguma razão, ele tinha ciência do elemento sete e preservou isso, ainda que não consigamos entender a ordem da criação, "Todas as tentativas de trazer as obras da criação a uma ordem sistemática devem ser abandonadas [...] A

⁹⁴ *The decisive difference between Gen 1 and the Babylonian account of creation is that creation in Gen 1 is not the result of a struggle; the dramatic element is missing. This indicates broader contexts. Gen 1 has a language peculiar to itself which takes the place of dramatic action; a series of similar sentences is repeated throughout. This solemn monotony recalls the genealogies and their recurring phrases.* (WESTERMANN, 1994, p. 81).

⁹⁵ *The general opinion today is that "the framework of the seven days belongs to a later stage in the history of the text." The numbering of the days has a fixed place in the fifth part of the structure which delimits the creation command. It is part of an arrangement by which P preserves an older tradition; it extends from the work of the first day which makes it possible, right up to the seventh in which it reaches its goal. A systematization of the succession of the works of creation is already in the numbering of the days; and this is something completely different from the succession of the works of creation determined by the object actually created.* (WESTERMANN, 1994, p. 88, 89).

explicação está no estágio pré-literário da história da tradição”⁹⁶ (tradução nossa).

Entendemos que Westermann é bem claro, por mais longe que consigamos ir, por mais que possamos comparar Gênesis com outras literaturas do período, não conseguiremos voltar ao estágio pré-escrito e ele é determinante. Com respeito ao tema amplamente debatido no meio acadêmico, a questão da literalidade da semana da criação, Hasel nos diz que:

A natureza do relato de Gênesis da criação, com seus seis ‘dias’ (Gen. 1:5-31) seguidos pelo “sétimo dia” (Gen. 2:2, 3), é de especial interesse, uma vez que ele é costumeiramente compreendido para significar uma semana literal. Um período tão curto no relato da criação tem sido alvo de debate pela corrente teoria naturalista da evolução. O contraste é entre o breve período do relato da criação e as longas eras exigidas pela evolução naturalista⁹⁷ (tradução nossa).

Compreendemos que esse debate não iniciou com a teoria da evolução lançada por Charles Darwin, pois bem antes dele já havia sido levantada a questão que os “dias” da bíblia poderiam ser alegóricos, não literais. Contudo, nos nossos tempos a discussão tem sido mais freqüente, devido a muitos fatores, principalmente as descobertas arqueológicas e geológicas.

Analisaremos alguns argumentos usados por aqueles que defendem biblicamente que “dia” na criação não é literal.

1.4.1 O “dia” da criação

Em Sl 90.4 é dito *“Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite”*. A presença da particular “como” é importante, pois faz uma relação entre “dia” e mil anos. Para Deus, não há passagem de tempo. Se nesse verso “dia” significa mil anos, não há razão para acreditar que em Gênesis seria diferente. Contudo, Hasel analisa que:

⁹⁶ *All attempts to bring the works of creation into a systematic order must be given up. [...] The explanation lies in the preliterate stage of history of tradition* (WESTERMANN, 1994, p. 89).

⁹⁷ *The nature of the Genesis account of creation, with six “days” (Gen. 1:5-31) followed by the “seventh Day” (Gen. 2:2,3), is of special interest, since it is customarily understood to mean one literal week. Such a short time in the creation account has come under debate on the basis of the current naturalistic theory of evolution. The contrast is between the brief period of the creation account and the long ages demanded by naturalistic evolution* (HASEL, Gerhard F. The “Days” of Creation in Genesis 1: Literal “Days” or Figurative “Periods/Epochs” of Time? *Origins* 21(1), 1994, 5-38).

De acordo com o ponto de vista da sintaxe hebraica, a partícula comparativa é usada não somente para a expressão “ontem” mas também para a frase “como a vigília da noite”, demonstrando que a comparação não é entre um “dia” sendo mil anos. Mil anos com Deus são “como” ontem, isto é, o dia passado, ou “como” “um vigília da noite”, até mesmo um período mais breve de tempo que “ontem”. O ponto é que Deus avalia tempo diferentemente do modo que os humanos o fazem⁹⁸ (tradução nossa).

Além do mais, o capítulo 1 de Gênesis não é sobre uma descrição da diferença existente entre o tempo humano e o tempo de Deus. Podemos dizer que “O contexto da criação do Gênesis fala de” dias “no sentido de tempo de criação, durante o qual Deus fez o mundo e pelo qual Ele estabeleceu o ritmo da semana⁹⁹” (tradução nossa). Também não existe nenhuma partícula comparativa em Gênesis. Também, devemos considerar que o Salmo 90 não é um Salmo que fala de criação.

Presumimos, então, que o texto não contém essa idéia. A conclusão de Hasel é que:

Tanto do ponto de vista contextual, como do gramático-sintático e semântico, a aplicação do Salmo 90:4 para Gênesis 1 simplesmente não funciona. Carece de qualquer critério lingüístico e fraseológico de comparação. Aqueles que conectam os dois textos ignoram o critério contextual, o lingüístico e o fraseológico. De certa maneira, aqueles que relacionam os “dias” de Gênesis 1 com o “ontem” e o “vigília da noite” ou os 1000 anos na escala de tempo de Deus estão misturando alhos com bugalhos¹⁰⁰ (tradução nossa).

Outro texto bastante usado por aqueles que dizem que os “dias” são apenas representativos é 2Pe 3.8, “Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia”. A análise é que se um dia representa mil anos, os “dias” de Gênesis são representação de um longo período de tempo. Os principais

⁹⁸ *From the point of view of Hebrew syntax, the comparative particle serves not only the expression "yesterday" but also the phrase "as a watch in the night," demonstrating that the comparison is not between a 'day' being like 1,000 years. A thousand years with God are "like" yesterday, that is, the past day, or "like" "a watch of the night," even a briefer period of time than "yesterday." The point is that God reckons time differently than the way humans do (HASEL, 1994, 5-38).*

⁹⁹ *The Genesis context of creation speaks of "days" in the sense of creation time during which God made our world and whereby He set the rhythm of the week (HASEL, 1994, 5-38).*

¹⁰⁰ *From contextual as well as grammatical-syntactical and semantic points of view, the application of Psalm 90:4 to Genesis 1 simply does not work. It lacks any appropriate linguistic and phraseological criteria of comparison. Those who link the two texts ignore contextual, linguistic, and phraseological criteria. In a way, those who relate the "days" of Genesis 1 with the "yesterday" and the "watch of the night" or the 1,000 years in God's scale of time are comparing apples with oranges (HASEL, 1994, 5-38).*

problemas com esse ponto de vista são que, primeiramente, não há contexto de criação para relacionar os dois textos. Também, o texto de Pedro possui a partícula comparativa “como”, que já vimos, não aparece no relato de Gênesis. Por último, a intenção de Pedro é dizer que Deus não se limita no tempo e que cumpre Suas promessas e é fiel¹⁰¹.

Falaremos agora de alguns argumentos que sustentam que o relato de Gênesis é literal, ou pelo menos que os autores de Gênesis assim acreditavam. Hasel destaca primeiro a pesquisa feita da palavra “dia” em alguns dicionários bastante conceituados, “Magne Saeboe escreve no aclamado ‘Dicionário Teológico do Antigo Testamento’ que ‘dia’ (yom) em Gênesis 1 tem um significado literal no sentido de ‘um dia inteiro.’ Ele nem mesmo considera outro significado ou alternativa”¹⁰² (tradução nossa). Também Ernst Jenni, estudioso do século XIX, diz o mesmo.

estabelece no dicionário teológico mais amplamente usado da língua hebraica que nós devemos entender ‘dia’ no relato da criação em Gênesis em seu sentido literal como um dia de 24 horas no sentido de uma unidade astronômica ou calendário de tempo¹⁰³ (tradução nossa).

Há também as considerações que se baseiam no uso da palavra “yom” no singular. Hasel argumenta que a palavra “dia”, ~Ayë ,(yom) aparece 2304 vezes no Antigo Testamento. Desse número, 1452 vezes ela está no singular. O Pentateuco a utiliza 668 vezes, sendo que 152 vezes estão no livro do Gênesis, e 83 vezes no singular.

No relato da criação, somente é usada a palavra no plural em Gn 1.14, que obviamente não faz parte do relato direto da criação e é compreendida como literal. São raras as discussões quanto a não-literalidade nesse verso. O verso 5 “Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia” usa a palavra “dia” no singular, e parece clara a distinção entre “dia” e “noite”, assim como verso 16 “Fez Deus os dois grandes luzeiros: o

¹⁰¹ HASEL, 1994, 5-38.

¹⁰² Magne Saeboe writes in the acclaimed *Theological Dictionary of the Old Testament* that “day” (yom) in Genesis 1 has a literal meaning in the sense of a “full Day.” He does not even consider another meaning or alternative. (HASEL, 1994, 5-38).

¹⁰³ states in the most widely used theological dictionary of the Hebrew language that we must understand “day” in the Genesis creation account in its literal meaning as a “day of 24 hours in the sense of an astronomical or calendrical unit of time (HASEL, 1994, 5-38).

maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas”, onde a palavra é usada no singular e, novamente, existe a distinção entre “dia” e “noite”. Concluindo esse pensamento, Hasel diz:

Temos que reconhecer o fato de que o termo yom em cada um dos seis dias tem a mesma conexão: (a) é usado no singular, (b) tem um numeral e (c) é precedido pela frase "Houve tarde e manhã". Esta tripla conexão entre o uso do singular, acompanhado por um numeral, e a definição temporal de 'tarde e manhã' mantém a criação do 'dia' a mesma em todo o relato da criação. Ela também revela que "o tempo é concebido como linear e eventos ocorrem dentro dele sucessivamente"¹⁰⁴ (tradução nossa).

Hasel também considera a seqüência numérica 1-7 importante e significativa. Para ele,

O que parece significativo é a ênfase seqüencial nos numerais 1-7, sem nenhuma pausa ou interrupção temporal. Este esquema de sete dias, o padrão semanal de seis dias de trabalho seguidos de um 'sétimo dia' como dia de descanso, interliga os 'dias' da criação como dias normais em uma consecutiva e ininterrupta seqüência¹⁰⁵ (tradução nossa).

Segundo o autor, todas as vezes que a palavra “yom” é usada com um numeral no Antigo testamento, e isso ocorre 150 vezes, refere-se invariavelmente a um dia literal de 24 horas. Há somente uma exceção, o texto de Zc 14.7 “Mas será um dia singular conhecido do SENHOR; não será nem dia nem noite, mas haverá luz à tarde”, que é um texto escatológico e que muitos estudiosos concordam ser um texto de difícil tradução. Seria sair das barreiras do provável usar esse único texto para alterar o uso direto que é feito em Gênesis¹⁰⁶.

Para finalizar essas considerações, Hasel levanta um último ponto que diz não só haver a seqüência de 1-7, como também a de “tarde-manhã”. “A rítmica frase divisória ‘e houve tarde e manhã’ fornece uma definição de ‘dia’ da

¹⁰⁴ *We have to recognize the fact that the term yom in every one of the six days has the same connection: (a) it is used as a singular; (b) it has a numeral; and (c) it is preceded by the phrase "There was evening and there was morning." This triple interlocking connection of singular usage, joined by a numeral, and the temporal definition of "evening and morning" keeps the creation "day" the same throughout the creation account. It also reveals that "time is conceived as linear and events occur within it successively* (HASEL, 1994, p. 17).

¹⁰⁵ *What seems of significance is the sequential emphasis of the numerals 1-7 without any break or temporal interruption. This seven-day schema, the weekly pattern of six workdays followed by "the seventh day" as rest day, interlinks the creation "days" as normal days in a consecutive and noninterrupted sequence.* (HASEL, 1994, p. 18).

¹⁰⁶ Hasel, 1994, p. 18.

criação. O 'dia' da criação consiste de 'tarde' e 'manhã', significando ser um dia literal"¹⁰⁷ (tradução nossa).

Com essas considerações, Hasel conclui que não há argumentos bíblicos que expliquem satisfatoriamente que o "dia" de Gênesis 1 não é literal, assim como não há como não ver as várias evidências de que "dia" representa realmente um período de 24 horas. Outros argumentos há de que o "dia" não é literal, mas embasados em observações e disciplinas não bíblicas, como a Geologia, a Astronomia e a Arqueologia. São certamente estudos válidos e complexos. Acreditamos que essas são, na verdade, as maiores barreiras para acreditarmos nos dias literais. As várias descobertas da arqueologia de fósseis, principalmente, desafiam qualquer criacionista a tentar entender e estudar muito mais esse assunto. Temos que ressaltar também que essas descobertas, muitas vezes, são suposições ou pressuposições do que parece ter sido, e não verdadeiras comprovações científicas. Os estudos arqueológicos são sérios, mas devido aos milhares de anos passados, tudo o que temos ao certo é uma evidência do que poderia ter sido. Para entrarmos nesses detalhes teríamos que fazer um estudo minucioso e detalhado de biologia, geologia, astronomia e arqueologia, principalmente. Devido ao espaço e por não ser esse o foco da pesquisa, não nos deteremos neles.

Apresentaremos somente, a seguir, alguns modelos que existem e pretendem explicar a semana da criação, considerando a narrativa bíblica.

1.4.2 Modelos que tentam explicar a semana da criação

A divergência principal entre esses modelos refere-se à quando várias partes do universo foram criadas e qual foi a fonte de luz durante os três primeiros dias da semana da criação¹⁰⁸.

Os principais modelos são: 1) **Deus fez tudo durante a semana da criação**. Esse modelo defende que a matéria da Terra foi criada no primeiro dia

¹⁰⁷ *The rhythmic boundary phrase "and there was evening and there was morning" provides a definition of the creation "day." The creation "day" consists of "evening" and "morning," and is thus a literal "day."* (HASEL, 1994, p. 18).

¹⁰⁸ ROTH, Ariel A. *Origens: relacionando a Ciência com a bíblia*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 310.

e a vida é criada no terceiro, quinto e sexto dias. O Sol, a Lua e o restante do Universo são criados no quarto dia. Os primeiros três dias teriam luz limitada vindo diretamente de Deus, até o Sol ser criado. Nesse modelo, o Universo tem poucos milhares de anos. 2) **O sistema solar foi criado durante a semana da criação; o resto do Universo é muito antigo.** Esse defende que as estrelas e galáxias foram criadas por Deus muitos milhões de anos atrás, mas o sistema solar tem somente uns poucos milhares de anos. Semelhantemente ao modelo anterior, a matéria da Terra foi criada no primeiro dia, a vida foi criada no terceiro, quinto e sexto dias. Quanto ao Sol, a Lua e os planetas, foram criados no quarto dia. Deus proporcionou luz nos primeiros três dias de algum modo especial, depois foi o Sol. 3) **A vida na Terra foi criada recentemente durante a semana da criação; todo o restante do universo, inclusive o sistema solar, foi criado muito tempo atrás.** Nesse modelo a Terra foi preparada para a vida, e a vida foi criada nela uns poucos milhares de anos atrás, durante a semana da criação. O Sol já existia, e a luz procedia dele durante a semana da criação. No quarto dia, foi tornado visível¹⁰⁹. Para Roth:

nenhum dos três modelos propostos acima para a semana da criação desafia o conceito de uma criação literal em seis dias e o repouso de Deus no sábado do sétimo dia, e todos os três podem responder à aparente incoerência de uma manhã e uma tarde para os primeiros três dias da semana da criação antes do aparecimento do Sol, no quarto dia. Naturalmente, um breve relato das origens, como se encontra no livro de Gênesis, deixará perguntas sem respostas, e várias interpretações são possíveis. Não há muita razão para ser dogmático sobre este tópico¹¹⁰.

Queremos ressaltar, com isso, que o criacionismo é uma teoria que tem bastante fundamento, quando olhamos para as páginas da bíblia. Não se trata de apenas fazermos uma interpretação fundamentalista, mas de percebermos as várias evidências que existem no texto bíblico, que podem ser interpretadas, pelo menos, como comprovação de que os autores bíblicos acreditavam que Deus criou em seis dias e descansou no sétimo. A seguir abordaremos alguns dados sobre a teoria evolucionista.

¹⁰⁹ ROTH, 2007, p. 308.

¹¹⁰ ROTH, 2007, p. 310.

1.4.3 Modelo evolucionista

A comunidade científica parece que tem o modelo evolucionista como o modelo padrão, aquele que possui mais evidências de veracidade, de acordo com aquilo que é aceito como verdadeira ciência. Evidentemente, há muitas descobertas arqueológicas, geológicas e de outras áreas que endossam esse pensamento. Gostaríamos de mostrar que algumas descobertas tidas como absolutas, talvez não o sejam tanto assim. Não podemos esquecer nunca que:

A história das atividades intelectuais do ser humano inclui a aceitação de amplas idéias predominantes chamadas paradigmas. Um exemplo é a idéia ora prevalecente da deriva dos continentes sobre a superfície da terra (placas tectônicas). Os paradigmas podem surgir e desaparecer, e podem ser verdadeiros ou falsos. A aceitação geral não é garantia de sua validade. A opinião popular não é um forte critério para a verdade. Ao buscarmos a verdade, devemos evitar ser apanhados em paradigmas errados. Isso se consegue praticando o pensamento independente e a pesquisa minuciosa. Devemos basear nossas conclusões somente nos dados seguros¹¹¹.

É importante dizermos que o “sentido mais geral do termo evolução refere-se ao progresso das formas simples de vida em direção às mais complexas”¹¹². Como criação nós entendemos o modelo descrito na bíblia. Há pensamentos intermediários, tais como evolução teísta, criação progressiva, ou evolução deísta¹¹³. Esses modelos rejeitam o fator unicamente mecanicista da evolução e entendem que existe algum tipo de interferência de Deus, mas não como relatado na bíblia¹¹⁴.

A teoria da evolução possui muitos pontos essenciais para os quais ainda não possui respostas, ou possui respostas que não são satisfatórias. A primeira delas é referente à origem dos seres humanos. A nossa complexidade biológica é imensa, embora não sejamos os maiores seres vivos encontrados no planeta. A paleoantropologia (estudo dos fósseis humanos) destaca-se

¹¹¹ ROTH, 2007, p. 43.

¹¹² ROTH, 2007, p. 27.

¹¹³ **Evolução Deísta:** O conceito de que Deus, tido em geral como impessoal, começou o Universo e possivelmente a vida em algum tempo no passado distante, mas não está ativamente envolvido no presente; **Evolução Panteísta:** O conceito de que Deus é a natureza e progride com ela, à medida que ela evolui; **Evolução Teísta:** O conceito de que a vida se desenvolveu durante longos períodos de tempo como resultado da obra de Deus associada com um processo evolutivo (ROTH, 2007, p. 358).

¹¹⁴ ROTH, 2007, p. 27.

como um dos ramos da ciência que mais apresenta provas da evolução. Entretanto, há muita discordância entre os especialistas nessa área, “Meio século atrás, o problema era desconcertante, com mais de cem ‘espécies’ de fósseis humanos [...]. Revisões na classificação misericordiosamente reduziram o número para menos de 10”¹¹⁵. Ainda assim, devemos admitir que o argumento criacionista da escassez de material fóssil “tem-se tornado menos válido à medida que muitos achados, nas últimas décadas, adicionaram importantes informações”¹¹⁶.

Porém, esses vários fósseis não fazem os estudiosos chegarem a uma conclusão. Eles podem ser divididos basicamente em *Australopitécíneos* (Criança de Taung e Lucy), *Homo habilis* (grupo mais difícil de ser definido), *Homo erectus* (homem de Java e homem de Pequim), *Homo sapiens arcaico* (mais próximo dos humanos, homem de Neanderthal). As batalhas existem quanto aos lugares onde os fósseis foram encontrados. Alguns defendem que os humanos teriam se originado na África, outros que viriam da Ásia, pois espécies foram encontradas nos dois lugares. A datação dos fósseis também não é unânime entre os cientistas. Um exemplar do *Homo habilis* foi datado como tendo 2,61 milhões de anos e após muita discussão, chegou-se a 1,88 milhão de anos, conforme o método do potássio-argônio. A comparação de moléculas orgânicas complexas semelhantes nos diz que quanto mais próxima é a semelhança molecular, mais próxima é a suposta relação evolutiva. Testes baseados em taxas estimadas de mudança evolutiva sugerem que os tipos humanos e os macacos estão separados de seus ancestrais comuns somente 5 milhões de anos atrás, e não 20 milhões, que era a conclusão anterior¹¹⁷. A diferença com certeza é grande.

Há ainda outra pergunta que os evolucionistas não conseguem responder. Se a humanidade existe há pelo menos meio milhão de anos, por que os registros de cidades, tecnologia ou qualquer outro rastro de sua existência só é comprovado a partir de alguns milhares de anos para trás. Se houve uma evolução gradual, aparentemente, os recursos tecnológicos começaram a se desenvolver somente nos últimos anos de existência.

¹¹⁵ ROTH, 2007, p. 116.

¹¹⁶ ROTH, 2007, p. 116.

¹¹⁷ ROTH, 2007, p. 117,118.

Todas essas questões são muito técnicas e merecem mais estudo. Não conseguiremos provar aqui que a teoria da evolução não é verdadeira, e nem é esse o nosso objetivo. Gostaríamos apenas de ressaltar que ela não é uma teoria sem lacunas. Ela não responde com certeza às dúvidas mais sérias dos seres humanos, quanto a sua origem, a origem da sua inteligência, a diferença de inteligência que existe entre os seres humanos e os animais, a datas dos fósseis, citando alguns exemplos.

O criacionismo também possui muitas questões em aberto. Queremos apenas que exista campo de debate para as duas teorias. Afinal, se houvesse respostas absolutas, deixariam de ser teorias. Exporemos a seguir, brevemente, a visão adventista sobre a criação e o sábado.

1.5 Visão adventista sobre a criação e o sábado

As idéias encontradas neste sub-capítulo são extraídas de STINA¹¹⁸ e TIMM¹¹⁹. Os versos de Ap 14.6,7 são muito caros aos adventistas. Neles estão contidos a terceira mensagem angélica que nos faz voltar os olhos para o Criador de todas as coisas, Deus. A partir deles foi que a igreja adventista começou a se desenvolver e estruturar suas doutrinas.

Eles reforçam a importância do evangelho ser pregado a todas as pessoas e também que é o momento de Deus executar o seu juízo. Três mensagens que são o fundamento da igreja: pregação do evangelho para todos; temor ao Deus criador (relação com o sábado) e juízo de Deus (ligação com a segunda vinda de Jesus).

O sábado está ligado à criação a partir do Gênesis, momento em que Deus cria esse dia, o abençoa e o santifica. Os adventistas entendem que o sábado é um convite de Deus para descansar nEle. Essa é a compreensão que temos de santificação. Aproximação a Deus. No Sinai, quando Deus escreveu os mandamentos nas pedras da lei, foi o momento de registro perene da Sua lei, não foi a primeira vez que Deus a deu ao Seu povo, nem foi dada somente

¹¹⁸ STINA, Neumoel. *Estacione aqui: Deus convida você para descansar*. São Paulo: Scor/Tecci, 2007, p. 23-55

¹¹⁹ TIMM, Alberto R. *O sábado na bíblia: por que Deus faz questão de um dia*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010, p. 10-26 e 100-120.

aos israelitas. A lei de Deus é eterna e válida para todos. Assim como o sábado não surgiu depois do cativeiro babilônico, ele foi somente reforçado e recuperado.

Acreditamos que todos os mandamentos são de igual importância, o quarto mandamento, o sábado, somente é mais enfatizado por ser aquele que é mais facilmente esquecido. Ninguém ousaria dizer que matar não é mais pecado, ou que honrar pai e mãe não é mais importante. Contudo, o sábado é aceito por muitos como não sendo mais válido.

A guarda do dia do sábado, entendido pelos adventistas como sendo o sétimo dia, não assegura a ninguém a salvação, assim como nenhum dos outros mandamentos garantem isso. A salvação vem somente através de Jesus Cristo. A guarda da lei é consequência da fidelidade a Jesus, não razão para salvação. É prova de agradecimento.

A bênção que o sábado nos traz possui um profundo sentido teológico, que vai muito além de uma lista de coisas que são permitidas ou não nesse dia. Acreditamos que é uma questão de relacionamento com o nosso criador, e isso é muito mais amplo do que conseguimos imaginar.

Assim sendo, não há como julgarmos a maneira como cada pessoa vive o sábado, nem como determinarmos o modo certo de fazê-lo, pois é o relacionamento pessoal de cada pessoa com Deus. Temos que ter cuidado em não tornar o sábado um fardo, como o era nos tempos de Jesus, assim como em não torná-lo um dia qualquer, pois o sábado envolve santidade. Envolve reconhecimento de que existe um deus criador. Envolve obediência em fazer a Sua vontade. Dessacralizar o sábado é tão grave quanto sobrecarregá-lo com questões menores.

Acreditamos que Jesus tinha consciência e conhecimento disso tudo e Seu comportamento se embasava no respeito ao Deus criador e a Sua vontade. A partir daqui, iniciaremos uma análise dessa relação de Jesus com o dia de sábado. Tendo sido Ele o fundador do cristianismo, é crucial que entendamos ou procuremos entender o ponto de vista que Jesus tinha sobre esse dia.

2 O SENHOR DO SÁBADO

Neste capítulo nos ocuparemos em fazer uma análise de uma cena narrada no ministério de Jesus pelo evangelista Marcos, que é representativa da Sua própria relação com o sábado e, em última instância, com a Lei de Deus. O sábado é um dos mandamentos do Decálogo. É difícil entender a posição de Jesus sem analisarmos todas as palavras dEle sobre lei. Contudo, tentaremos fazê-lo, através de 6 versículos (Mc 2.23-28).

2.1 O Dia do Senhor

É comumente conhecida a expressão “Dia do Senhor” – Κυριακή ημέρα – normalmente referindo-se ao domingo. Os estudiosos dizem que, no final do segundo século da era cristã, já estava consolidada a relação do domingo com o “Dia do Senhor”. Conforme Gruyters:

Às vezes, o primeiro dia da semana, o domingo, era também chamado de ‘oitavo dia’. O sábado, na espiritualidade judaica, era o dia da criação do mundo. O domingo representava o início da nova criação. Era, ao mesmo tempo, o primeiro e o oitavo dia, a realização plena das promessas de Deus, a antecipação do dia sem fim, na eternidade. E assim como o menino judeu devia ser circuncidado no oitavo dia após o nascimento (cf Lc 2,21), assim também a circuncisão espiritual, o batismo, acontecia no oitavo dia, no domingo¹²⁰.

A associação do nome de Jesus com o domingo foi gradual, mas acabou por se firmar no conceito de muitos como verdadeira. Ainda Gruyters diz:

Os dias no Império Romano tinham nomes de planetas. A Igreja nunca adotou o nome de ‘dia do Sol’ para o domingo. Mesmo assim, autores cristãos, como são Jerônimo, tentavam cristianizar esse nome pagão e passaram a chamá-lo ‘O dia do Senhor’, o dia da ressurreição, o dia dos cristãos. E se os pagãos o chamavam dia do Sol, com mais razão os cristãos podiam chamar, pois o Cristo ressuscitado era a luz do mundo, o sol da justiça¹²¹.

¹²⁰ GRUYTERS, Antônio H. M. *Santificar sábado ou domingo: o que diz a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 8.

¹²¹ GRUYTERS, 2003, p. 8.

Pensamos que era uma tentativa dos cristãos de, em meio a um mundo repleto de adoração a inúmeras divindades, considerado por eles de mundo pagão, ressaltar o nome de Cristo. Jesus tornou-se, então, Senhor do domingo, e o domingo passou a ser o dia do Senhor. Há também o fato de Jesus ter ressuscitado em um domingo, e era e é uma maneira de celebrar esse dia.

É interessante notarmos, contudo, que o próprio Jesus nunca pronunciou essas palavras, quanto mais se referindo a si mesmo. Podemos encontrar tais palavras no escritos dos profetas veterotestamentários Isaías (13.9 e 58.13), Jeremias (46.10), Ezequiel (13.5 e 30.3), Joel (1.15, 2.11 e 2.31), Amós (5.18-20), Obadias (1.15), Sofonias (1.7 e 1.14), Zacarias (14.1) e Malaquias (4.5). Com exceção do texto de Is 58.13, todos os outros textos ou são de advertência, para aqueles que não estão preparados para o “Dia do Senhor”, ou são de descrição de o quão terrível esse dia será. Os profetas do Antigo Testamento tinham a concepção de que esse dia era um dia em que Deus revelaria o Seu lado terrível.

Contudo, não seria só isso. Seria também um dia majestoso, de revelação da glória de Deus. Von Rad nos diz a respeito da descrição que esses profetas fazem do “Dia do Senhor” que:

Mas também esse aspecto horrível tem um caráter de suprema glória. É assim que Javé aparece para socorrer o seu povo. Mesmo quando ele surge para o julgamento “no brilho de sua majestade” (Is 2.19, *hadar ge'onô*), para fazer com que todo o orgulho humano coma poeira, o olhar do profeta se fixa extasiado na revelação que Javé faz de si mesmo e nos fenômenos que a acompanham. Isaías e Sofonias celebram, no estilo hínico, a última teofania do “dia de Javé”¹²².

É certo que dentro do ambiente judaico era bem consolidado o conhecimento de que haveria “um dia” no qual “o Senhor” faria a Sua justiça, de maneira esplendorosa e terrível. É freqüentemente associado a um evento bélico. Entretanto, não foi de Jesus que partiu essa identificação entre Ele mesmo e o dia lembrado tantas vezes no Antigo testamento. Pelo menos, os evangelhos não possuem tais palavras.

¹²² VON RAD, 2006, p. 356.

Gostaríamos de ressaltar, também, que a conotação que “Dia do Senhor” adquiriu com o cristianismo, é inteiramente diferente daquela do judaísmo. Esse dia não é mais associado com ira, fúria, acerto de contas devidas, mas somente com o aspecto vitorioso que a ressurreição de Jesus teve. É um dia de celebração e alegria.

Podemos encontrar, entretanto, outra expressão, dita pelo próprio Jesus, de sorte que o Filho do homem é “*Senhor do Sábado*” – Κυριοῦ τοῦ σαββάτου – encontrada em Mc 2.28 e também em Mt 12.8 e Lc 6.5. Gostaríamos de tentar entender a razão pela qual Jesus fez essa declaração. Estaria Ele, ao fazer essa declaração, que é uma proclamação, querendo dizer que a Cristo pertencia o poder e a autoridade para estabelecer outro dia de adoração? Estaria Ele libertando as pessoas do peso que as leis cerimoniais haviam imposto sobre o sábado? Analisaremos, por isso, essas palavras de Jesus e o contexto em que elas foram ditas, a fim de tentarmos estabelecer o sentido e a intenção das mesmas.

Vários biblístas argumentam que Marcos foi o primeiro evangelho a ser escrito, ou, pelo menos, o primeiro daqueles que chegaram até os nossos dias. Teria sido como que um modelo para os outros sinóticos. Meier diz que:

Os críticos da forma da década de 1920 com razão assinalaram que a base do Evangelho mais antigo, o de Marcos, é a compilação de tradições orais ou escritas, reunidas por formas e temas comuns e palavras-chave¹²³.

O estudioso Lane também comenta que:

Antes do surgimento da crítica moderna, o Evangelho de Marcos foi quase totalmente negligenciado. No período Patrístico era tão completamente ofuscado pelo Evangelho de Mateus, que no final do século quinto, Victor de Antioquia, queixou-se da total ausência de comentários sobre Marcos. [...] A raridade de comentários antigos sobre o Evangelho é devido ao parecer comumente recebido que Marcos era apenas um resumo de Mateus. Essa convicção foi pouco contestada até o século XIX, quando a convicção de que Marcos

¹²³ MEIER, John P. *Um judeu marginal: Repensando o Jesus histórico*. v1: *As raízes do problema e da pessoa*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 50.

forneceu a chave para resolver o problema sinóptico introduziu o período da crítica moderna¹²⁴.

Por isso, consideramos neste trabalho que a escrita mais antiga pertence ao evangelho de Marcos.

2.2 Análise exegética de Mc 2.23-28

Neste capítulo, faremos uma análise exegética dos versos citados. Entre um número significativo de vezes que os evangelistas narraram os questionamentos e problemas que Jesus sofreu por causa do sábado, encolhemos esses versos pois contêm palavras de extrema importância para a compreensão do posicionamento de Jesus. Seguiremos os passos de uma exegese que nos conduzirão para o sentido teológico das palavras de Jesus no contexto em que estava, que, em última instância, é o que verdadeiramente nos importa.

2.2.1 Traduções

Iniciaremos apresentando uma tradução interlinear do texto, que permitirá uma aproximação em sua escrita e significado originais.

²³ Kai. evge,neto auvto.n evn toi/j sa,bbasin
paraporeu,esqai dia.
E aconteceu ele em o(s) sábado(s) passar através
tw/n spori,mwn(kai. oi` maqhtai. auvtou/ h;rxanto
o`do.n poiei/n
dos campos de cereais, e os discípulos dele começaram caminho a
fazer
ti, llontej tou.j sta,cuajÅ
arrancando as espigas

¹²⁴ *Prior to the emergence of modern criticism the Gospel of Mark was almost totally neglected. In the patristic period it was so thoroughly overshadowed by the Gospel of Matthew that in the late fifth century Victor of Antioch complained of the total absence of commentaries on Mark. [...] The rarity of ancient commentaries on the Gospel is due to the commonly received opinion that Mark was only an abstract of Matthew. This persuasion was scarcely challenged until the nineteenth century, when the conviction that Mark provided the key for solving the Synoptic problem introduced the period of modern criticism.* (LANE, William L. "The Gospel According to Mark: The English Text with Introduction, Exposition and Notes". In *The New International Commentary on the New Testament*, ed. F.F. Bruce, 2. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974, p. 3).

²⁴ kai. oi` Farisai/oi e;legon auvtw/|\
E os fariseus diziam a ele:
 i;de ti, poiou/sin toi/j sa,bbasin o] ouvk
 e;xestin
Olha, por que fazem no(s) sábado(s) o que não é permitido?

²⁵ kai. le,gei auvttoi/j\
E diz a eles:
 ouvde,pote avne,gnwte ti, evpoi,hsen Dauid
nunca lestes o que fez Davi
 o[te crei,an e;scen kai. evpei,nasen auvtou.j kai.
 oi` metV auvtou/(
quando necessidade tinha e teve fome ele e os com ele,

²⁶ pw/j eivsh/lqen eivj to.n oi=kon tou/ qeou/ evpi.
 VAbiaqa.r
Como entrou em a casa de Deus no tempo de Abiatar
 avrciere,wj kai. tou.j a;rtouj th/j proqe,sewj
 e;fagen(
sumo sacerdote e os pães da proposição comeu,
 ou]j ouvk e;xestin fagei/n eiv mh. tou.j i`erei/j(
os quais não é permitido comer exceto (a)os sacerdotes,
 kai. e;dwken kai. toi/j su.n auvtw/| ou=sine
e deu também aos com ele estando(que estavam)

²⁷ kai. e;legen auvttoi/j\
E dizia a eles:
 to. sa,bbaton dia. to.n a;nqrwpon evge,neto
o sábado por causa de o ser humano foi feito
 kai. ouvc o` a;nqrwpoj dia. to. sa,bbaton\
e não o ser humano por causa de o sábado;

²⁸ w[ste ku,rio,j evstin o` ui`o.j tou/ avnqrw,pou
De sorte que senhor é o filho do homem
 kai. tou/ sabba,tou
também do sábado¹²⁵

2.2.2 Avaliação de traduções

Salientamos quatro traduções importantes e difundidas nos dias atuais: A Bíblia de Jerusalém, a Bíblia na Linguagem de hoje, a Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada e a Tradução Interlinear.

¹²⁵ NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. Tradução: Vilson Scholz; Roberto G. Bratcher. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 133, 134.

Tabela 1: Comparativa de Traduções

Bíblia de Jerusalém	Linguagem de Hoje	Ferreira de Almeida	Tradução do Novo Testamento Interlinear
²³ Aconteceu que, ao passar num sábado pelas plantações, seus discípulos começaram a abrir caminhos arrancando as espigas.	²³ Num sábado, Jesus e os seus discípulos estavam atravessando uma plantação de trigo. Enquanto caminhavam, os discípulos iam colhendo espigas.	²³ Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas.	²³ E aconteceu ele em o(s) sábado(s) passar através dos campos de cereais, e os discípulos dele começaram caminho a fazer arrancando as espigas.
²⁴ Os fariseus disseram-lhe: “Vê! Como fazem eles o que não é permitido fazer no sábado?”	²⁴ Então alguns fariseus perguntaram a Jesus: — Por que é que os seus discípulos estão fazendo uma coisa que a nossa lei proíbe fazer no sábado?	²⁴ Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?	²⁴ E os fariseus diziam a ele: Olha, por que fazem no(s) sábado(s) o que não é permitido?
²⁵ Ele respondeu: “Nunca lestes o que fez Davi e seus companheiros quando necessitavam e tiveram fome,	²⁵ Jesus respondeu: — Vocês não leram o que Davi fez, quando ele e os seus companheiros não tinham comida e ficaram com fome?	²⁵ Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?	²⁵ E diz a eles: nunca lestes o que fez Davi quando necessidade tinha e teve fome ele e os com ele,
²⁶ e como entrou na casa de Deus, no tempo do Sumo Sacerdote Abiatar, e comeu dos <i>pães da proposição</i> , que só os sacerdotes podem comer, e os deu também aos companheiros?	²⁶ Ele entrou na casa de Deus, na época do Grande Sacerdote Abiatar, comeu os pães oferecidos a Deus e os deu também aos seus companheiros. No entanto, é contra a nossa Lei alguém comer desses pães; somente os sacerdotes têm o direito de fazer isso.	²⁶ Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?	²⁶ Como entrou em a casa de Deus no tempo de Abiatar sumo sacerdote e os pães da proposição comeu, os quais não é permitido comer exceto (a)os sacerdotes, e deu também aos com ele estando (que estavam)
²⁷ Então lhes dizia: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado;	²⁷ E Jesus terminou: - O sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado.	²⁷ E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado;	²⁷ E dizia a eles: o sábado por causa de o ser humano foi feito e não o ser humano por causa de o sábado;
²⁸ de modo que o Filho do homem é senhor até do sábado”.	²⁸ Portanto, o Filho do Homem tem autoridade até mesmo sobre o sábado.	²⁸ de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado.	²⁸ De sorte que senhor é o filho do homem também do sábado ¹²⁶

Fonte: De autoria própria

Faremos algumas observações a respeito das traduções.

A tradução interlinear é a única que considera o plural que há em *toi/j sa,bbasin* e registra isso no versículo 23. Nesse mesmo verso, a

¹²⁶ NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. Tradução: Vilson Scholz; Roberto G. Bratcher. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 133, 134.

tradução de Ferreira de Almeida e Na linguagem de Hoje colocam o nome de Jesus em vez de “ele” - αυτο. n, conforme aparece no original grego.

Nenhuma das três traduções (Bíblia de Jerusalém, Linguagem de Hoje e Ferreira de Almeida) inicia os versículos 23, 24, 25 e 27 com a conjunção aditiva “e”, Kai conforme está no texto original. Sabemos ser isso típico de Marcos. Na tradução para o português, perde-se o estilo do escritor.

Chama-nos a atenção na Bíblia de Jerusalém a tradução da frase ο`δο. n ποiei/n ti, llontej que é traduzida já de uma forma interpretativa, “*abrir caminhos arrancando*”, no versículo 23. Conforme Rienecker e Rogers, “A palavra sugere que o grupo estava forçando a passagem através dos grãos onde não havia caminho. Enquanto iam, colhiam as espigas e as comiam (Swete)”¹²⁷. Esse detalhe é importante para entendermos qual dos atos dos discípulos os fariseus alegaram que estaria violando os ensinamentos: o abrir caminho e passar (talvez estragando a plantação) ou debulhar a espiga para comer? Também sugere uma ação mais violenta dos discípulos.

A nota que a Bíblia de Jerusalém traz diz o seguinte:

Em Mc, a falta dos discípulos não consistiu, como em Mt e Lc, em colher as espigas para amenizar a fome, porém em arrancá-la para abrir um caminho. Apresentando as coisas dessa forma, talvez o evangelista tivesse pretendido tornar a atitude pela qual os discípulos foram censurados mais compreensível a leitores pouco familiarizados com a casuística judaica: do mesmo modo como era pouco compreensível que simplesmente o colher algumas espigas fosse interpretado como “ceifar”, era, no entanto, evidente que não deveria danificar uma plantação pela simples razão que se pretendia atravessá-la! Esta nova apresentação combina mal com o resto da narrativa, que Mc deixou sem alteração¹²⁸.

O verbo ti, llontej é usado somente nessa passagem da colheita de espigas pelos discípulos, nos três sinóticos. Acreditamos ser uma boa tradução, pois a frase realmente sugere isso. Porém, ainda que a acusação dos fariseus a Jesus fosse de que eles estavam abrindo um caminho e não de que eles estavam colhendo as espigas, as duas ações estariam embasadas na

¹²⁷ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 70.

¹²⁸ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. rev. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 1900 p.

transgressão do sábado. A tradução interlinear também usa “arrancando” nesse versículo.

O substantivo plural $\text{oi} \dot{\text{e}} \text{ Farisai/oi}$ (v. 24), os fariseus, é traduzido corretamente nas Bíblias de *Jerusalém* e na *Ferreira de Almeida*, pois está com o artigo masculino plural (os). A *Linguagem de Hoje* optou por *alguns*, o que torna indefinido o substantivo.

Ainda no verso 24, o verbo e;legon , que é a 3ªpp do Indicativo Imperfeito Ativo do verbo le, gw e significa *dizer*, somente na *Bíblia de Jerusalém* foi traduzido como *disseram*. As outras traduções preferiram os verbos *perguntaram* (*Linguagem de Hoje*) *advertiram* (*Ferreira de Almeida*) e *diziam* (*interlinear*), que, a princípio, conotam um significado bem diferente à fala dos fariseus a Jesus. Considerando que, depois disso, os fariseus fazem uma pergunta, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* preferiu usar direto o verbo *perguntar*. E acreditamos ser aceitável. Porém, o verbo *advertir* pode ultrapassar os limites daquilo que os fariseus realmente queriam dizer. Talvez, percebendo a tensão da cena, o tradutor faz uso de um verbo que muda um pouco o sentido e imprime uma noção de crítica, pois parece que os fariseus já chegaram censurando Jesus.

Quanto ao mesmo verbo, ao analisarmos a tradução de *Ferreira de Almeida* no livro de Marcos, que já vimos ter sido traduzido por *advertiram*, e comparamos com os outros sinóticos, notamos que o verbo usado nos outros dois é *disseram*. É interessante que os dois outros evangelistas usam o mesmo verbo le, gw , mas com uma conjugação diferente. Eles escrevem ei=pan , que é o verbo indicativo aoristo ativo 3ªpp. Sabemos que o tempo *imperfeito* em grego representa uma ação *linear*, enquanto que o aoristo representa uma ação *pontiliar*¹²⁹. O evangelista Marcos estaria querendo transmitir uma idéia de processo, linearidade no seu texto, não de estagnação.

A declaração de Jesus $\text{to. sa,bbaton dia. to.n a;nqrwpon evge,neto kai. ouvc o` a;nqrwpoj dia. to. sa,bbaton}$ (v. 27), que aparece somente no evangelho de Marcos, também sofre interpretações nas três versões apresentadas. Na *Bíblia de Jerusalém* e na *Ferreira de*

¹²⁹ SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. Minas Gerais: CEIBEL, 1998, p. 60.

Almeida, não muda significativamente o sentido, uma diz que o *sábado foi feito* e outra que o *sábado foi estabelecido*. A *Tradução na Linguagem de Hoje*, contudo, traduz interpretando, *o sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado*. Como é uma tradução da Bíblia que tem a função de tornar a linguagem o mais simples possível, a fim de que as pessoas a compreendam, os tradutores, decididamente e declaradamente fazem isso, interpretam o sentido. O substantivo $\tau\omicron\nu\alpha\;\eta\gamma\omega\mu\epsilon\tau\omega\sigma$ pode bem ser traduzido por *pessoas*, pois no grego, não se refere ao gênero masculino, mas a toda a raça humana. Conseqüentemente, a tradução também nos parece adequada e também faz sentido a Bíblia Interlinear, pois traduz por *ser humano*.

2.2.3 Critérios de historicidade do texto

Iniciaremos falando sobre a historicidade do texto de Marcos. Para isso, entendemos ser importante falarmos um pouco sobre o que sabemos sobre o autor e seus escritos. Supomos que o primeiro evangelho tenha sido o de Marcos, então, é importante analisarmos um pouco desse que foi matriz para os outros evangelhos.

2.2.3.1 O Evangelho de Marcos e seu autor

É possível que Marcos tenha conhecido Jesus, embora não tenha sido um dos 12 discípulos mais próximos. Lane cita que

O Evangelho que carrega o nome de Marcos é, na verdade, anônimo, mas uma ininterrupta tradição o coloca como sendo de autoria de João Marcos, que teria estado em Roma com Pedro no tempo de crise do período de Nero¹³⁰ (tradução nossa).

Acreditamos que “Marcos, também conhecido por João Marcos, era filho de Maria, cuja casa tornara-se local de reunião dos primeiros cristãos em

¹³⁰ *The Gospel which bears Mark's name is actually anonymous, but an unbroken tradition puts forth as its author John Mark, Who would have been in Rome with Peter at the time of the crisis under Nero.* (LANE, 1974, p. 21).

Jerusalém (At 1.13)¹³¹. Hendriksen nos fala que “não é de nenhuma maneira certa, mas é provável a identificação de Marcos com o ‘homem jovem’, cuja interessante história é contada pelo evangelista em Mc 14.51,52¹³² (tradução nossa). A partir dessa passagem, o estudioso compõe um cenário no qual Marcos estaria dormindo na casa no momento em que Jesus foi preso, sendo acordado pela movimentação dos guardas. Enrola-se somente em um lençol para ver o que está acontecendo e esse lhe é arrancado. Essa passagem comprovaria a proximidade de Marcos com Jesus, “embora ele não tenha sido um dos doze, e pode não ter tido nenhuma conversa pessoal com Jesus¹³³ (tradução nossa).

Há evidências bíblicas de que Marcos era ligado a Pedro (At 12.12-17 e 1Pe 5.13), um dos principais discípulos de Jesus e, seguramente, um dos grandes líderes da igreja primitiva. É provável que Marcos tenha escrito o seu evangelho sob influência e sob o testemunho do apóstolo¹³⁴.

Também sabemos que Marcos acompanhou Paulo e Barnabé naquela que seria conhecida mais tarde como a *primeira viagem missionária* de Paulo. Quais exatamente eram as suas funções como *u`phre, thn* - “auxiliar” (At 15.5), não o sabemos. Poderia ser,

Um tipo de gerente da missão e, portanto, organizador dos detalhes do plano da jornada, fazer provisão de comida e hospedagem, enviar mensagens e, talvez, acima de tudo, servir como um catequista, isso é, assumir onde os outros pararam: contar a história da rápida passagem de Jesus na Terra e seu final triunfante, conduzir mais uma vez a lição central da vida e ensinamentos de Cristo, perguntar e responder perguntas, etc¹³⁵ (tradução nossa).

¹³¹ MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1978, p. 16.

¹³² *By no means certain but nevertheless probable is the identification of Mark with “the young man” whose interesting story is told by the evangelist himself (14:51, 52)* (HENDRIKSEN, William. *New Testament Commentary: The Gospel of Mark*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1975, p. 3).

¹³³ *though he was not one of The Twelve, and may not even have had any personal conversations with Jesus.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 4).

¹³⁴ Há divergências quanto a isso, conforme falaremos mais adiante.

¹³⁵ *A kind of business manager and therefore arranging the details to the plan of the journey, making provision for food and lodging, sending messages, and perhaps above all, serving as a catechist, that is, taking up where the other two left off: telling the story of Christ’s sojourn on earth and its triumphant ending, driving home once more the central lesson of Christ’s life and teaching, asking and answering questions, etc.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 7).

Talvez Marcos tenha escrito seu evangelho, primeiramente, para atender as exigências dessa função. Pode ter sido uma tentativa de organizar sumária e didaticamente os feitos e ditos de Jesus em Sua vida, conforme ele foi ouvindo e aprendendo. Isso pode explicar o caráter direto que seu evangelho possui. Cenas que os outros evangelistas contam em vários versos, Marcos as resume em dois ou três versos. Exemplo disso é a cena da *tentação de Jesus* (Mc 2.12,13). Marcos a conta em dois versos, de maneira muito vívida e concisa.

Temos relato bíblico também que Marcos abandonou essa primeira viagem (At 13.13). As razões não nos são contadas. Hendriksen levanta as hipóteses de que talvez ele estivesse descontente porque seu primo, Barnabé, havia perdido a liderança para Paulo. Ou talvez estivesse somente com saudade de casa, preocupado com sua mãe ou mesmo assustado com as exigências do serviço que estava fazendo.

Para o teólogo, o mais provável é que Marcos tenha se assustado com os perigos da missão e das viagens, conforme foram descritas por Paulo (2Co 11.26). É certo que Paulo o considerou um desertor. Contudo, na epístola aos Colossenses, Paulo diz que Marcos tem sido um cooperador na sua missão (Cl 4.10,11) e em uma carta a Timóteo, pede “*que traga Marcos junto, pois ele é muito útil*” (2Tm 4.11)¹³⁶. Provas há, então, que Marcos, independente das razões que teve, voltou ao ministério e tornou-se um discípulo de confiança, tanto de Paulo como de Pedro.

A tradição confirma a proximidade entre Marcos e Pedro. Hendriksen diz que “*Tertuliano (fl. 193-216), em seu tratado contra Marcião IV.5, afirma: "O Evangelho de Marcos que foi publicado, pode ser o Evangelho de Pedro, já que Marcos era seu intérprete"*¹³⁷ (tradução nossa). Ainda que não seja o Evangelho de Pedro,

todas as testemunhas concordam que a pregação de Pedro, em Roma, figurou de forma significativa na produção deste trabalho. É razoável acreditar que Marcos consultou várias fontes, provavelmente, orais e escritas, mas não é menos verdade que,

¹³⁶ HENDRIKSEN, 1975, p. 7-9.

¹³⁷ *Tertullian (fl. 193-216), in his treatise Against Marcion IV.5, states: "The Gospel which Mark published may be affirmed to be Peter's whose interpreter Mark was."* (HENDRIKSEN, 1975, p. 11).

segundo uma tradição, que nós não temos nenhuma razão para rejeitar, ele era o “intérprete de Pedro”¹³⁸. (tradução nossa).

Essa aproximação com o apóstolo Pedro é importante para nós, porque quanto mais ligado Marcos tiver sido com um discípulo que conviveu com Jesus, maior a probabilidade de as palavras contidas no seu Evangelho serem fiéis. Ele pode não ter conhecido Jesus pessoalmente, não sabemos, mas conviveu com alguém que passou três anos da sua vida o fazendo.

Os estudiosos em geral acreditam, seguindo a tradição (Eusébio, Clemente de Alexandria, Irineu, etc.), não o que está registrado no Evangelho, pois ele não possui nenhuma indicação de onde e quando foi redigido, que foi escrito em Roma, para os romanos. Um bom argumento de que foi escrito para não judeus é o fato de certas palavras e expressões semíticas, como *Boanerges* (Mc 3.17), *talita cumi* (Mc 5.41), *corbã* (Mc 7.11), *efatá* (Mc 7.34), *Abba* (Mc 14.36), terem sido traduzidas para o grego por Marcos¹³⁹.

Aliamos o fato de que:

A maneira que Marcos descreve Cristo, ou seja, como um Rei conquistador, ativo, enérgico, rápido nas ações, guerreiro, um vitorioso sobre as forças destrutivas da natureza, sobre as doenças, demônios, e mesmo a morte, seria de interesse especialmente para os romanos, um povo que, na sua ânsia de exercer o poder, havia conquistado o mundo¹⁴⁰ (tradução nossa).

Podemos considerar também que o povo romano era acostumado com deuses que eram representações, muitas vezes, de forças da natureza. O relato de Jesus acalmado uma tempestade (Mc 4.35-41) e andando sobre o mar (cf. Mc 6.45-52) deve ter impressionado os romanos.

Também devemos considerar o momento histórico que Marcos estava vivendo. O cristianismo estava se firmando e se propagando por terras que tinham costumes, tradições e religiões bem diferentes. Roma era uma concentração disso tudo. Mulholland nos diz, ao falar sobre isso:

¹³⁸ *all witnesses agree that the preaching of Peter at Rome figured significantly in the production of this work. It is reasonable to believe that Mark consulted many sources, probably both oral and written, but it remains true that according to a tradition which we have no reason to reject he was “Peter’s interpreter.”* (HENDRIKSEN, 1975, p. 13).

¹³⁹ HENDRIKSEN, 1975, p. 13.

¹⁴⁰ *The manner in which Mark pictures the Christ, namely, as an active, energetic, swiftly moving, warring, conquering King, a Victor over the destructive forces of nature, over disease, demons, and even death, would be of interest especially to Romans, people who, in their lust for and exercise of power, had conquered the world.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 14).

Na metade do primeiro século A.D., Roma era uma próspera cidade com cerca de 1 milhão de pessoas. Abrigava homens e mulheres vindos das fronteiras mais distantes do Império, que trouxeram consigo seus próprios costumes, línguas e religiões. Os cristãos também vieram, trazendo sua nova fé em Jesus Cristo, compartilhando o evangelho com todos, independente de origem étnica, classe social ou econômica. Porém, a diversidade étnica e as experiências religiosas anteriores desses novos cristãos ameaçavam o cristianismo autêntico. Os novos convertidos incorporaram elementos de sua herança religiosa à doutrina cristã. Seu comportamento quase sempre ofendia os códigos morais dos outros crentes. O relacionamento entre os crentes judeus e gentios tornou-se especialmente difícil à medida em que os líderes das sinagogas denunciavam aqueles judeus que rejeitavam as antigas tradições. A incipiente perseguição das autoridades romanas ganhava força com a alegação de que a lealdade a Jesus Cristo e seu reino colidiam com a lealdade a César¹⁴¹.

Era um período tumultuado. O estudioso Mulholland defende que “Marcos escreveu este Evangelho tendo em mente aqueles cristãos”¹⁴², ou seja, os recém convertidos. Conforme esse mesmo autor, “Sofrendo com as tensões internas e os ataques externos, a comunidade cristã em Roma necessitava de ajuda”¹⁴³. Lembramos que, apesar de ser um evangelho com traços que indicam que foi escrito para novos cristãos, muitos sendo gentios, Marcos não se esqueceu dos leitores judeus que viriam a ler os seus escritos. Notamos isso com seu uso constante do Antigo Testamento, que fazia os judeus se lembrarem que eram um povo especial e escolhido¹⁴⁴.

Suas descrições são bastante vívidas e diretas. Podemos observar isso já no primeiro capítulo, com a série de acontecimentos que Marcos relata em poucos versos. Em 15 versos Marcos conta de João Batista, do batismo de Jesus, da tentação de Jesus e do início da pregação do evangelho por Jesus.

Quanto à data em que foi escrito o evangelho, de acordo com todas as indicações que temos, foi entre os anos 40 e 65 d.C., com tendência maior de proximidade com os anos 40 d.C.¹⁴⁵. São 25 anos, pode parecer muito tempo e, por isso, incerto, mas, por enquanto, não há como precisar. Se a data correta for no começo dos anos 40, temos um Marcos ainda jovem, escrevendo fatos que aconteceram há aproximadamente 15 anos, mas que poderiam estar

¹⁴¹ MULHOLLAND, 1978, p. 16.

¹⁴² MULHOLLAND, 1978, p. 16.

¹⁴³ MULHOLLAND, 1978, p. 16.

¹⁴⁴ MULHOLLAND, 1978, p. 18.

¹⁴⁵ HENDRIKSEN, 1975, p. 15.

bem vivos ainda na memória das testemunhas. Especialmente por ele estar convivendo com o apóstolo Pedro.

Contudo, se a data se aproximar mais dos anos 60, a situação histórica que temos é a de perseguição dos cristãos pelos romanos, após o incêndio que destruiu uma boa parte da cidade de Roma e que foi atribuída a culpa aos cristãos.

Compreendendo assim, a tarefa de Marcos foi a projeção da fé cristã em um contexto de sofrimento e martírio. Se os cristãos deveriam ser fortalecidos e o evangelho efetivamente proclamado de forma eficaz, seria necessário expor a semelhança de situação enfrentada por Jesus e pelos cristãos de Roma. O Evangelho de Marcos é uma resposta pastoral a esta demanda crítica¹⁴⁶ (tradução nossa).

Podemos também entender que o objetivo do Evangelho é tocar o coração das pessoas com a grande mensagem da salvação. O seu caráter direto tem um tom de urgência. Era a pregação de Pedro, *arrependei-vos e convertei-vos* (At 3.19). Era também a pregação de Marcos.

Se isso é verdade com respeito a Pedro, deve também ser verdade com respeito a Marcos. O Evangelho de Marcos, portanto, tem sim um objetivo doutrinal e definitivamente prático. Ele é uma narrativa, com certeza, mas uma narrativa com o mais nobre propósito. (Marcos 10.45; 12.28-34; 16.16)¹⁴⁷ (tradução nossa).

Há também a defesa de que “O Evangelho de Marcos tem sido descrito como ‘uma narrativa da paixão com uma extensa introdução’”¹⁴⁸ (tradução nossa). A razão é que quase metade dos dezesseis capítulos de Marcos narram o período final do ministério de Jesus.

A pessoa divina de Cristo aparece em Marcos muitas vezes, afinal, o objetivo principal desse evangelho era proclamar que Jesus era o Deus que salva e pode fazer milagres. O discípulo descreve expulsão de demônios (Mc

¹⁴⁶ *On this understanding, Mark’s task was the projection of Christian faith in a context of suffering and martyrdom. If Christians were to be strengthened and the gospel effectively proclaimed it would be necessary to exhibit the similarity of situation faced by Jesus and the Christians of Rome. The Gospel of Mark is a pastoral response to this critical demand.*(LANE, 1974, p. 15).

¹⁴⁷ *Now if that was true with respect to Peter, it must also have been true with respect to Mark. Mark’s Gospel, accordingly, does have a definitely doctrinal and thoroughly practical aim. It is a narrative, to be sure, but a narrative with a most noble purpose (Mark 10:45; 12:28-34; 16:16).* (HENDRIKSEN, 1975, p. 17).

¹⁴⁸ *Mark’s Gospel has been described as “a passion-narrative with an extended introduction.”* (LANE, 1974, p. 2).

1.32-34), cura de cegos (Mc 8.22-26), de paralíticos (Mc 2.1-12), de leprosos (Mc 1.40-45) e outras mais.

Contudo, talvez pela convivência que teve com Pedro, discípulo tão chegado a Jesus, Marcos não deixa de ressaltar o lado humano do Mestre. O Evangelho deixa-nos saber que Jesus tem fome (Mc 2.16), tem sede (Mc 15.36), fica compadecido e toca as pessoas (Mc 1.41), fica cansado e dorme (Mc 4.38,39) e outras ações e emoções que são essencialmente humanas. É importante para Marcos transmitir essas dimensões de Jesus: “O objetivo de Marcos é que os homens, em todos os lugares, possam aceitar este Jesus Cristo, ‘Filho do homem’ e ‘Filho de Deus’, este Rei conquistador, como seu Senhor e Salvador”¹⁴⁹ (tradução nossa). O autor Mulholland também nos diz:

À primeira vista, o Evangelho de Marcos parece ser um simples recontar dos fatos ocorridos na vida e ministério de Jesus. Entretanto, pela habilidosa descrição de tais episódios, o autor nos apresenta um Jesus realmente humano que é ao mesmo tempo Deus entre os homens¹⁵⁰.

Podemos dizer que o evangelho de Marcos possui três características que são bem nítidas: é *sucinto*, é *vívido* e possui mais *indicadores cronológicos*, pelo menos, comparado aos outros dois sinóticos. Já comentamos brevemente sobre a característica de ser sucinto e vívido. Podemos ainda dizer, ressaltando esses aspectos, que possui apenas 16 capítulos, divididos em 661 versos. O Evangelho de Lucas é escrito em 1147 (24 capítulos) e Mateus em 1068 (28 capítulos). Possui também menos ditos de Jesus que os outros Evangelhos. Entretanto, para compensar, Marcos narra muito mais milagres que os outros evangelistas, “Marcos é definitivamente o evangelho da ação”¹⁵¹ (tradução nossa).

É também o Evangelho dos detalhes, das pequenas informações que fazem muita diferença. É assim que ele pinta quadros tão vívidos em seus escritos. Somente Marcos nos fala que Jesus “*estava com as feras*” (1.13) no deserto da tentação. Ele é o único que coloca na pregação de João Batista as palavras “*e crede no evangelho*” (Mc 1.15). Conta-nos que quando João e

¹⁴⁹ *Mark's aim is that men everywhere may accept this Jesus Christ, 'Son of man' and 'Son of God,' this conquering King -(...)- as their Savior and Lord.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 18).

¹⁵⁰ MULHOLLAND, 1978, p. 15.

¹⁵¹ *Mark is definitely the action Gospel* (HENDRIKSEN, 1975, p. 19).

Tiago deixaram o pai deles para seguir a Jesus, eles não o abandonaram sozinho, o deixaram “com os empregados” (Mc 1.20). Narra que Jesus não somente curou a sogra de Pedro, mas “tomou-a pela mão” (Mc 1.31). Há muitas outras informações adicionais que Marcos nos fornece, fazendo que seu Evangelho seja extremamente rico.

Dos três evangelhos sinóticos, Marcos parece ser o que mais se preocupa em fornecer algum elemento cronológico, embora não seja uma regra geral.

Não se está querendo dizer que, provavelmente, as seções de Marcos são sempre organizadas estritamente em ordem cronológica. Eventualmente, há conectivos indefinidos quanto ao tempo (10.13, 17.12, 14.10). Além disso, Marcos não tem o relato do nascimento de Jesus. Também, não cobre nenhum ministério na Judéia anterior ou posterior. Não era, definitivamente, o objetivo de Marcos apresentar uma “biografia” ou “vida” de Cristo. Nem ele tentou resumir os discursos de Cristo, referindo-se a cada um deles na ordem em que foram proferidos. Queremos dizer com tudo isso que, em ênfase em distribuição cronológica, Marcos, mais que Mateus e Lucas, nos forneceu um guia¹⁵² (tradução nossa).

Todas essas características que Marcos imprime em seu Evangelho, enriquecendo-o com tantos detalhes, são importantes e decisivas para interpretarmos as ações de Jesus, especialmente no capítulo 2. De acordo com Hendriksen, “Quando se compara o capítulo 1 do Evangelho de Marcos com o capítulo 2, o contraste é gritante. O capítulo 1 é o capítulo da glória, o capítulo 2, o da oposição¹⁵³” (tradução nossa). A cada novo conflito que Jesus tem que enfrentar, a intensidade das acusações é maior. Primeiro os fariseus “arrazoavam em seus corações” contra Jesus, depois reclamam dele para os seus próprios discípulos, no próximo passo reclamam para Jesus mesmo sobre algo que os discípulos faziam. No capítulo seguinte, eles já começam a trama para O destruir. O conflito era inevitável. Jesus acentuava o amor e os fariseus

¹⁵² *It is not claimed that the probably Marcan sections are by Mark always arranged in strictly chronological fashion. Here and there the Marcan connectives are indefinite as to time (10.13, 17.12, 14.10). Besides, Mark has no nativity account. Also, it does not cover any Early Judean or any Later Judean Ministry. It was definitely not Mark's purpose to present any "Biography" or "Life" of Christ. Nor did he try to summarize Christ's discourses, referring to each of them in the order in which it was delivered. All that is meant is that in emphasis on chronological arrangement Mark, rather than Matthew or Luke, has furnished us with a guide. (HENDRIKSEN, 1975, p. 25).*

¹⁵³ *When one compares chapter 1 of Mark's Gospel with chapter 2 the contrast is striking. Chapter 1 is the chapter of glory; chapter 2, of opposition (HENDRIKSEN, 1975, p. 85).*

o legalismo. Jesus defendia a lei de deus e os fariseus que tradição era mais importante que a lei. Jesus pregava a liberdade e eles a servidão. Jesus falava do que ia nos corações e os fariseus na importância da aparência das atitudes externas. Não havia como não haver o embate entre eles¹⁵⁴.

2.2.3.2 Problemas referentes ao Evangelho de Marcos

Alguns problemas têm sido levantados por exegetas, a fim de buscar uma melhor compreensão do material que temos. Para iniciar, existem aqueles que aceitam que Marcos fez um relato daquilo que ouvia nas pregações de Pedro, conforme mencionamos antes, e isso o torna o redator oficial do evangelho. Contudo, a tradição de que os escritos de Marcos foram assim baseados não é unânime. Pesquisas recentes acham que o evangelho pode ter sido produto de longo processo de tradição, o que não combina com a concepção de que Marcos era ligado diretamente a Pedro, como diz Papias em seus escritos¹⁵⁵.

Há também os que aceitam um meio termo entre essas duas linhas de pesquisa. Marcos pode ter tido o relato de Pedro, mas nada impede que ele também tenha bebido em outras fontes além do apóstolo, orais e escritas¹⁵⁶.

Isso tudo nos conduz ao problema das fontes. Não temos direto acesso às fontes de Marcos, quer tenham ela sido orais ou escritas. Em segundo lugar, deveríamos ter um conhecimento acurado do vocabulário, estilo e perfil de Marcos, a fim de fazermos uma comparação com suas fontes. Não há consenso quanto a isso na pesquisa até agora.

Por último, existe o problema da distinção entre fonte oral e escrita. O que o evangelista aproveitou das duas é impossível de sabermos. O texto do nosso estudo está inserido no bloco temático “Controvérsias em Cafarnaum” e não há como sabermos se foi Marcos que organizou assim ou se já absorveu

¹⁵⁴ HENDRIKSEN, 1975, p. 86.

¹⁵⁵ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 105.

¹⁵⁶ CARSON, 1997, p. 106.

isso de uma fonte anterior¹⁵⁷. Ao considerarmos que foi Marcos que assim o fez, devemos admitir que foi um trabalho bem elaborado de textos, conforme a temática. O escrito é bastante direto, mas o escritor demonstra perspicácia ao fazê-lo.

Considerando essas dificuldades, muitos exegetas trabalham com o evangelho de Marcos como sendo uma unidade literária, escrita por ele mesmo, ainda que possa ter usado fontes que chegaram até ele¹⁵⁸. No estágio em que a pesquisa se encontra, não há como dizermos mais dos textos que temos.

2.2.3.3 Critério do Constrangimento

Faremos agora uma análise das palavras de Jesus e dos acontecimentos na passagem de Mc 2. 23-28, a fim de verificarmos a probabilidade histórica de essa cena ter realmente acontecido como foi narrada. Embora o autor mais citado aqui seja Meier, Theissen e Merz¹⁵⁹ também foram consultados para esta pesquisa.

Lembramos que os critérios de historicidade indicam “julgamentos que são apenas mais ou menos prováveis; raramente se chega a uma certeza¹⁶⁰”. Contudo, é importante termos esse olhar naquilo que é mais provável que Jesus tenha dito ou não, pois são critérios que aprofundam uma boa exegese. Iniciaremos pelo *Critério do Constrangimento*. Conforme esse critério, quanto mais uma palavra ou ação de Jesus parecer comprometer os ensinamentos da Igreja que estava na sua fase inicial, mais provável é que realmente tenha acontecido. Meier diz que:

O ponto essencial desse critério é que a Igreja em seus primórdios dificilmente teria se afastado de sua linha para criar material que

¹⁵⁷ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 112, 113.

¹⁵⁸ WEGNER, 2001, p. 113.

¹⁵⁹ THEISSEN, Gerd. MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 651 p.

¹⁶⁰ MEIER, 1993, p. 169.

pudesse constranger seu criador ou enfraquecer sua posição nas discussões com adversários¹⁶¹.

Nesse texto do Evangelho, temos uma polêmica a respeito de um ponto que era central para os judeus: a guarda do sábado. Já vimos como os judeus valorizavam esse dia, especialmente, como a história e a bíblia nos mostram, depois do cativeiro na Babilônia. Jesus era judeu, portanto, podemos entender que o sábado era importante para Ele também. Verificamos que mais de uma vez Jesus foi acusado de violar o sábado. Perguntamos então: Por que Marcos se importaria de revelar um episódio, que certamente perturbava tanto aos judeus da época, se ele não fosse verdadeiro? O próprio Marcos era judeu e não iria simplesmente deixar constrangido o seu próprio povo com um episódio que não tivesse acontecido. As palavras de Jesus nos versículos 27 e 28 são, na verdade, as palavras mais fortes que poderiam trazer constrangimento à comunidade cristã que estava se formando.

Podemos pensar que isso seria um critério de *constrangimento* para os judeus, não para os cristãos. Contudo, a divisão entre eles não era tão nítida nos primeiros anos da Era Cristã, pois o cristianismo nasceu do judaísmo e, por algum tempo, eles conviveram em uma tentativa de adaptação, ainda não conscientes de que estavam estabelecendo uma nova religião. Em suma, o que para nós hoje é muito claro, não o era naquele tempo.

Concluindo, esse critério pode ser considerado, ao tomarmos as declarações de Jesus nos dois últimos versículos da perícope. Somente elas poderiam trazer constrangimento à nova comunidade.

2.2.3.4 Critério da descontinuidade

O segundo critério considerado relevante aos pesquisadores é chamado de *Critério da Descontinuidade*, ou *Dissimilaridade*. É um critério que está relacionado com o visto anteriormente e “se concentra nas palavras e atos de Jesus que não podem ser originários nem do judaísmo de seu tempo, nem da Igreja primitiva depois dele”¹⁶². Há sempre aqueles alertam para a

¹⁶¹ MEIER, 1993, p. 170.

¹⁶² MEIER, 1993, p. 174.

possibilidade de não sabermos tanto assim nem do judaísmo nem do cristianismo inicial, contudo, “o trabalho histórico-crítico dos dois últimos séculos trouxe notáveis progressos para o nosso entendimento do judaísmo e do cristianismo do século I”¹⁶³. Assim, podemos pensar que esse critério é bastante confiável.

Jesus faz um verdadeiro discurso nesse episódio da colheita das espigas e encerra com a declaração que “o sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado, de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado” (Mc 2. 27,28). Os judeus certamente não diriam, com a concepção que tinham do sábado, que alguém, com exceção de Deus, poderia ser senhor do sábado. Ao Jesus dizer isso, Ele estava se colocando no lugar de Deus e atribuindo a Si mesmo prerrogativas que só o Deus conhecido pelos judeus no Antigo Testamento tinha.

Jesus certamente foi descontínuo com muitos dos ensinamentos defendidos pelos judeus. Se Ele não tivesse sido, não teria sido tão incompreendido e tão perseguido. Talvez esse critério seja aquele que mais se aplica a Jesus, pois a ruptura com alguns costumes já cristalizados pelo Seu povo foi marca registrada dEle. Não há como dizermos que Jesus rompeu com o sábado, pois por vários outros relatos sabemos que Jesus ia à sinagoga nos dias de sábado (Mc 1.21, 6.2; Lc 13.10, 6.6, 4.16), mas decididamente Ele tem uma palavra nova a dizer sobre o sábado ou, pelo menos, uma nova interpretação à palavra que já era conhecida pela comunidade judaica da Sua época.

Devemos tomar cuidado para não afastarmos Jesus demais dos ensinamentos judaicos, pois “pintar um retrato de Jesus totalmente divorciado do judaísmo e do cristianismo do século I, ou em oposição aos mesmos, é o mesmo que colocá-lo fora da história”¹⁶⁴.

Há também o cuidado em não tomarmos alguma palavra periférica de Jesus que foi registrada e entendermos como ponto central da Sua doutrina. Meier diz que,

Se estreitarmos o foco de nosso exame sobre o que poderiam ter sido as “idiossincrasias” de Jesus, existe sempre o perigo de se dar

¹⁶³ MEIER, 1993, p. 174.

¹⁶⁴ MEIER, 1993, p. 174.

destaque ao que era mais surpreendente, mas possivelmente periférico, em sua mensagem¹⁶⁵.

Contudo, a palavra de Jesus sobre o sábado não nos parece periférica, pois Jesus foi questionado quanto a isso outras vezes durante o Seu tempo de pregação, que foi de aproximadamente três anos. Suas palavras geraram uma polêmica que Lhe trouxe vários embates com os fariseus. Além disso, Jesus não seria leviano a ponto de fazer uma declaração dessas sobre uma questão tão importante para os judeus, se Ele não achasse que algo ali não era apropriado.

2.2.3.5 Critério da Atestação Múltipla

Sabemos que os autores dos três evangelhos sinóticos se preocuparam em registrar esse texto, relatando uma cena que havia sido preservada pela tradição. Poderíamos considerar, então, que há chance dessa cena ter realmente acontecido. Contudo, o *Critério da Atestação Múltipla* ou *Múltipla Confirmação*

dirige seu foco sobre as palavras ou atos de Jesus que são atestados em mais de uma fonte literária independente (p. ex., Marcos, Q, Paulo, João) e/ou em mais de um gênero ou forma de literatura (p. ex., parábola, história de debates, história de milagres, profecia, aforismo)¹⁶⁶.

Não há registro dessa passagem na Fonte Q¹⁶⁷ e também não há nas cartas paulinas. Isso pode não depor contra a historicidade da narrativa, pois acreditamos que o material que a Fonte Q forneceu aos evangelhos de Mateus e Lucas é exatamente aquele que diferencia esses evangelhos da fonte inicial

¹⁶⁵ MEIER, 1993, p. 174.

¹⁶⁶ MEIER, 1993, p. 177.

¹⁶⁷ O Evangelho de Marcos é a principal fonte de Mateus e Lucas. Essa prioridade de Marcos explicaria as semelhanças e diferenças no material da triplice tradição, ou seja, daquelas passagens que são encontradas em Marcos e em algum dos outros dois sinóticos ou nos outros dois. Mateus e Lucas contaram ainda com outra fonte que continha quase exclusivamente palavras de Jesus (ditos, apotegmas, parábolas). Essa fonte explicaria as semelhanças e diferenças encontradas no material da dupla tradição, ou seja, daquelas passagens que só Mateus e Lucas têm em comum. Além dessas duas fontes, tanto Mateus como Lucas contaram com outros materiais (orais e escritos), que explicariam aquelas passagens que são encontradas apenas em um desses dois evangelhos. (OPORTO, Santiago Guijarro. *Ditos primitivos de Jesus: uma introdução ao "Proto-evangelho de ditos Q"*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 14).

que é Marcos. Quanto a Paulo, o material das suas cartas não é diretamente relacionado àquilo que Jesus disse enquanto pregava nas terras palestinas, mas é relacionado à compreensão teológica que o apóstolo teve do Jesus ressuscitado.

Sabemos também que é mais fácil chegar à conclusão de que é autêntico algum tema falado por Jesus, como o do Reino de Deus, que foi repetido e retomado em várias ocasiões, a ditos e declarações gerais, inseridos em meio a outros discursos. Devemos considerar que:

não é impossível a priori que um dito inventado depois por comunidades ou profetas cristãos se adaptasse tão bem às necessidades da Igreja, que logo fosse incorporado a diferentes linhas de tradição. Por outro lado, o simples fato de um dito ocorrer apenas em uma fonte não prova que não tenha sido proferido por Jesus¹⁶⁸.

Essa afirmação nos remete mais uma vez à questão que esses critérios são mais ou menos confiáveis, nunca, totalmente. O que temos nessa passagem que é retomado várias vezes por Jesus é a denominação que Ele dá a Si mesmo, declarando-Se ser “O Filho do Homem” (v. 28). Porém, mais uma vez, são palavras que aparecem somente nos evangelhos, nenhuma vez mais no restante do Novo Testamento.

O versículo 27 é o mais problemático para ser usado neste critério, pois as palavras de Jesus só aparecem em Marcos. Não há registro nem em Marcos ou Lucas e em nenhum outro texto que conhecemos. Podemos dizer que os outros evangelistas não confirmam a declaração de Jesus contida nesse versículo.

Há também no versículo 26 um exemplo de Jesus que não confere, conforme o que está registrado no Antigo Testamento. Quanto a isso, faremos uma análise maior, quando formos para o conteúdo da perícopé.

Concluimos que este critério não é eficaz para confirmar as palavras de Jesus ditas nessa perícopé, pois com exceção do título dado a Si mesmo, as outras palavras de Jesus mais divergem do que atestam a historicidade do critério.

¹⁶⁸ MEIER, 1993, p. 178.

Observamos que dos critérios aqui aplicados, o que mais pode ser considerado revelador para o texto em questão é o *critério da descontinuidade*. Os outros dois critérios podem atestar um grau de historicidade, mas com bastante restrição.

2.2.4 Contexto menor da perícopes

O fato do autor do evangelho colocar em seqüência, nos capítulos 2 e 3, várias histórias de atitudes polêmicas de Jesus, que não aconteceram necessariamente nessa ordem cronológica, nos mostra esse trabalho de tecitura. A mesma coisa acontece nos capítulos 11 e 12, nos quais Jesus já está em Jerusalém no final do Seu ministério. Ainda Meier defende que: “Não há motivo para considerarmos essas compilações como tendo preservado a inviolável ordem cronológica dos eventos, especialmente porque Mateus e Lucas não o fizeram”¹⁶⁹.

Lane também nos diz que “É improvável que esses cinco incidentes tenham acontecido consecutivamente ou mesmo no mesmo período do ministério de Jesus”¹⁷⁰. Champlin argumenta que o texto “pode ser classificado como narrativa de controvérsia, do tipo que os evangelhos têm diversos. O tom e o meio ambiente são da Palestina, e a narrativa deve ter recebido forma fixa na tradição oral”¹⁷¹. Entretanto, é importante notarmos que mesmo que esses acontecimentos não tenham acontecido nessa ordem cronológica, todos fazem parte de ações de Jesus, que geraram muita polêmica e que, por causa delas, Ele foi perseguido e morto, “Juntas, elas indicam que a intrusão da situação radicalmente nova provocou conflito com o antigo e foi a ocasião histórica para a decisão de que Jesus deveria ser morto”¹⁷² (tradução nossa). Lane nos diz que:

¹⁶⁹ MEIER, 2003, p. 51.

¹⁷⁰ *It is unlikely that these Five incidents happened consecutively or even at the same period in Jesus' ministry.* (LANE, 1974, p. 91).

¹⁷¹ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo.* v 1. São Paulo: Hagnos, 2002, p. 382.

¹⁷² *Together they indicate that the intrusion of the radically new situation provoked sustained conflict with the old and was the historical occasion for the decision that Jesus must be put to death.*(LANE, 1974, p. 91).

As cinco narrativas encontradas nos capítulos 2:1-3:6 compartilham o elemento comum de controvérsia. Jesus e seus discípulos são secretamente (caps. 2:6-7, 3:2) ou abertamente (cap. 2:16, 18, 24) contestados pelos fariseus e pelos escribas, intérpretes de sua tradição. Eles se ofendem com as ações de Jesus. A sua indignação se expressa na afirmação categórica, 'ele blasfema' (Cap. 2:7) ou na pergunta, indagando: 'Por que ele come com publicanos e pecadores?' (Cap. 2: 16). A reação dos escribas e fariseus evoca um pronunciamento crucial de Jesus, que lança luz sobre a nova situação que sua vinda introduziu. Ao relatar estes incidentes, Marcos não faz qualquer tentativa de contar a história para seu próprio bem. Ele não se demora em detalhes que possam criar interesse ou suspense na narrativa. Fiel à tradição, ele recria os acontecimentos, a fim de tornar inteligíveis as palavras de Jesus, que informaram à Igreja e silenciaram seus adversários¹⁷³ (tradução nossa).

Lembramos que a perícopé em questão faz parte uma série de situações em que Jesus é posto a prova e é questionado sobre o seu comportamento ou sobre o comportamento dos seus discípulos. As várias traduções da Bíblia variam quanto ao título que é dado à perícopé. A *Bíblia de Jerusalém* intitula de "As espigas arrancadas", A *Bíblia na Linguagem de Hoje* de "Jesus e o sábado", A tradução de *Ferreira de Almeida* de "Jesus é senhor do sábado". Embora os títulos sejam diferentes, todas as traduções respeitam a mesma composição do capítulo e dos versículos em que a perícopé referida está registrada. Consideramos que ela está bem delimitada. Faz parte de uma série de situações de conflito para Jesus, mas tem sua coesão e coerência respeitadas. Em Marcos e Lucas o incidente é relatado após os discursos sobre o jejum, mas não em Mateus.

Há, contudo, um elemento que nos chama a atenção. Nos evangelhos de Mateus e Lucas, o episódio da cura do homem com a mão ressequida, que também acontece em um sábado, vem imediatamente depois da colheita das espigas, no mesmo capítulo. Somente em Marcos há uma quebra nessa

¹⁷³ *The five narratives found in Chs. 2:1-3:6 share in common the element of controversy. Jesus and his disciples are covertly (Chs. 2:6-7; 3:2) or openly (Ch. 2:16, 18, 24) challenged by the Pharisees and the scribal interpreters of their tradition. They are offended by Jesus' actions; their indignation is expressed in the categorical statement, "he blasphemes" (Ch. 2:7) or in the demanding question, "Why does he eat with publicans and sinners?" (Ch. 2:16). The reaction of the scribes and Pharisees calls forth a crucial pronouncement of Jesus which sheds light on the new situation his coming has introduced. In recounting these incidents Mark makes no attempt to tell the story for its own sake. There is no dwelling on details which might create narrative interest or sustain suspense. In faithfulness to the tradition, he re-creates the events in order to make intelligible the words of Jesus which informed the Church and silenced his adversaries. (LANE, 1974, p. 91).*

seqüência, iniciando o relato seguinte no capítulo 3. Hendriksen diz que é “infeliz” essa divisão¹⁷⁴. Ainda assim a integridade da perícopé é mantida.

Também de acordo com Hendriksen, é difícil saber quando que as controvérsias sobre o sábado aconteceram. Em todos os quatro evangelhos há três relatos registrados. Para ele,

Digna de consideração (ver primeiro João 5:1, 16; então Mt 12.1; finalmente, Lc 6.11, 12) é a teoria de que os três tiveram lugar em sucessão bastante próximos, durante a primavera até meados do verão do ano 28 d.C. Eu sugiro que eles podem ter seguido um ao outro nesta ordem: a. A cura no tanque de Betesda, no tempo da Páscoa (Jo 5.1-18), b. a colheita das espigas (Mt 12.1-8, Mc 2.23-28, Lc 6.1-5), e c. A cura do homem com a mão ressequida (Mt 12.9-14; Mc 3.1-6, Lc 6.6-11)¹⁷⁵ (tradução nossa).

A importância de pesquisar o “quando” dos acontecimentos reside justamente na tentativa de saber se esse embate entre Jesus e os fariseus aconteceu mais próximo da Sua morte. Acreditamos que sim, e que a interpretação de Jesus sobre o sábado foi parte responsável pela Sua crucificação. Infelizmente, o evangelista não nos deixou informações mais precisas. Sabemos que,

Os grãos estavam evidentemente amadurecendo. Esse processo, variando com a altitude, ocorreu durante um período que vai da primavera até metade do verão. No quente vale do Jordão da Palestina, a cevada amadurece em abril; na Transjordânia e na região leste do Mar da Galiléia, o trigo é colhido em agosto¹⁷⁶ (tradução nossa).

Isso é tudo que podemos saber sobre o “quando”. Alguns vão mais adiante, mas são somente conjecturas. O lugar onde aconteceu é ainda mais incerto. Não há indicação nenhuma do autor do Evangelho.

Embora, já mencionado anteriormente, os relatos em Marcos não tenham acontecido necessariamente na ordem cronológica em que estão

¹⁷⁴ HENDRIKSEN, 1975, p. 103.

¹⁷⁵ *Worthy of consideration (first see John 5:1, 16; then Matt. 12:1; finally, Luke 6:11, 12) is the theory that the three took place in rather close succession during the spring to mid-summer of the year A.D. 28. I suggest that they may have followed each other in this order: a. the healing at the pool, about the time of the Passover (John 5:1-18), b. picking heads of grain (Matt. 12:1-8; Mark 2:23-28; Luke 6:1-5), and c. the healing of the man with the withered hand (Matt. 12:9-14; Mark 3:1-6; Luke 6:6-11).* (HENDRIKSEN, 1975, p. 103).

¹⁷⁶ *Grain was evidently ripening. This process, varying with the altitude, occurred during a period extending from the spring of the year until mid-summer. In Palestine's warm Jordan Valley barley ripens during April; in Transjordan and the region east of the Sea of Galilee wheat is harvested in August.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 104).

registrados, Hendriksen defende que Marcos deveria ter na mente outra ordem, outra lógica. Após as palavras de que enquanto Ele estivesse com eles deveria haver festa e não jejum,

O evangelista agora transmite a imagem do Mestre no ato de mostrar que essa manifestação de alegria em vez de tristeza deveria caracterizar até mesmo a maneira que o sábado deveria ser observado¹⁷⁷ (tradução nossa).

Sabemos como o sábado era importante para os judeus, mas sabemos também como era difícil observá-lo, diante de tantas prescrições que haviam sido impostas através de leis e ramificações de leis, conforme veremos mais adiante. O evangelista poderia estar tentando mostrar a intenção de Jesus de conduzir o sábado para outro nível, libertá-lo de tantas obrigações desnecessárias.

Temos mesmo ao certo é que o evangelho apresenta uma série de conflitos envolvendo Jesus que iniciam em Mc 2.1 e vão até Mc 3.6. O autor do texto preocupou-se em colocar em uma seqüência narrativa esses cinco episódios. Destoando disso estão somente os versículos 13 e 14 do capítulo 2, que tratam da vocação de Levi. Contudo, ainda que não haja ordem cronológica nos relatos, a perícopé mantém sua integridade e ordem semântica, da maneira que está ligada aos outros textos.

2.2.5 Análise de conteúdo da perícopé

Iremos analisar agora o referido texto de Marcos 2, iniciando no versículo 23, a fim de compreendermos como a situação vai se desenrolando até atingir o clímax no verso 28. A declaração de Jesus ali é a chave para a compreensão da perícopé e do posicionamento de Jesus.

¹⁷⁷ *The evangelist now proceeds to picture the Master in the act of showing that this manifestation of gladness instead of sadness should characterize even the manner in which the sabbath is observed.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 104).

2.2.5.1 Versos 23 e 24

Kai. evge,neto auvto.n evn toi/j sa,bbasin
 paraporeu,esqai dia. tw/n spori,mwn(kai. oi`
 maqhtai. avtou/ h;rxanto o`do.n poiei/n ti,llontej
 tou.j sta, cuajÁ kai. oi` Farisai/oi e;legon
 avtw/|\ i;de ti, poiou/sin toi/j sa,bbasin o] ouvk
 e;xestinÈ

No nosso referido embate, a questão principal é a quebra do mandamento do sábado. Conforme Lane, “Entre os escribas era esperado que um professor fosse responsável pelo comportamento dos seus discípulos. Por essa razão, os fariseus endereçaram seu protesto diretamente a Jesus”¹⁷⁸. Isso nos mostra que Jesus era respeitado, por ser considerado um mestre.

O evangelho de Mateus nos diz que os discípulos estavam com fome (Mt 12,1). A maneira como solucionaram esse problema é variada nos sinóticos. Nosso texto em Marcos diz que eles “colhiam espigas” (Mc 2.23). Mateus adiciona que eles as comiam. Em Marcos é implícito o ato de comer (Mc 2.26). Lucas é mais direto, eles “colhiam e comiam as espigas, debulhando-as com as mãos (Lc 6.1)”¹⁷⁹.

Quanto ao versículo 24 de Marcos, há algumas diferenças ao compararmos os sinóticos. Lucas nos relata uma pergunta, porém, feita diretamente aos discípulos. Contudo, é Jesus que responde à pergunta. O evangelista Mateus muda completamente a cena, pois os fariseus não fazem uma pergunta, simplesmente comentam com Jesus que os discípulos dEle estavam fazendo aquilo que não deveria ser feito no sábado. A narração de Mateus nos fala de uma maneira muito mais severa a respeito dos fariseus, pois eles sequer se preocupam em perguntar para Jesus.

A ação dos discípulos de colher os grãos não era ilegítima, pois a lei de Moisés dizia que “Quando entrares na seara do teu próximo, com as mãos arrancarás as espigas; porém na seara não meterás a foice”¹⁸⁰. Eles não estavam sendo acusados, então, de roubo. Isso seria violar outro mandamento.

¹⁷⁸ *Among the scribes it was assumed that a teacher was responsible for the behavior of his disciples. For this reason the Pharisees address their protest directly to Jesus* (LANE, 1974, p. 115).

¹⁷⁹ HENDRIKSEN, 1975, p. 104

¹⁸⁰ Dt 23.25

O problema estava em colher os grãos no sábado. Lane diz que “A conduta dos discípulos passou pela análise dos fariseus somente porque ocorreu no sábado”¹⁸¹.

A ação dos fariseus foi imediata. De acordo com Hendriksen, a partícula *i;de* (v. 24) pode assumir vários sentidos, de acordo com o contexto. Porém, no texto de Marcos “expressa chocada desaprovação de uma ação que, conforme os fariseus entendiam, necessitava uma correção imediata”¹⁸² (tradução nossa). Aquele ato realmente era para os fariseus uma ofensa.

Também quanto a ser lícito ou não, lembramos as palavras de Champlin que diz “A tradição criara regras inflexíveis com relação ao sábado”¹⁸³. Em várias outras oportunidades Jesus criticou a tradição dos homens, como por exemplo Mc 7.8. Parece que Jesus tinha uma opinião bem particular quanto a ela. Para Hendriksen,

Obviamente, o que estava acontecendo era que os inimigos de Cristo estavam enterrando a real Lei de Deus – que não proibia de modo nenhum o que os discípulos estavam fazendo – em baixo de uma montanha de tolas tradições feitas pelos homens (Mc 7.8, 9, 12, 13; cf. Mt 15.3, 6; 23.23, 24)¹⁸⁴ (tradução nossa).

As palavras que o Pentateuco contém sobre a guarda do Sábado, evoluíram com o tempo para um longo tratado, que veio a ser chamado depois de *Mishnah*¹⁸⁵. Sabemos da importância que essas leis mais específicas tinham na vida dos judeus. Mas o quê realmente as leis que formaram o *Mishnah* diziam sobre o sábado? Pertencendo a *Moed*, o segundo tratado da *Mishnah*, que é referente às festas, as prescrições sobre o sábado eram

¹⁸¹ *The disciples' conduct came under the critical scrutiny of the Pharisees only because it occurred on the Sabbath* (LANE, 1974, p. 114).

¹⁸² *expresses shocked disapproval of an action which, as the Pharisees see it, calls for immediate correction.* (HENDRIKSEN, 1975, p. 105).

¹⁸³ CHAMPLIN, 2002, p. 383.

¹⁸⁴ *Obviously, what was happening was that Christ's enemies were burying the real Law of God- which did not in any sense forbid what the disciples were now doing- under the mountain of their man-made, foolish traditions* (Mark 7:8, 9, 12, 13; cf. Matt. 15:3, 6; 23:23, 24). (HENDRIKSEN, 1975, p. 105).

¹⁸⁵ **Mishná** (do hebraico **הנשח**, "repetição") é o nome dado ao principal e mais recente texto do judaísmo rabínico escrito em aramaico do segundo século após Cristo cujo conteúdo foi extraído do Tanakh, ou seja é a mais antiga compilação da Lei Oral que foi redigida em aramaico sob a supervisão de Judá HaNasi por volta de 200 d.C. que se conhece. Disponível em <<http://dicionario.babylon.com/mishnah/>> Acesso em: 01 set. 2010.

bastante rígidas. Havia uma lista de 39 trabalhos que não poderiam ser feitos no sábado, sob a pena de estar sendo cometido um pecado. Diz assim:

Os trabalhos principais são quarenta menos um: Semear; Lavar; Colher, ceifar, segar; Amarrar molhos, fazer feixes; Debulhar, bater, sovar; Cirandar, joeirar, peneirar; Limpar os grãos; Moer, triturar, pulverizar, atirar, amolar; Passar pelo crivo, peneirar; Amassar; Assar; Tosquiar lã, tosar lã; Lavar lã; Bater; Tingir; Enrolar; Fazer trama, torcer; Trançar cordas; Enrolar um barbante; Separar um barbante; Fazer um nó; Desfazer um nó; Costurar dois pontos; Rasgar a fim de costurar dois pontos; Caçar um cervo; Matar um cervo; Tirar a pele; Temperar; Preparar o couro; Aparar o cabelo; Cortar o cabelo; Escrever duas letras; Apagar com o fim de escrever duas letras; Construir; Desmanchar; Apagar fogo; Acender fogo; Bater com um martelo; Carregar de uma área para outra¹⁸⁶.

Os discípulos estariam inseridos nas infrações de colher e debulhar espigas. Lane diz:

A ação de arrancar grãos foi interpretada como colher, um ato de trabalho, violação do descanso sabático. Colher no sábado foi formalmente proibido pela Lei Mosaica (Êxodo 34:21), e nas 39 categorias principais de atividades proibidas no Mishnah, a terceira é colher¹⁸⁷ (tradução nossa).

Também Champlin diz que a transgressão foi “colher” e “debulhar” espigas. Lembra que em Dt 23.25 está escrito que “Quando entrares na seara do teu próximo, com as mãos arrancarás as espigas; porém na seara não meterás a foice”. Isso poderia ser interpretado por alguns como permissão para a colheita, contudo, o *Talmude* proibia isso em dia de sábado¹⁸⁸.

Champlin também levanta outro ponto interessante. Como o evangelista Marcos diz em 3.22 “os escribas, que haviam descido de Jerusalém”, ele argumenta que talvez esses escribas fossem os mesmos que acusaram Jesus quanto à violação do sábado na colheita. Com isso podemos

¹⁸⁶ *Los trabajos principales son cuarenta menos uno: sembrar, arar, segar, engavillar, majar, bieldar, limpiar, moler, cribar, amasar, cocer, eaquilar, lavar la Lana, mullirla, teñirla; hilar, tejer, hacer dos cordoncillos, tejer dos hilos, separar dos hilos; hacer nudos, soltarlos, hacer dos costuras, desgarrar algo com objeto de hacer dos costuras, cazar um ciervo, matarlo o despellejarlo, ensalarlo, curar la piel, pulirla, cortarla; escribir dos letras, borrar com el fin de escribir dos letras; edificar, demoler, apagar, encender; golpear com martillo, transportar de un ámbito a outro.* (MISHNÁ. Espanhol. VALLE, Carlos Del (ed.) **La Misná**. 2. ed. revisada y corregida Salamanca: Sígueme, 2003, p. 232-233).

¹⁸⁷ *The action of plucking grain was interpreted as reaping, an act of work in violation of the Sabbath rest. Reaping on the Sabbath was formally prohibited by the Mosaic Law (Ex. 34:21), and of the 39 main categories of work forbidden on the Sabbath in the Mishnah, the third is reaping* (LANE, 1974, p. 114-115).

¹⁸⁸ CHAMPLIN, 2002, p. 383.

inferir que “durante a segunda viagem para a Galiléia, algumas autoridades judaicas, sediadas em Jerusalém, enviaram espiões à Galiléia para observar as ações de Jesus”¹⁸⁹. Jesus já representava uma ameaça tanto às autoridades religiosas quanto às políticas. Já estava célebre e tinha muitos seguidores, tanto que “Por essa altura do ministério de Jesus, os fariseus já haviam perdido toda simpatia por ele. Provavelmente já haviam traçado o plano para matá-lo. Agora só o observaram a fim de reunir provas contra ele”¹⁹⁰.

Em *The Anchor Bible*, em uma nota sobre o texto é dito, “A gramática parece colocar a ênfase no movimento dos discípulos, não no arrancar dos grãos, mas é isso que é o principal problema na controvérsia seguinte”¹⁹¹ (tradução nossa).

Com respeito ao uso do verbo *ti, llontej* (particípio-presente-ativo-nominativo-masculino-plural), a nota nessa Bíblia vai além e faz mais algumas considerações a respeito dele e das palavras que o antecedem.

Deve haver alguma razão para Marcos expressar-se dessa maneira, e não resolve totalmente o problema sugerir que o particípio pode ocasionalmente transmitir a idéia principal no grego do NT [...] Certamente há maneiras mais simples de expressar tal significado. A escolha gramatical de Marcos pode sim refletir um desejo de sugerir (sem impor) a noção dos discípulos limpando um caminho para Jesus. Embora o *do.n poiei/n* possa significar ‘pôr-se a caminho’ [...], ele normalmente significa “criar uma estrada”. Marcos pode querer brincar com esse significado, como já sugeriu o comentador do século XII, Euthymius [...]. Se for isso, a ação dos discípulos tornar-se-ia um cumprimento parcial da profecia de Isaías que é citada em Mc 1:3, eles estão preparando o caminho do Senhor¹⁹² (tradução nossa).

¹⁸⁹ CHAMPLIN, 2002, p. 383.

¹⁹⁰ CHAMPLIN, 2002, p. 383.

¹⁹¹ *The Grammar seems to put the emphasis on the disciples' movement, not on the plucking of the grain, but it is the latter that is chiefly at issue in the subsequent controversy;* (THE ANCHOR BIBLE. *Mark 1-8: A new translation with introduction and commentary* by Joel Marcus. New York: Doubleday, 2000. v. 27, p. 239).

¹⁹² *there must be some reason for Mark to express himself as he does, and it does not solve the problem totally to suggest that the participle can occasionally convey the leading idea in NT Greek [...]. There are certainly more straightforward ways of expressing such a meaning. Mark's choice of Grammar may rather reflect a desire to suggest (without pressing) the notion of the disciples clearing a path for Jesus. Although *hodon poiein* can mean “to make one's way, to journey” [...], it usually signifies “to create a Road.” Mark may wish to play on this meaning, as the twelfth century commentator Euthymius already suggested [...]. If so, the disciples' action would become a partial fulfillment of the prophecy of Isaiah that is cited in 1:3: they are preparing the way of the Lord.* (THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 239).

De acordo com essa hipótese, Marcos estaria deixando registrado, não de uma maneira direta, a sua crença na divindade de Jesus através do cumprimento profético. Jesus, normalmente, conduz seus discípulos, mas nesse momento, estava sendo conduzido, como acontecia com os reis da antigüidade, que tinham seus caminhos preparados por trabalhadores, antes da sua chegada. Jesus estaria assumindo Sua realeza. Veremos na análise do verso 28 que o “Filho do Homem” é um título de realeza. Logo no começo da narrativa isso já estaria sendo expresso. Isso talvez nos indique que esse episódio aconteceu mais no final do ministério de Jesus. No começo ele evitava se expor e suscitar polêmicas. Como vimos, os fariseus talvez já estivessem perseguindo a Jesus e já tivessem o plano de livrar-se dEle.

Isso pode explicar também, a presença constante dos fariseus ou escribas, onde quer que Jesus estivesse cometendo algum ato que eles poderiam achar reprovável. Para Sanders, “isso é um exemplo dos ‘extraordinários e irreais cenários de muitas das histórias de conflito’”¹⁹³ (tradução nossa). Afinal, parece estranho eles estarem em um sábado em uma plantação, ao invés de estarem na sinagoga ou dedicando-se a alguma das suas outras atividades. Contudo, eles poderiam estar passando pelo campo, talvez a caminho da sinagoga. Casey, “assinala que há relatos de rabis ou grupos de rabis em plantações no sábado por uma variedade de razões, então, a presença dos fariseus não é impossível”¹⁹⁴ (tradução nossa).

A situação inicial e o conflito já estão estabelecidos nesses primeiros dois versos. Se a sugestão de que o “arrancar” os grãos significa mesmo preparar o caminho para o “Senhor”, conforme dito e pensamos que faz bastante sentido, a perícope já inicia repleta do conceito do senhorio de Jesus. A partir de agora, analisaremos a resposta de Jesus.

¹⁹³ *this is an example of ‘the extraordinary unrealistic settings of many of the conflict stories Sanders, Jesus, p. 265 apud THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 240.*

¹⁹⁴ *points out that rabbis or groups of rabbis are reported to be in fields on Sabbaths for a variety of reasons, so the Pharisees’ presence is not impossible. Casey, Plucking, 127a apud THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 240.*

2.2.5.2 Versos 25 e 26

kai. le,gei auvtoi/j\ ouvde,pote avne,gnwte ti,
evpoi,hsen Dauid o[te crei,an e;scen kai.
evpei,nasen auvto.j kai. oi` metV auvtou/(

pw/j eivsh/lqen eivj to.n oi=kou tou/ qeou/ evpi.
VAbiaqa.r avrciere,wj kai. tou.j a;rtouj th/j
proqe,sewj e;fagen(ou]j ouvq e;xestin fagei/n eiv
mh. tou.j i`erei/j(kai. e;dwken kai. toi/j su.n
auvtw/| ou=sinÈ

Jesus responde a pergunta dos fariseus quanto ao ato dos seus discípulos com outra pergunta, o que “reflete a linguagem de debate e é apropriado ao contexto”¹⁹⁵. Isso, provavelmente, é típico do ambiente judaico e aparece com frequência nos sinóticos¹⁹⁶. Contudo, o tom de Jesus é bastante forte. É como se ele dissesse, de acordo com Hendriksen,

Vocês se orgulham de serem os verdadeiros guardadores da Lei, e seus escribas julgam a si mesmos serem completamente versados nela e capazes de ensinar a outros; contudo, são vocês mesmos desconhecedores do fato de que mesmo essa importante Lei permite que suas restrições cerimoniais sejam ignoradas em caso de necessidade?¹⁹⁷ (tradução nossa)

Aquilo que eles deveriam saber, porque deveriam ter lido, é intrigante. Jesus relembra uma história que está registrada em 1Sm 21. 1-9, envolvendo o rei Davi, grande personagem da história judaica. Davi come os pães da proposição. Gostaríamos de fazer um comentário a respeito da sacralidade desses pães e do lugar onde ficavam. Eram 12 pães, representando as 12 tribos de Israel, colocados sobre uma mesa de 3 pés de comprimento, 1½ de largura e também com 1½ de altura. Essa mesa era coberta com ouro puro, rodeada por uma moldura também de ouro e com 4 anéis de ouro nas pontas, a fim de ser carregada (Êx 25.23,24). Ficava no Lugar Santo do Templo. Os pães representavam o relacionamento das pessoas com Deus e há associações posteriores, nos evangelhos, com Jesus, que é o pão da vida. Os

¹⁹⁵ *reflects the language of debate, and is appropriate to the context* (LANE, 1974, p. 115).

¹⁹⁶ THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 233.

¹⁹⁷ *You pride yourselves in being the very people who uphold the Law, and your scribes deem themselves to be so thoroughly versed in it as to be able to teach others; yet are you yourselves unacquainted with the fact that even this very Law allowed its ceremonial restrictions to be ignored in case of need?* (HENDRIKSEN, 1975, p. 105).

israelitas eram como convidados nessa mesa, consagrados ao Senhor. Somente os sacerdotes poderiam comer desses pães, depois que fossem removidos e trocados por pães novos (1Sm 21.6)¹⁹⁸. Não era de pouca importância então, o exemplo de Jesus e aquilo que Davi fez quando teve necessidade. Os dois pontos em questão envolviam sacralidade.

Certamente era do conhecimento dos fariseus aquilo que Jesus estava falando. Daube chama a atenção que o texto diz que Davi não estava com os seus soldados, ele estava sozinho quando procurou o sacerdote e pediu cinco pães. Também não diz que Davi dividiu os pães com alguém. Na verdade, todo o texto dá a entender que Davi foge sozinho depois de falar com Jônatas, procura o sacerdote e depois continua fugindo para Aquis. Davi estaria mentindo ao dizer que estava acompanhado. Jesus certamente era ciente disso, como judeu estudioso que era. Para The Anchor Bible,

Ao recontar isso, o Novo Testamento reabilita David apagando sua mentira; este tipo de “melhoria” da falibilidade de heróis do Antigo Testamento é comum em exegeses judaicas e cristãs. [...] Mais importante, entretanto, o Jesus de Marcos traz os companheiros de Davi porque o desafio dos fariseus é referente às ações dos discípulos de Jesus; essa maneira de remodelar uma história bíblica com a finalidade de reforçar uma idéia é também um recurso comum na interpretação bíblica antiga¹⁹⁹ (tradução nossa).

Para Jesus, certamente, a essência do exemplo era o mais importante, não os detalhes periféricos. A presença do sagrado e o uso que fazemos dele, a maneira como nos aproximamos dele e nos apropriamos, é o ponto em questão para Jesus. O benefício do ser humano sempre foi prioridade nos ensinamentos de Jesus.

No evangelho de Mateus as palavras de Jesus têm um sentido ainda mais amplo, pois ele diz que os próprios sacerdotes violam o sábado ao entrar no templo e não lhes é atribuída nenhuma culpa. Com as palavras em defesa da misericórdia em vez de sacrifício, Jesus deixa bem claro a razão da existência do Sábado. Foi instituído por Deus para o bem do homem. O

¹⁹⁸ HENDRIKSEN, 1975, p. 106.

¹⁹⁹ *The New Testament retelling thus rehabilitates David by effacing his lie; this sort of "improvement" of fallible OT heroes is common in Jewish and Christian exegesis. [...] More important, however, the Markan Jesus brings in David's companions because the Pharisees' challenge concerns the actions of Jesus' disciples; this sort of reshaping of a biblical story in order to make one's point stronger is also a common feature in ancient biblical interpretation.* THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 240.

Sábado deveria beneficiar o homem, e não o homem ser escravo do sábado. Isso significa dizer que há atividades que podem ser feitas no sábado sem a sua violação. Por essa razão, o sacerdote não era culpado por realizar os serviços do templo nesse dia. Eles faziam parte da adoração divina. Ao pronunciar essas palavras, Jesus remete também, pensamos, ao momento da criação, quando “todas as coisas foram feitas”.

Outro fato interessante é o nome do sacerdote mencionado por Jesus: Abiatar. Quando lemos o texto no livro de Samuel, encontramos o nome do sacerdote Abimeleque, que foi pai de Abiatar. Qual a razão para a troca de nomes? Será que Jesus se enganou? Ou foi Marcos que se enganou ao registrar a cena? As palavras $\epsilon\upsilon\pi\iota. \vepsilon\text{Abia}\alpha\alpha.r \text{avr}\text{ciere},w\text{j}$ não constam em *D W 271 a b e f f i r¹ sy^{sin}* e nos outros sinóticos. Em *A C Q 1 f e* outros MSS o artigo tou/ está inserido antes de $\text{avr}\text{ciere},w\text{j}$. Assim, a frase poderia ser traduzida como “nos dias de Abiatar (que depois tornou-se), o sumo sacerdote²⁰⁰”.

Algumas soluções são propostas. Mateus e Lucas, assim como alguns manuscritos resolveram o problema, simplesmente omitindo o nome do sacerdote. Eles teriam notado, se for isso, há muito tempo então, o engano do texto. Isso sugere também maior autenticidade ao texto de Marcos, pois seria muito mais fácil simplesmente corrigir o texto marcano lá no princípio.

Já foi sugerido que no verso 26, por haver a preposição $\epsilon\upsilon\pi\iota. +$ o genitivo, a melhor tradução seria, “na seção da escritura que tem a ver com Abiatar”. O nome do filho foi, certamente, mais lembrado que o nome do pai, por causa dos acontecimentos posteriores à passagem de Davi pelo templo. Abiatar foi o único sobrevivente de um massacre que ocorreu. Entretanto, Abiatar não aparece até 1Sm 22 e, conforme documentos rabínicos, não há a tendência de designar uma seção por um personagem, que ainda nem apareceu.

Há também a sugestão que a melhor tradução para $\epsilon\upsilon\pi\iota. \vepsilon\text{Abia}\alpha\alpha.r \text{avr}\text{ciere},w\text{j}$ deveria ser “na presença de Abiatar, o sumo sacerdote”, e isso seria uma antecipação ao cargo que ele mais tarde teria.

²⁰⁰ LANE, 1974, p. 116.

Porém, não há nenhuma indicação no texto de 1Sm de que Abiatar estaria presente ou de que seria já chamado de sumo sacerdote²⁰¹.

Para Hendriksen, a teoria mais provável é a de que tanto Abiatar como Abimeleque estivessem presentes quando Davi foi até o templo e os dois teriam dado os pães para ele. O texto diz que Davi foi a Nobe. Como Saul se enfureceu e mandou matar toda a família, pode-se inferir que todos tivessem participado da ajuda a Davi.

Um bom argumento para essa teoria seria a de que a bíblia contém outros exemplos de nomes mencionados em algum período, mas que na época em que aconteceram ainda não eram conhecidos por tais nomes. Temos Betel (Gn 12.8), mas que nos dias de Abrão era chamada de Luz. Jesus, nesse caso, estaria usando desse artifício. Falando da história antiga e usando um nome do sacerdote conhecido no Seu tempo²⁰².

Para Lane, “é comumente assumido que um erro primitivo entrou na tradição antes de chegar às mãos de Marcos ou uma antiga interpolação marginal, que era um erro, foi inserida no texto²⁰³ (tradução nossa).

Hendriksen chama a atenção que em 1Sm 22.20, Abiatar é um dos filhos de Abimeleque e em 2Sm 8.17, Abimeleque é o filho de Abiatar. Talvez esse excesso de nomes iguais pudesse causar confusão, fazendo com que os dois fossem usados para a mesma pessoa. Entretanto, é duvidoso que o canon hebraico utilizasse essa intercambialidade de nomes. Parece mais provável que Abimeleque tenha tido um filho chamado Abiatar e esse tenha tido um filho chamado Abimeleque²⁰⁴.

Outra possibilidade que temos é que como o texto do Antigo Testamento é confuso (ver 1Sm 22.20 e 1Cr 24.6), a passagem do Novo Testamento (Mc 2.26) pode ser uma interpolação, conforme já mencionado por Lane. O aparato crítico, contudo, não esclarece e não valida essa teoria²⁰⁵.

Podemos pensar que Marcos estivesse vivendo a Guerra Judaica (66-70 d.C.) e a perseguição aos cristãos pelos judeus lembrava o evento da

²⁰¹ THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 241, 242.

²⁰² HENDRIKSEN, 1975, p. 107, 108.

²⁰³ *it is commonly assumed a primitive error entered the tradition before it came into Mark's hands or an early marginal gloss which was in error moved into the text.* (LANE, 1974, p. 115).

²⁰⁴ HENDRIKSEN, 1975, p. 107.

²⁰⁵ HENDRIKSEN, 1975, p. 107.

perseguição a Davi impetrada por Saul. Foi após a ida de Davi ao templo que aconteceu o terrível morticínio dos sacerdotes e o espírito de Deus foi realmente retirado de Saul e passou oficialmente para Davi, através das mãos de Abiatar. Marcos poderia estar se referindo à legitimação do poder conferida agora aos cristãos²⁰⁶.

Devido a pouca sustentabilidade dessas teorias, não podemos deixar de mencionar que o autor do texto poderia simplesmente ter se enganado ao escrever o nome do sacerdote. O engano poderia ter sido de Jesus, mas se assim o tivesse sido, provavelmente, Marcos teria corrigido o engano. Ainda assim, o ponto principal dessa discussão continua sendo a violação de algo considerado sagrado.

Muitos consideram esse exemplo de Jesus inapropriado, por não fazer referência direta ao sábado. Porém, Murrelstein concluiu, por vários detalhes na história, que o incidente com Davi também aconteceu em um sábado. Lane pensa que esse pensamento poderia ser corrente no tempo de Jesus, mas não há pistas dessa tradição no texto de Marcos²⁰⁷.

Ainda que o incidente com Davi não tenha acontecido em um sábado, elemento bem difícil de ser comprovado, o exemplo de Jesus nos parece coerente sim, pois não são os detalhes que verdadeiramente aproximam os dois incidentes, apesar de tudo começar com a “fome” dos discípulos. O cerne da questão é que homens violaram algo sagrado. A discussão entre os fariseus e Jesus pode até ter sido mais longa, e Marcos registrou somente aquelas partes que julgou mais importantes. Talvez esses versos sejam apenas fragmentos de toda uma situação²⁰⁸.

2.2.5.3. Verso 27

kai. e;legen auvtoi/j\ to. sa,bbaton dia. to.n
a;nqrwpon evge,neto kai. ouvc o` a;nqrwpoj dia. to.
sa,bbaton\

²⁰⁶ THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 241, 242.

²⁰⁷ LANE, 1974, p. 116.

²⁰⁸ LANE, 1974, p. 117.

Depois de relembrar um fato conhecido da história dos judeus na Sua argumentação, Jesus pronuncia as palavras que estão no verso 27. Marcos é o único evangelista que registra essas palavras. Existe a teoria de que o uso de *evge, neto* é uma alusão direta ao texto de Gn 2.1-3. Na tradução da LXX, em Gn 1, o verbo é bastante usado. Como o sábado é ligado à criação, os judeus até mesmo o chamariam de “sábado da criação”, para diferenciá-lo do ano sabático. O comentarista da *Anchor Bible* diz que:

É duvidoso, entretanto, que Jesus esteja argumentando que a humanidade se sobrepõe ao sábado porque foi criada primeiro [...], isso não somente não é declarado, mas em Gn 1.26-29 é aquilo que foi criado depois que tem precedência sobre o criado primeiro²⁰⁹ (tradução nossa).

Jesus está complementando o exemplo que deu com as palavras do verso 27. Para Hendriksen, Ele estava realçando a importância do sábado e a razão pela qual o sábado foi criado. Ele diz:

Não o sábado, mas o homem foi criado primeiro; então veio o sábado (Gn 1.26-2.3). O sábado foi instituído para ser uma bênção para o homem: para mantê-lo saudável, para fazê-lo prestativo, como consequência, feliz, para torná-lo santo, a fim de que ele pudesse calmamente meditar nos trabalhos de seu criador, pudesse “deliciar-se em Jeová” (Is 58.13,14), e esperasse ansiosamente, com alegria antecipada pelo descanso do sábado, que resta ao povo de Deus (Hb 4.9)²¹⁰ (tradução nossa).

Para esse autor, o texto não diz que o homem é mais importante que o sábado, nem que por isso ele poderia não ser guardado mais. Somente diz a função que o sábado teria. Dizemos isso porque essas palavras de Jesus têm sido interpretadas através dos anos por alguns como se o homem fosse a medida para todas as coisas e o sábado pudesse servir agora para os seus interesses, a representação disso seria o ato dos discípulos ao colherem os grãos. Para Guelich,

²⁰⁹ *It is doubtful, however, that Jesus is arguing that humanity overrides the Sabbath because it was created first (...); not only this is not stated, but in Gen 1:26-29 it is what is created later that takes precedence over what is created earlier* (THE ANCHOR BIBLE, 2000, p. 242).

²¹⁰ *Not the sabbath but man was created first; then came the sabbath (Gen. 1:26-2:3). The sabbath was instituted to be a blessing for man: to keep him healthy, to make him helpful, hence happy, to render him holy, so that He might calmly meditate on the works of his Maker, might “delight himself in Jehovah” (Isa. 58:13, 14), and look forward with joyful anticipation to the sabbath rest that remains for the people of God (Heb. 4:9).* (HENDRIKSEN, 1975, p. 108).

Ao enfatizar uma liberdade humana fundamental sobre o sábado, o dito representa uma ruptura radical com a “teologia do sábado pós-exílica” [...]. Além da questão de uma crítica tão radical da lei do sábado no ministério de Jesus, tal leitura de 2.27 interpreta o dito fora do seu contexto. Tem pouco em comum tanto com a resposta dos versos 25 e 26 quanto o verso 28 tem a ver com a pergunta dos fariseus²¹¹ (tradução nossa).

A resposta de Jesus seria sim uma quebra com a forma vigente de guardar o sábado, que foi bem lembrada após o exílio babilônico. Porém, foi se transformando e ficando cada vez mais dura de ser observada, ao ponto de afastar as pessoas do sentido que o sábado poderia ter.

Se pensarmos que o significado primeiro do sábado sempre foi o amor a Deus e conseqüentemente ao próximo, veremos como o sábado estava longe do seu propósito inicial.

Poderíamos pensar que o sábado foi estabelecido somente para os judeus, por isso, não existe mais a necessidade dele ser guardado pelos cristãos. Contudo, acreditamos que os cristãos são os “herdeiros espirituais dos judeus”, caso contrário, o Antigo Testamento não teria sentido para nós. Sabemos que não é assim, muito devemos como cristãos ao povo judeu. Odom ressaltou também:

Na passagem da escritura que diz “o sábado foi feito para o homem” (Mc 2.27), a palavra grega usada é *anthropos*, um termo genérico para humanidade. Então, o sábado foi feito para toda a humanidade. Não foi feito somente para os judeus, mas para toda a raça humana²¹² (tradução nossa).

Ao pronunciar essas palavras, Jesus estava afrontando diretamente os fariseus, pois certamente eles se consideravam um povo especial e pensavam que o sábado era patrimônio exclusivo deles. Contudo, exemplos vários na bíblia nos mostram que Deus nunca foi exclusivista, pelo contrário, aqueles que

²¹¹ *By emphasizing a fundamental human freedom over against the sabbath, the saying represents a radical break with the “sabbath theology of post-exilic Judaism” [...]. Yet apart from the question of so radical a critique of the sabbath Law in Jesus’ ministry, such a reading of 2:27 takes the saying out of context. It has little in common either with the response of 2:25-26 or 2:28 to the Pharisees’ question.* (GUELICH, Robert A. *Word biblical commentary: Mark 1-8:26*, v34A, Dallas, Word Books, 1989, p. 124).

²¹² In the scriptural passage that says “The sabbath was made for man” (Mark 2:27), the Greek noun rendered as “man” is *anthropos*, a broad generic term referring to men in general, mankind. Thus the Sabbath was made for all mankind. It was not made for the jews only, but for the whole human race (ODOM, Robert L. *Sabbath and Sunday in early Christianity*. Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1977, p. 22).

não pertenciam ao povo judeu eram sempre bem-vindos, contanto que O adorassem como Deus.

2.2.5.4 Verso 28

w[ste ku,rio,j evstin o` ui`o.j tou/ avnqrw,pou
kai. tou/ sabba,tou

Aqui temos a declaração mais controvertida de Jesus durante toda essa cena. Para entendermos essas palavras de Jesus, temos que entender o significado de o *Filho do Homem*. No momento que Jesus diz ser Ele o Senhor do Sábado, Ele está identificando a Si mesmo com Deus, pois está dizendo ser Ele o criador de todas as coisas. Os fariseus entenderam isso, pois a grande acusação contra Jesus era de que Ele era “blasfemo”, que dizia “blasfêmias”, ou seja, que estava se colocando no lugar de Deus. Odom argumenta que:

Os oponentes de Cristo, cegos ao fato de que muitas profecias messiânicas anunciavam que Ele iria aparecer como o nascido divino em carne e osso, planejaram matá-lo, pois ele clamava ser o que devia vir. “Consequentemente, os judeus procuravam mais e mais matá-lo, não somente porque Ele quebrava o sábado, mas porque dizia que Deus era Seu pai. Fazendo-se a si mesmo igual a Deus (Jo 5.18)²¹³ (tradução nossa).

A perseguição a Jesus é motivada por esse tipo de declaração. Entre os evangelhos, o livro que mais cita esse título é Mateus (33x), seguido de Lucas (31x), João (19x) e por último Marcos (13x). A fonte Q também cita esse título. O uso nos Sinópticos, não é nada uniforme. Alguns descrevem a atividade presente do “Filho do Homem”. Outros falam do sofrimento que sofrerá e outros têm referência aos tempos finais, onde ele será exaltado e glorificado²¹⁴. Entre os livros do Antigo Testamento, Ezequiel se destaca (98x), mas é o livro de Daniel que o cita pela primeira vez. Connick, falando dessa expressão, nos diz que, “Sua presença nos Evangelhos é tão evidente quanto

²¹³ Christ’s opponents, blind to the fact that many of the Messianic prophecies announced that He would appear as the Divine One Born in human flesh, plotted to kill Him because He claimed to be such. “Therefore the Jews sought the more to kill Him, because he not only had broken the Sabbath, but said also that God was his Father, *making himself equal with God*” (John 5:18). (ODOM, Robert L. *Sabbath and Sunday in early Christianity*. Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1977, p. 21).

²¹⁴ CONNICK, C. Milo. *Jesus: the man, the mission, and the message*. 2 ed. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1974, p. 296.

sua ausência no restante do Novo Testamento”²¹⁵ (tradução nossa). Ela é tão misteriosa quão importante.

Stauffer nos lembra que nem mesmo entre os primeiros credos da cristandade são encontrados registros desse termo. Isso o leva a concluir que a Igreja primitiva tratava essa designação que Jesus aplicou a Si mesmo com a mesma reverência que os judeus tratavam o nome de Deus (Yahweh) nas sinagogas e nos círculos judaicos²¹⁶. Pensamos que essa teoria é bastante provável, pois o silêncio nos outros livros do Novo Testamento a confirma. Se assim for, o título que Jesus designa a Si mesmo é revestido de suprema sacralidade.

Ao fazer uma divisão dos ditos de Jesus nas três categorias citadas anteriormente, Connick percebeu a revelação de alguns interessantes fatos. Os ditos de Jesus referentes ao presente e as atividades futuras do “Filho do Homem” são embasadas nas fontes mais antigas e mais confiáveis, que são Q e Marcos. Quando se trata do sofrimento do “Filho do homem”, quase que somente Marcos contém essas palavras. O autor acredita que aquelas que não estão em Marcos podem ser acréscimos posteriores, como em Mt 26.2 e Lc 17.25. A fonte Q, estranhamente, silencia quanto ao sofrimento do “Filho do homem”²¹⁷. O nosso texto em questão de Marcos estaria classificado como Atividade Presente de Jesus. Ocorre em público e expressa a autoridade de Jesus, ao contrário daquelas referentes ao sofrimento, que sempre são ditas em particular, somente aos discípulos.

De acordo com Cullmann, apesar da amplidão que esse conceito implica e da importância desse título, nunca houve uma dogmática cristã baseada nele. Foi o único título com o qual Jesus designou a si mesmo. Jesus jamais chamou a si de “Messias”. Nem mesmo os evangelistas O designavam assim, quando queriam expressar a fé que possuíam nEle. Colocaram essas palavras vindas diretamente de uma fala direta de Jesus. Isso é uma evidência

²¹⁵ *Its presence in the Gospels is as conspicuous as its absence from the remainder of the New Testament.* CONNICK, 1974, p. 295.

²¹⁶ CONNICK, 1974, p. 295.

²¹⁷ CONNICK, 1974, p. 297.

de que reproduziram uma tradição já fixada, na qual Jesus se autodenominou assim²¹⁸.

Se essas palavras foram realmente pronunciadas por Jesus é um assunto que divide a opinião de muitos eruditos. Bultmann, em sua *Teologia do Novo Testamento*, diz que o dito é autêntico, mas não é nada especial, nem messiânico. Bornkamm em sua obra *Jesus de Nazaré* diz que provavelmente Jesus nunca pronunciou essas palavras. Tödt, em sua obra *The Son of Man in the synoptic Tradition*, pensa que foi a igreja primitiva que criou esses ditos²¹⁹. De acordo com esses estudos, a igreja poderia estar tentando criar uma certa imagem para Jesus, associando-o ao termo que era bem conhecido dos judeus já do Antigo Testamento.

Com isso, assumimos que era clara na mentalidade judaica a importância do “Filho do homem”. O que nos parece plausível de aceitar é que as citações de Marcos são originais, mas Mateus e Lucas podem tê-las retrabalhado, inserindo-as em seus textos. Ao analisarmos várias passagens dos sinóticos, onde Marcos não menciona o referido título de Jesus, Mateus e Lucas o fazem. Em Mc 9.1, por exemplo, Jesus fala no Reino de Deus, e Mateus, na passagem correspondente (16.28), fala do “Filho do Homem” e seu reino. A associação com a realeza do “Filho do homem” é clara. Em Mc 8.27, ocorre o mesmo. Jesus pergunta quem os homens dizem que Eu sou?, e Mt 16.13 escreve quem os homens dizem que o Filho do homem é? Ao lermos assim, parece lógico que a igreja foi acrescentando e reforçando esse título a Jesus, a partir dos escritos de Marcos.

Para alguns, isso é motivo para colocar em dúvida qualquer dito de Jesus²²⁰, mas o fato dos evangelistas Mateus e Lucas acrescentarem o título a Jesus nos seus relatos, pode significar que eles estavam reforçando uma idéia que era comum na época, e não que eles a tivessem inventando.

Para as palavras de Jesus serem melhor compreendidas, temos que saber o que o conceito “Filho do Homem” representava para o judaísmo, pois,

²¹⁸ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001, p. 181, 182.

²¹⁹ CONNICK, 1974, p. 297.

²²⁰ CONNICK, 1974, p. 300.

certamente, não era desconhecido para os judeus. Temos que tentar entender o que eles significavam ao usar essa expressão.

Filologicamente, $\text{ui}^{\text{`}}\text{o.j tou/ avnqrw,pou}$ remonta ao aramaico *Bar*, que tem seu equivalente no hebraico *Ben*, cujo significado é *filho* e *Nascha*, deriva da raiz do hebraico *isch*, cujo significado é *homem*. *Bar* pode ser empregado em sentido figurado. Em vez de dizer-se “mentiroso”, diz-se “filho da mentira”, por exemplo. Quando essa construção é usada, o genitivo que segue a *bar*, designa a espécie a qual ele pertence. *Barnascha* significa então, aquele que pertence a espécie humana, “homem”. Em grego, *Barnascha* deveria ser traduzido simplesmente por avnqrw,poj ²²¹. Poderia então ser um título messiânico? Apesar de Jesus não ter se autodeclarado “Messias”, veremos que era isso que Ele significava ao se dizer “Filho do Homem”.

A literatura judaica tardia indica que este termo geral, “homem”, serviu, na época de Jesus, para designar um salvador escatológico: é o título que ostentaria um mediador especial a aparecer no fim dos tempos²²².

Quando o termo aparece em Dn 7.13, há uma identificação com o povo de Deus, segundo explicação da mesma pessoa que teve a visão. Os animais são os representantes dos reinos e, por isso, pode-se supor que “homem” é o representante do povo dos santos. No judaísmo, se passa rapidamente do individual para o coletivo. Entende-se assim, que o “Filho do Homem anunciado por Daniel (7.13) foi posteriormente considerado pelos judeus como uma figura individual”²²³.

Os livros apócrifos de Esdras e Enoque etíope contêm essa imagem²²⁴. Connick também concorda que a maioria dos estudiosos interpreta que, “Filho do homem”, nessa passagem do livro de Daniel, é uma representação coletiva, não um título escatológico. Contudo, lembra que alguns especialistas

²²¹ CULLMANN, 2001, p. 182, 183.

²²² CULLMANN, 2001, p. 184.

²²³ CULLMANN, 2001, p. 185.

²²⁴ **Os livros apócrifos do Antigo Testamento (A.T.):** Estes não faziam partedo Cânon hebraico, mas todos eram mais ou menos aceitos pelos judeus de Alexandria que liam o grego, e pelos de outros lugares; e alguns são citados no Talmude. Esses livros, a exceção de 2 Esdras, Eclesiástico, Judite, Tobias, e 1 dos Macabeus, foram primeiramente escritos em grego, mas o seu conteúdo varia em diferentes coleções. Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/197.htm>>. Acesso em 01 set. 2010.

defendem que esse texto é de uma fonte muito antiga e, nessa fonte, o termo denotava uma figura individual²²⁵.

Pensamos ser muito interessante que “no livro etíope de Enoque, o “Filho do Homem” é aquele cujo nome é pronunciado pelo ‘Ancião de dias’ no começo da criação; aquele que, por conseguinte, foi criado antes de todas as demais criaturas”²²⁶. O Filho do Homem já existia então, antes da criação de todos os outros seres.

Também lembramos que, em geral, o que sabemos do messianismo judaico é aquele que é vindo do grupo dos fariseus ou dos saduceus. Contudo, a expressão o “Filho do Homem”, apresenta-nos muito mais, faz-nos ver que o judaísmo da época de Jesus era muito mais rico do que podemos supor. E não conseguiremos entendê-lo somente com os textos judaicos que temos na Bíblia. Todas as menções que temos desta expressão são muito enigmáticas para serem compreendidas somente no contexto bíblico.

O livro de Enoque nos faz conhecer um certo meio no qual a esperança messiânica tem um caráter distinto daquela do judaísmo oficial. Aqui já não se espera um Messias *político* que tenha de destruir os inimigos de Israel em uma guerra terrena e estabelecer um reino terreno, mas se espera o ‘Filho do Homem’ como um ser celestial sobrenatural: é o soberano celestial e não um rei deste mundo. O fato de que seja chamado ‘homem’, ou seja, que tenha uma figura humana não deve induzir-nos a erros, pois sua majestade divina não pode ser excessivamente sublinhada: não é, com efeito, um ser celestial preexistente que vive nos céus desde a origem dos tempos, antes de vir à terra no fim dos tempos?²²⁷

Essa descrição é a descrição ligando o termo à escatologia. O nosso texto de Marcos está mais ligado ao senhorio presente de Jesus. Ele diz que tem, no momento em que está falando, autoridade sobre o sábado. Essa autoridade não deixa de ser também escatológica, pois vem em uma linha temporal ininterrupta.

Interessante também é pensarmos porque do título “Homem” para um ser que é divino. Sabemos pelos textos judaicos da figura do Salvador, do Messias, mas a ênfase não é no humano. Essa corrente de expectativa do

²²⁵ CONNICK, 1974, p. 296.

²²⁶ CULLMANN, 2001, p. 186.

²²⁷ CULLMANN, 2001, p. 187, 188.

“Filho do Homem” ficou mais ligada aos círculos paralelos do judaísmo, aqueles que não são tão explícitos na bíblia. Para Cullmann,

Os textos judaicos não nos permitem explicar este fato singular. Isso prova haver uma relação com as concepções não judaicas de um ‘homem’ que, *sendo realmente homem*, possui uma dignidade divina particular; com efeito, a história das religiões nos ensina que existem especulações relativas a um ‘primeiro homem’, protótipo divino da humanidade²²⁸.

Podemos encontrar o embrião dessa concepção justamente na criação, no momento que o homem é criado à imagem de Deus (Gn 1.26). O primeiro homem, Adão, foi criado à imagem de Deus. Cullmann, a partir desse pensamento diz que,

compreendemos que seja justamente o ‘homem’ (na medida que representa a imagem fiel de Deus) o destinado a salvar a humanidade decaída. [...] trata-se tão somente de encontrar o ponto de contato do judaísmo com esta doutrina do ‘primeiro homem’²²⁹.

A associação de “primeiro homem” com salvação existe em muitas culturas, e povos que rodeavam o judaísmo também a possuíam. Importante para nós é que o cristianismo herdou a identificação deste homem celestial ideal com Adão. Paulo parece ter entendido isso quando falou em 1Co 15.45, no “último Adão”. Em 1Co 15.22, ele comparou Adão com Cristo. Jesus seria o segundo Adão, aquele que traria de volta aquilo que os seres humanos perderam no momento da queda. O primeiro homem se encontra relacionado à origem do pecado. Para Cullmann, o importante é

demonstrar o porquê, no judaísmo, a noção de arquétipo da humanidade e a de Filho do Homem que virá seguiram, em seu desenvolvimento, caminhos separados e, conseqüentemente, porque seu parentesco original deixou de ser visível. Pois este deve ter existido; senão, como compreender que o salvador escatológico seja chamado ‘homem’?²³⁰

Os judeus nunca abandonaram a idéia do Adão, o primeiro homem criado perfeito, *imago Dei*. Entretanto, nunca foi fácil associar a imagem da perfeição a Adão, pois ele pecou, foi responsável pela queda da humanidade. Justamente nesse ponto é que o conceito do homem celestial que viria para

²²⁸ CULLMANN, 2001, p. 188.

²²⁹ CULLMANN, 2001, p. 188.

²³⁰ CULLMANN, 2001, p. 190.

salvar a humanidade faz sentido. Ele iria levar os homens para o seu verdadeiro destino. Nesse ponto é que a idéia de “segundo Adão” e “Filho do Homem” se conectam. Ao segundo Adão seria dada a mesma chance que o primeiro Adão teve, mas não aproveitou, por ter pecado.

A conclusão é que a concepção judaica de “Filho do Homem” pode ser entendida de duas formas, ou aparece no judaísmo de duas maneiras. Pode ser um ser celestial que aparecerá no fim dos tempos e pode ser também um homem celestial que é identificado com o primeiro homem²³¹. As duas idéias se aplicam a Jesus. No fundo, o que as duas dizem é que viria um homem celestial para recuperar aquilo que havia sido perdido uma vez, no princípio. Todos os elementos aqui lembram tempos primordiais.

A questão nos parece ser aqui como Jesus sabia de todas essas coisas. Ele, certamente tinha um círculo de conhecidos e de conhecimento que ia bem além dos textos do Antigo Testamento. Ele estaria atribuindo a Si mesmo o título de salvador da raça humana, ao dizer-se “Filho do Homem”. Contudo, quais são as prerrogativas desse título? Ao declarar-se “Senhor do Sábado”, Ele tinha então, liberdade absoluta quanto a esse dia. Veremos agora, qual a essência teológica do sábado, e o que implica o senhorio de Jesus sobre esse dia.

2.2.6 Teologia do Sábado

Faremos aqui algumas reflexões sobre o significado e a importância do sábado na vida das pessoas. Tudo o que foi visto até aqui é importante, essencial. Entretanto, se isso não for traduzido em forma prática, o sábado perderá completamente o seu sentido. A lei de Deus é para ser compreendida e vivida. É muito fácil nos perdermos em um emaranhado de regras e normas e esquecermos aquilo que vivifica. A lei de Deus está diretamente relacionada com a ética, pois serve para determinar o melhor modo de viver no cotidiano e na sociedade.

²³¹ CULLMANN, 2001, p. 198, 199.

Vivemos em uma época que é marcada “por uma crise de orientação e insegurança de comportamento”²³². Precisamos de um referencial seguro que nos guie, a despeito de muitas vezes não nos darmos conta disso. A lei de Deus tem esse propósito. Orientar e facilitar a vida das pessoas, embora, freqüentemente, nos pareça difícil segui-la. Seguir a uma regra sempre dá ao ser humano a impressão de que ele está perdendo a liberdade.

Entretanto, há autores que lembram que “o decálogo não pode ser considerado um resumo da ética vétero-testamentária ou até mesmo da ética bíblica”²³³. Eles estão certos, porque o Decálogo é tremendamente amplo e não há como encaixar todos os aspectos do dia-a-dia das pessoas em dez leis. Ainda que nos esforcemos para isso, haverá lacunas. As leis devem ser então tomadas como fundamento, ponto de partida e devem ser interpretadas.

Essa foi a atitude dos doutores da lei em Israel. Queriam tanto obedecer a lei, que não lhes parecia ser específica o bastante, que terminaram por se enredar em um emaranhado de normas e divisões de normas que ao final, ficavam impraticáveis.

Quando chegamos a esse estágio, acreditamos que corremos dois riscos. Podemos encarar a lei secamente, e fazermos de tudo para cumpri-la, o que muitas vezes até pode ser bom moralmente, mas pode também trazer uma série de complicações de relacionamentos. As pessoas que se preocupam demais em apenas cumprir a lei tendem a ser duras e radicais com elas mesmas e, principalmente, com as outras ao redor. Também podemos pensar, a fim de tentar escapar desse processo, que a lei não mais existe, não é importante, já que somos salvos pela graça. Com isso, tiramos o valor e a finalidade atribuídos à lei pelo próprio Deus. É bem verdade que é a graça que salva, e é por ela que devemos viver. Isso não significa, todavia, que não devamos expressar a gratidão por essa graça que nos é concedida. Isso pode ser feito através de atos para com os próximos. Isso é viver o cristianismo em sua essência. Jesus deixa claro em Mt 7.19 da importância de produzir bons frutos.

²³² SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 9.

²³³ CRÜSEMANN, Frank. *Preservação da Liberdade: o Decálogo numa perspectiva histórico-social*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2006, p. 6.

Schrage escreve também sobre o perigo de transformarmos o cristianismo em “uma religião do além”²³⁴, tão embalados em promessas do porvir que esquecemos o presente e a situação dos que nos circundam. A igreja cristã do Novo Testamento não nos autoriza a isso. Pelo contrário, é uma igreja que atua e contagia as pessoas ao redor com a sua mensagem.

Ao nos dizermos cristãos, estamos declarando que seguimos os ensinamentos de Jesus Cristo e, por isso, é imprescindível que tenhamos uma conduta cristã baseada nos Seus ensinamentos. Essa é a razão pela qual o Novo Testamento é o nosso objeto contínuo de estudo. Jesus era um teólogo prático. Seus ensinamentos baseavam-se em situações da vida das pessoas comuns e são desses ensinamentos que devemos extrair a maneira de vivermos nossas vidas. Para Scharage, “o NT não é base de dedução, mas é a grandeza de referência decisiva, pois atesta a revelação escatológica da vontade de Deus em Jesus Cristo, que não é somente Reconciliador e Redentor, mas também senhor que ordena”²³⁵.

Delimitamos a nossa análise em um texto do evangelho de Marcos, pois pensamos ver ali declarações de Jesus que nos levam a refletir a respeito daquilo que Ele considerava importante para a salvação dos seres humanos. As primeiras palavras de Jesus registradas no evangelho de Marcos falam da urgência de arrependimento e declaração de fé, pois o Reino de Deus está às portas (Mc 1.15). Não podemos nos esquecer nunca disso. A mensagem de Jesus estava alicerçada no Reino de Deus. Várias foram as histórias que contou para ilustrar como era esse reino (Mc 4.26; Lc 13.20; Mc 4.30). Ele tinha isso em mente em cada palavra pronunciada ou ação que fazia.

Deveríamos, então, perguntar-nos como deveria ser esse reino. Um reino que já está presente, conforme foi anunciado por Jesus (Mt 12.28; Lc 10.9) e ao mesmo tempo é um reino que pertence ao tempo escatológico (Lc 22.18). Quando pensamos no Reino de Deus, não deixamos de inserir nesse conceito aquilo que entendemos por reino, de acordo com os modelos terrenos que temos. Contudo, se existe algo que podemos abarcar nesse nosso conceito pobre e incompleto é que um reino implica em senhorio. Não há reinos

²³⁴ SCHRAGE, 1994, p. 9.

²³⁵ SCHRAGE, 1994, p. 10.

sem existir senhores. Jesus deixa claro o Seu senhorio nesse reino. Ao aceitarmos Jesus como nosso Senhor, passamos a fazer parte desse reino de forma ativa. Esse reino é um reino presente. Apesar de o título de “Filho do Homem” possuir um amplo sentido escatológico, Jesus fala para as pessoas naquele momento, e o tempo “hoje” é sempre aquele que Jesus busca para atingir as pessoas. É no presente que Jesus quer exercer seu senhorio.

Devemos admitir que as palavras de Jesus expressam urgência. Como o Reino de Deus está próximo, a demora a tomar decisões pode ser prejudicial ou fatal para os seres humanos. O tempo pertence a Deus, não aos humanos. A nós compete estarmos preparados, pois o amanhã é incerto. Parece-nos que Jesus tentava colocar as coisas na perspectiva certa.

O senhorio de Jesus e a urgência das Suas palavras estão ligados com a palavra “conversão”, palavra que não é nova para o judaísmo. Os profetas do Antigo Testamento clamavam ao povo para que se arrependessem e se convertessem a Deus (Is 30.15; Ez 33.11).

2.2.6.1 O senhorio de Deus como fundamento para o sábado

Conversão para Jesus significa abandono de todas as coisas anteriores. Ele entrega-se absolutamente a nós, e exige a mesma coisa de nós, “seu senhorio toma conta do ser humano todo e exige, correspondentemente, obediência integral”²³⁶.

Quando pensamos nessa obediência integral, poderíamos pensar, então, que Jesus nos cobra a lei com fervor ainda maior que os fariseus. Porém, vemos que não é isso que acontece. Com relação ao sábado, Jesus não se incomoda em envolver-se em uma discussão, se for para restabelecer o lugar e a função primordial da lei. Pela reação de Jesus em nosso texto de Mc 2.23-28, quando os fariseus criticaram Seus discípulos e, com isso, a Ele mesmo, Jesus mostrou que não há por que seguir a lei cegamente, se o preço disso será o sofrimento do ser humano. Contudo, não temos nenhuma palavra direta de Jesus dizendo que a lei do sábado, ou qualquer lei, deva ser

²³⁶ SCHRAGE, 1994, p. 47.

revogada. Em Mt 5.17, ao contrário, Ele diz que veio para cumprir a lei e aquilo que os profetas dEle diziam. Às vezes Jesus parecia ser mais radical quanto ao cumprimento da lei do que os próprios fariseus. O Seu pronunciamento quanto ao divórcio é um exemplo, conforme Mt 19.9.

Ao lermos o Decálogo, notamos que os quatro primeiros mandamentos são referentes ao relacionamento do ser humano para com Deus e os seis últimos são referentes ao relacionamento entre os seres humanos. O mandamento do sábado é um mandamento intermediário entre aqueles que são relacionados com Deus e aqueles que são relacionados com as pessoas. Se tomarmos tanto o Decálogo de Êxodo quanto o de Deuteronômio, veremos que somente ele e o próximo, o quinto mandamento, não iniciam com proibição (não). Entretanto, é o mandamento mais longo e mais detalhado quanto às proibições. Para Crüsemann, “isso sublinha sua posição central”²³⁷. Pode significar também a importância cada vez maior que foi sendo dada a esse mandamento após o exílio²³⁸.

Contudo, pensamos que, se esse mandamento foi sendo retrabalhado após o exílio, é uma indicação de que é mais antigo do que o período de cativeiro do povo israelita. Crüsemann também levanta a questão que em Êx 34 e no Código da Aliança (Êx 24), documentos que são mais antigos que o Decálogo, já existia o descanso sabático, sem ser usada a palavra *shabbat*. Há documentação, então, de um dia semanal de descanso conhecido pelo povo israelita, antes do Decálogo²³⁹.

Apesar de aparecer a palavra “santificar” nesse mandamento, o que remete a um sentido religioso, as exigências que detalham o mandamento não são relacionadas ao culto. A razão para santificar o sábado em Êx 20 é a criação de Deus e em Dt 5 é a libertação do Egito. A forma para a santificação que é dada é uma série de atividades que não devem ser feitas. Assim como Deus descansou, após o Seu período criativo, os seres humanos devem deixar suas atividades de lado nesse dia.

O quarto mandamento é o único que se utiliza de um termo técnico, *shabbat*, e se não soubermos o que essa palavra significa, não

²³⁷ CRÜSEMANN, 2006, p. 45.

²³⁸ CRÜSEMANN, 2006, p. 45.

²³⁹ CRÜSEMANN, 2006, p. 45.

entenderemos o que deve ser feito nesse dia. O santificar o sétimo dia seria então o não fazer nada nesse dia²⁴⁰. Conforme as especificações contidas nos dois Decálogos, realmente o povo judeu não tinha como saber o que deveria ser feito no sábado, a grande preocupação era o que não poderia ser feito. Jesus foi aquele que trouxe luz a essa questão. Com as Suas palavras, Ele não estava quebrando a lei, mas a colocando em um patamar acima daquele que os israelitas a tinham colocado, por falta de entendimento e talvez de mais revelação. Acreditamos existir uma “revelação progressiva” da parte de Deus. Isso significa dizer que Deus, pouco a pouco, vai revelando, através da Sua palavra, de Seus profetas ou de quaisquer outros meios que julgar necessários, a Sua vontade. Podemos perceber isso através da Bíblia e da História da Humanidade. O Deus do Antigo Testamento foi sendo revelado aos poucos. Os patriarcas O conheciam com o nome de “El-Shadai”. Foi através de Moisés que tivemos conhecimento de “Javé”. Cristo veio e revelou outra faceta do Pai, que não estava completamente clara para os seres humanos.

O próprio teólogo Von Rad nos escreve em sua teologia:

Como vimos, a história de Israel com Deus apresenta a tendência de exercer uma incrível pressão para a frente. E esse fenômeno de uma espera, cuja repressão se torna cada vez mais poderosa, no Novo Testamento aparece em uma nova luz. É que ali esse fenômeno recebe a sua conversão hermenêutica final e a sua interpretação definitiva, após todos esses numerosos recomeços na história da salvação anterior. Mas se considerarmos sob esse ângulo o processo, em que os cristãos adotaram e continuaram as tradições veterotestamentárias, e compreendermos que ali estava se realizando de novo e de forma conclusiva uma “lei” que determinaria toda a história da salvação veterotestamentária, muito menos se justifica considerar que o aproveitamento e a argumentação com elementos veterotestamentários constituísse uma reinterpretação abusiva daquilo que a tradição transmitiu. Pelo contrário, para a compreensão cristã primitiva trata-se de uma metamorfose da tradição que à luz das novas disposições salvíficas é tão legítima quanto as que por várias vezes já haviam ocorrido dentro do Antigo Testamento²⁴¹.

Parece-nos que Deus vai se revelando aos poucos. Os seres humanos não têm condições para compreender Deus em Sua totalidade, por isso, aos poucos Ele vai se deixando entender um pouco mais. Com Jesus, nós tivemos

²⁴⁰ CRÜSEMANN, 2006, p. 45.

²⁴¹ VON RAD, 2006, p. 758, 759.

o auge da revelação divina. Isso não aconteceu somente com o mandamento do sábado. O sexto mandamento que diz “não matarás” foi ampliado por Jesus, conforme Mt 5.21,22. Para Jesus, o ódio ao irmão é também uma forma de matar. O sétimo mandamento também, de acordo com Mt 5.27. Adulterar é mais do que o ato em si, intenções também contam para isso. Mais adiante Jesus diria que é de dentro do coração humano que procedem todas as coisas (Mc 7.21,22).

O significado do “não fazer nada” no dia do sábado, conforme o mandamento, envolvia todas as pessoas que estavam na propriedade. Isso, naquele tempo, trazia conseqüências econômicas importantes. Em uma sociedade agrícola, como o era Israel então, não poder trabalhar em um dia significava “renunciar a uma parte não-desprezível da receita familiar”²⁴².

As fundamentações para este mandamento no Decálogo, de acordo com Crüsemann são secundárias. Podemos apenas conjecturar sobre o sentido original das mesmas. Poderia o mandamento estar ligado ao sagrado descanso da terra a cada sete anos, como é estabelecido no Código da Aliança. O verbo “shabbat” indica a ação, mas não o significado²⁴³. Por isso, acreditamos ser importante, mais uma vez, retomar Gn 2.1-3. Se entendermos que o sábado foi estabelecido no momento da criação, temos o fundamento para o mesmo. Aqui podemos ter o primeiro sentido teológico para o sábado: reconhecimento de que existe um Deus criador e que todos nós somos Suas criaturas. Para alguns parece bastante lógica essa conclusão. Entretanto, não é fácil para nós como seres humanos entregarmos nossas vidas a um Senhor. Deus é esse Senhor que tudo nos concede, mas tudo nos pede, também. É Deus zeloso, conforme Dt 6.15.

A questão do não trabalhar no dia do sábado não é diferente nos dias de hoje. Aqui colocamos o segundo sentido teológico do sábado. Guardar o sábado envolve confiança de que nada nos faltará, a despeito de trabalharmos um dia a menos do que poderíamos. Em Mt 6. 25-24 Jesus nos fala que não temos necessidade de nos preocuparmos com as coisas da vida, Deus sabe

²⁴² CRÜSEMANN, 2006, p. 47.

²⁴³ CRÜSEMANN, 2006, p. 47.

que precisamos delas e nos concede. O sábado é sinal de confiança em Deus. Confiança está ligada à fidelidade. Deus é fiel a nós e por isso, nós seremos fieis a Ele.

O terceiro sentido teológico que encontramos no sábado é obediência e está relacionado com o senhorio de Deus. Devemos obediência ao nosso Senhor. Também é relacionado à confiança, pois somente podemos obedecer de coração a alguém se confiamos nessa pessoa. O nosso relacionamento com Deus também é assim.

Ainda assim, resta a pergunta. O que devemos fazer no sábado? Esse mandamento é o que Jesus mais relativiza. Gostamos do que o teólogo Mueller escreve:

Os mandamentos foram dados para a preservação da liberdade recém conquistada. Portanto, seu tema é a liberdade e não um jugo ou uma nova escravidão. Os mandamentos não querem ser lei que engessa, mas instruções para a preservação da liberdade contra os inimigos da mesma²⁴⁴.

O sábado não pode e não deve servir para ameaçar a liberdade das pessoas. Ao decidirmos o que fazer no sábado, devemos ter em mente as palavras de Jesus, quando Ele disse em Mc 2.27,28 que o sábado foi feito para a raça humana, então, aquilo que for para o bem das pessoas, podemos fazer. Certamente não devemos esquecer que o bem para algumas pessoas é algo que pode ser classificado de ato egoísta para outras. Todas as coisas devem passar antes pela aprovação do senhorio de Jesus.

Para finalizarmos, lembramos que o texto de Gn 2.1-3 diz que Deus, primeiramente, abençoou o sétimo dia. Isso significa que o sábado é antes de tudo, uma bênção para as pessoas. Deus quer nos abençoar através desse dia. O que será essa bênção, não sabemos. Somente por termos um dia que nos afastamos das coisas corriqueiras da vida e nos lembramos que temos um criador, já nos torna diferentes do mundo em geral. Sabermos que temos um Senhor que provê todas as coisas, também é sinal de que pertencemos a um povo santo e protegido por Deus.

²⁴⁴ MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo/São Leopoldo: Teológica/Sinodal, 2005, p. 93.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos que aqui realizamos, gostaríamos de tecer algumas conclusões. Fica evidente, primeiramente, a amplitude do tema e a necessidade de aprofundamento de cada tópico aqui manifestado.

Quanto ao capítulo 1 entendemos que: o único momento na bíblia em que aparece a origem do sábado é em Gn 2.1-3. Como esse texto é tido como alegórico por muitos, há a tentativa de encontrar a origem do sábado fora da bíblia, em povos que circundavam o que viria a ser a terra de Israel. Semelhanças existem entre o sábado de Israel e o dia especial desses povos. Contudo, não fica evidente um ponto que os una de tal forma que se possa dizer que o sábado bíblico proveio dali. A associação com a lua também é bastante estudada, uma vez que o ciclo lunar é visível e ele acontece em períodos de aproximados sete dias.

Para entendermos o sábado como sendo o sétimo dia temos que, mais uma vez, tomarmos como ponto de partida a criação como está relatada em Gênesis. Os textos bíblicos encontrados no Antigo Testamento, principalmente no Pentateuco, não são unívocos com relação a isso.

A Teoria da Criação é uma teoria que apresenta muitas lacunas. Há muito ainda a ser esclarecido e talvez isso seja mesmo impossível. Contudo, apresenta, também, pontos que são lógicos e que têm probabilidade de serem verdadeiros. A Teoria da Evolução, apesar de ser entendida como imparcial e completamente científica, também possui falhas que os cientistas não conseguem explicar. Estudar as duas é, no mínimo, aquilo que é mais sensato a ser feito, antes de emitirmos opiniões decisivas sobre tais assuntos. É uma teoria que apresenta exemplos que fazem muito sentido na lógica do desenvolvimento da natureza ao nosso redor. Simplesmente criticá-la não é uma atitude sábia. Buscar informação e compreensão sim.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm por base das suas crenças a Teoria Criacionista. Entendem que o sábado está alicerçado nela. Há textos na bíblia que indicam que o “dia” registrado no livro de Gênesis é um dia literal de 24

horas. Os autores do texto do relato da criação, pelo menos, assim o acreditavam.

O evangelho de Marcos é uma fonte rica de palavras e ações de Jesus. Há muitas evidências de que foi o primeiro evangelho a ser escrito e há também pistas de que Marcos foi discípulo de Pedro. A probabilidade dos textos encontrados em Marcos serem verdadeiros é bastante alta, pois Marcos parece ter contado as histórias que ouviu de alguém que foi testemunha ocular da vida e dos ensinamentos de Jesus.

Ao analisarmos o texto de Mc 2.23-28, entendemos que Jesus pronunciou ali palavras que o identificam com a criação e com a redenção dos seres humanos. O título que conferiu a Si mesmo de “Filho do Homem” lhe outorgava tais poderes. Não encontramos palavras de Jesus dizendo que o mandamento do sábado não é mais válido ou que devemos guardar outro dia no seu lugar. Encontramos sim palavras de Jesus criticando aqueles que mal compreendiam o sábado e o usavam para criticar as pessoas e tentar achar nelas motivos de erros e pecados.

O exemplo de Jesus com relação ao rei Davi, ainda que encontremos algumas incoerências históricas nele, não deixa de ser válido. Jesus estava exemplificando o elemento do sagrado, não se atendo a detalhes menores. Ao pronunciar as palavras do versículo 28, Jesus assume-Se como Senhor de todas as coisas. Ele tem poder para mudar o que Ele quiser e, se fosse da Sua vontade, poderia até mesmo mudar o dia de adoração especificado por Deus, do sábado para qualquer outro dia que Lhe conviesse. Contudo, não há indicações de que assim o tenha feito. Um estudo sobre o princípio da adoração dos cristãos no domingo seria bem elucidativo para essa questão. Infelizmente, não houve tempo e espaço físico para tal estudo.

Jesus não indicava preocupação com o fato do dia em si de adoração. Sua preocupação demonstrava estar na forma que essa adoração acontecia. Sua preocupação era estabelecer valores que necessitavam ser reajustados, pois haviam se perdido com o passar dos séculos.

A teologia do sábado deve ser interpretada à luz das palavras de Jesus. A letra crua só nos diz aquilo que não devemos fazer, mas não indica o que devemos. O constante atendimento e a constante atenção que Jesus

dedicava às pessoas deve ser o nosso indício do que é possível ser feito nesse dia. A partir de Jesus, a lei assumiu um sentido muito mais amplo e muitas vezes muito mais rígido do que tinha anteriormente. Não foi o que aconteceu com o sábado. Jesus libertou as pessoas do grande fardo que estava sendo para elas guardar esse dia, mostrando o sentido da verdadeira adoração.

Nos nossos dias, nossa preocupação também deve ser com o espírito que o sábado tem. Apegamo-nos demais na forma e corremos o risco de deixarmos passar valores que são o que realmente importam. Se o sábado é um dia abençoado e santificado, devemos vivê-lo assim. As formas de adoração podem ser diferentes, pois cada um tem o seu próprio meio de se comunicar com Deus. Respeitemos então o direito que cada um tem de adorar a Deus, não sobrecarregando a ninguém e não tornando o que pode ser uma bênção em um fardo.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 816 + 278 p.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. rev. São Paulo: Paulinas, 1986, 2366 p.

A BÍBLIA na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1055 + 384 p.

ANDREASEN, Niels-Erk A. *The Old Testament Sabbath: A Tradition-Historical Investigation*. Angwin, CA: Society of Biblical Literature, 1972. 301 p.

BACCHIOCCHI, Samuel. *Do Sábado para o Domingo*. Roma: The Pontifical Gregorian University Press, 1977. 136 p.

BACCHIOCCHI, Samuel. *Minha Pesquisa sobre o Dia do Senhor*. Disponível em: <<http://www.verdadeonline.net/textos/odiadosenhlor.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2010

BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008, 392 p.

BHS Hebrew Old Testament (4th ed.). *Bible works*. versão 6.0, 1995.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, 556 p.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 1(Mateus, Marcos), 806 p.

CHILDS, Brevard S. *The book of Exodus: a critical, theological commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974. 659 p.

CONNICK, C. Milo. *Jesus: the man, the mission, and the message*. 2 ed. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1974, 464 p.

CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento. São José dos Campos: Editora Fiel, 1994, v. 1 (grego-português). 902 p.

CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento. São José dos Campos: Editora Fiel, 1997, v. 1 (português-grego). 849 p.

CORDERO, Maximiliano Garcia. *La biblia y el legado del Antiguo Oriente: el entorno cultural de la historia de salvación*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977. 707 p.

CRÜSEMANN, Frank. *Preservação da Liberdade: o Decálogo numa perspectiva histórico-social*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2006, 85 p.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001, 440 p.

DAWN, Marva J. *Keeping the sabbath wholly: ceasing, resting, embracing, feasting*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2003, 217 p.

DELITZSCH, Franz. *Babel and Bible: two lectures*. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2004, 256p.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 512.

ELLISON, H. L. *Genesis*. In *The International Bible Commentary with the New International Version*, ed. F.F. Bruce, Michigan: Marshall Pickering/Zondervan, 1986. 1629 p.

GASS, Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulus, 2004. 216 p.

GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento: Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Editora Sinodal/CEBI, 2007. 388 p.

Greek LXX/BNT. *Bible works*. versão 6.0, 1995.

GRUYTERS, Antônio H. M. *Santificar sábado ou domingo: o que diz a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, 51 p.

GUELICH, Robert A. *Word biblical commentary: Mark 1-8:26, v34A*, Dallas, Word Books, 1989, 454 p.

HASEL, Gerhard F. *The Sabbath in the Pentateuch*. In: *The Sabbath in Scripture and History*. Washington, D.C.: K. A. Strand, 1982, p- 21-43.

_____. *The "Days" of Creation in Genesis 1: Literal "Days" or Figurative "Periods/Epochs" of Time?* *Origins* 21(1), 1994, 1-20. Disponível em: <http://www.bibelschule.info/streaming/Gerhard-F.-Hasel---The-'Days'-of-Creation-in-Genesis-1_24045.pdf> . Acesso em: 15 ago. 2010.

HAYNES, Carlyle B. *Do sábado para o domingo*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1997, 139 p.

HENDRIKSEN, William. *New Testament Commentary: The Gospel of Mark*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1975. 700 p.

HOMBURG, Klaus. *Introdução ao Antigo Testamento*, [s.l.:s.n.:s.d.]. 203 p.

LANE, William L. The Gospel According to Mark: The English Text with Introduction, Exposition and Notes. IN *The New International Commentary on the New Testament*, Ed. F.F. Bruce, 2. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974. 652 p.

INTERPRETER'S BIBLE in twelve volumes, THE. New York: Abingdon Press, 1952-1957, 12 v.

LEIS de caráter incondicional. Disponível em:
<www.batistafluminense.org/pastas/552/Liçãõ_2_Leis_no_AT.doc> Acesso em 16 dez. 2010

MARCUS, Joel. *Mark 1-8. A new translation with introduction and commentary by Joel Marcus*. New York: Doubleday, 2000. The Anchor Bible. v. 27, 569 p.

MEIER, John P. *Um Judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. v. 1, 483 p.

MÍGUEZ, Julio Lamelas. Ezequiel. IN *Comentário ao Antigo Testamento II*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004. 2 v.

MISHNÁ. Espanhol.; VALLE, Carlos Del (Ed.). *La Mishná*. 2. ed. revisada y corregida Salamanca: Sígueme, 2003. 1525 p.

MISHNÁ Disponível em <<http://dicionario.babylon.com/mishnah/>> Acesso em: 01 set. 2010.

MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo/São Leopoldo: Teológica/Sinodal, 2005, 110 p.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1978, 240 p.

NOTH, Martin. *Exodus: a Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1962. 283 p.

_____. *Leviticus: a commentary*. London: SCM Press, 1977. 208 p.

NOVO TESTAMENTO interlinear grego-português. Tradução: Vilson Scholz; Roberto G. Bratcher. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, 979p.

NOVUM Testamentum Graece. 27 ed. Tradução Nestle-Aland. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 1979. 872 p.

NT Morphology. *Bible works*. versão 6.0, 1995.

ODOM, Robert L. *Sabbath and Sunday in early Christianity*. Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1977.

OPORTO, Santiago Guijarro. *Ditos primitivos de Jesus: uma introdução ao "Proto-evangelho de ditos Q"*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, 117p.

OS LIVROS apócrifos do Antigo Testamento (A.T) Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/197.htm>>. Acesso em 01 set. 2010.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1993, 248 p.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2007, 639 p.

RÖSEL, Martin. *Panorama do Antigo Testamento: História, Contexto, Teologia*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2009. 232 p.

ROWLEY, Harold Henry. *Moses and the Decalogue*. Manchester, UK: The Manchester University Press, 1951, 118p.

ROTH, Ariel A. *Origens: relacionando a Ciência com a bíblia*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007, 384 p.

SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. Minas Gerais: CEIBEL, 1998, 203p.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004a. 562 p.

_____. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004b, 395p.

SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, 388 p.

SCHULTZ, Samuel. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007. 413 p.

SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2008. 94 p.

SCHÜRER, Emil. *The history of the Jewish people in the age of Jesus Christ (175 B.C.-A.D. 135)*. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd, 1979.

STINA, Neumoel. *Estacione aqui: Deus convida você para descansar*. São Paulo: Scortecci, 2007, 262 p.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida Nova. 2008. 377 p.

THEISSEN, Gerd. MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 651 p.

TIMM, Alberto R. *O sábado na bíblia: por que Deus faz questão de um dia*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010, 124 p.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, Targumim, 2006. 901 p.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001, 407 p.

WESTERMANN, Claus. *Genesis 1-11: A Continental Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1994, 636 p.

WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito: entre Cristo e Satanás*. 36ed. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988, 719p.

ZENGER, Erich. A Sagrada Escritura de judeus e cristãos. IN: *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 557 p.